



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**SUIANY SILVA DE MORAES**

**“EU NUNCA TINHA ESCUTADO FALAR SOBRE FAVELA NO BENFICA”:  
CONFLITOS SOCIAIS E MERCADOS ILÍCITOS EM UM BAIRRO  
UNIVERSITÁRIO.**

**FORTALEZA**  
**2018**

SUIANY SILVA DE MORAES

“EU NUNCA TINHA ESCUTADO FALAR SOBRE FAVELA NO BENFICA”:  
CONFLITOS SOCIAIS E MERCADOS ILÍCITOS EM UM BAIRRO UNIVERSITÁRIO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Cultura, Política e Conflitos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. César Barreira.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M823<sup>4</sup> Moraes, Suiany Silva de.  
“EU NUNCA TINHA ESCUTADO FALAR SOBRE FAVELA NO BENFICA” : CONFLITOS SOCIAIS E MERCADOS ILÍCITOS EM UM BAIRRO UNIVERSITÁRIO. / Suiany Silva de Moraes. – 2018.  
124 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Prof. Dr. César Barreira.
1. Tráfico de Drogas. 2. Crime. 3. Conflitos Sociais. 4. Facções Criminais. 5. Bairro. I. Título.

CDD 301

---

SUIANY SILVA DE MORAES

“EU NUNCA TINHA ESCUTADO FALAR SOBRE FAVELA NO BENFICA”:  
CONFLITOS SOCIAIS E MERCADOS ILÍCITOS EM UM BAIRRO UNIVERSITÁRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Cultura, Política e Conflitos Sociais.

APROVADA EM: 31/08/2018

BANCA EXAMINADORA

---

PROF. DR. CÉSAR BARREIRA (ORIENTADOR)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

---

PROFA. DRA. JÂNIA PERLA DIÓGENES DE AQUINO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

---

PROF. DR. CLODOMIR CORDEIRO DE MATOS JÚNIOR  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA)

A Deus e as energias positivas do  
Universo.

Aos meus pais, Fransuá e Jocineide.

## **AGRADECIMENTOS**

A Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida que me permitiu poder me dedicar a pesquisa e ao estudo de teoria.

Ao Laboratório de Estudos da Violência (LEV) agradeço a acolhida desde o início da minha trajetória acadêmica. Através dele pude ter várias oportunidades de pesquisa que, sem dúvida, foram e são fundamentais para a minha construção profissional.

Ao Prof. Dr. César Barreira por acreditar e confiar em mim. Agradeço as orientações sempre precisas, as indicações bibliográficas preciosas e o incentivo que sempre me levou para frente.

A Secretaria do Programa, nas pessoas da Socorro e Lorena, por ter sempre estado disponível para ajudar, bem como tirar dúvidas. Agradeço também aos Coordenadores do Programa, Professora Glória Diógenes e Professor Fábio Gentile, e ao colegiado que prontamente atenderam as solicitações de auxílio.

A Profa. Dr. Jânia Perla por tudo ao longo da pesquisa. Agradeço sua contribuição e colaboração na banca de qualificação e agradeço ainda mais a disponibilidade de sempre dialogarmos sobre minhas angústias em campo. Suas contribuições foram muito significativas para mim. Agradeço também a disponibilidade de compor a banca de defesa da dissertação.

Ao Prof. Dr. Luiz Fábio Paiva pelas generosas contribuições na banca de qualificação e, principalmente, por ter me entregue o texto tão bem analisado e pontuado. Foi algo que ajudou muito o meu processo de construção, ademais, suas colocações foram uma base reflexiva sempre muito forte para mim ao longo da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos pela aceitação em participar da banca de defesa da dissertação. Agradeço por estar comigo nessa caminhada.

Aos meus interlocutores e a comunidade por me receberam de braços abertos. Gostaria de citar o nome de todos que me deixaram adentrar suas casas, conhecer seus modos, seus “corres” e suas vidas. Não o faço para manter a ética do sigilo da pesquisa, mas saibam que sem vocês, Antônio, Juliene, João, nada disso teria ocorrido.

Ao Ítalo Lima pela revisão e o incentivo na reta final da escrita, principalmente nos momentos que nem eu acreditava.

Aos colegas de laboratório e pós-graduação pelas conversas, trocas e incentivos ao longo do percurso.

Aos amigos do peito que foram fundamentais na minha trajetória e sempre estiveram torcendo por mim e comigo.

Por fim, agradeço profundamente aos meus pais, que mesmo sem ter compreensão das minhas escolhas, nunca hesitaram em me apoiar. A eles, devo todas as minhas conquistas. Sem eles nada teria sido possível.

“É mais um mano

[...]

Com 16 já assinou um B.O. (ó)

Comerciante da pedra e do pó (ó)

23 anos no peito um crucifixo

E traficar agora é o seu novo serviço (por  
quê?)

Com o patrão já firmo um compromisso

800 reais por mês é o seu vício (para com  
isso)

[...]

Infelizmente o crime não é creme

E ele segue esperto de olho na PM

E embaçado um dia a casa cai

E não será seu filho, mais um órfão de pai

Peço a deus para me guardar

E meu caminho sempre iluminar

Pois não queria ser analfabeto

Queria ter estudo, colegial completo

Queria ter emprego

Uma ocupação (por que não?)

Vida bandida culpa da situação

(Rappin Hood – Vida Bandida)

## RESUMO

O presente trabalho versa sobre o bairro Benfica, em Fortaleza, Ceará. Objetiva-se compreender as dinâmicas dos conflitos e das disputas pelos pontos simbólicos para o comércio da droga no varejo. O Benfica, localizado a 3km do centro de Fortaleza, é um bairro que apresenta um grande fluxo de atores sociais que fazem uso da diversidade dos espaços do bairro. Caracteriza o bairro como de classe média e periférico, apresentando suas comunidades e os cotidianos marcados pelas adversidades das "correrias". Mesmo o Bairro não figurando entre os mais violentos da cidade de Fortaleza, narrativas de disputas, conflitos e violências diversas se espraiam ao longo do território. Interessa-se compreender como esses fenômenos se constituem, se articulam e se expressam nesse espaço. Os conflitos sociais foram analisados por suas ligações perigosas no entorno das disputas pelos mercados de drogas ilícitas, buscando-se analisar como isso impacta na vida cotidiana de quem vivencia os espaços. Busca-se compreender as transformações dos espaços urbanos e do crime ao longo dos últimos anos e, principalmente, com o fenômeno da faccionalização do crime. Os resultados são provenientes da pesquisa realizada no bairro Benfica, nas suas comunidades e nos seus espaços de usos simbólicos. A mesma foi realizada em cooperação com os "envolvidos" e com a comunidade local. A abordagem metodológica adotada foi o acompanhamento e a vivência das práticas dos "envolvidos" e dos moradores estudados.

**Palavras-chave:** Tráfico. Drogas. Crime. Conflitos. Facções. Bairro.

## ABSTRACT

This work is about daily scenes of the Benfica neighborhood, in Fortaleza, Ceará. It aims to understand the dynamics of conflicts and disputes over symbolic points for the drug trade in retail. Benfica, located 3 km from the center of Fortaleza, is a neighborhood that presents a great flow of social actors that make use of the diversity of the spaces of the neighborhood. Featuring the neighborhood as a middle class and peripheral, presenting their communities and daily life marked by the adversities of the "rush". Even the neighborhood not being among the most violent in the city of Fortaleza, narratives of disputes, conflicts and various violence spread throughout the territory. We are interested to understand how these phenomena are constituted, are articulated and expressed in this space. Social conflicts were analyzed for their dangerous connections in the context of disputes over illicit drug markets, seeking to analyze how this impacts on the daily life of those who experience the spaces. It seeks to understand the transformations of urban spaces and crime over the last years and, mainly, with the phenomenon of factionalization of crime. The results come from the research carried out in the Benfica neighborhood, in their communities and in their spaces of symbolic uses. This work was done in cooperation with the "involved" and with the local community. The methodological approach adopted was the monitoring and experience of the practices of the "involved" and the residents studied.

**Keywords:** Drug trafficking. Crime. Social Conflicts. Factions. Neighborhood.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ADUFC	Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará
AIS	Áreas Integradas de Segurança
AV	Avenida
CE	Ceará
CEPEP	Escola Técnica Profissionalizante
CH 1	Centro de Humanidades I
CH 2	Centro de Humanidades II
CH 3	Centro de Humanidades III
CV	Comando Vermelho
CVLI	Crimes Violentos Letais e Intencionais
CVP	Crimes Violentos Patrimoniais
FDN	Família do Norte
FEAAC	Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade
GDE	Guardiões do Estado
IBGE	Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFCE	Instituto Federal Tecnológico do Ceará
INFOPEN	Departamento Penitenciário Nacional – Levantamento Estatístico
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
LEV	Laboratório de Estudos da Violência
PCC	Primeiro Comando da Capital
SENASP	Secretaria Nacional de Segurança Pública
SER	Secretaria Executiva Regional
SINTUFC	Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Federais do Estado do Ceará
SSPDS	Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A TRAJETÓRIA DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: RELAÇÕES COM O BAIRRO, TRABALHO DE CAMPO E CONTRUÇÃO DE EMPATIAS.....	33
2.1	Aspectos metodológicos – construindo caminhos.....	40
2.2	Dilemas éticos e morais de uma pesquisa com o crime.....	51
2.3	Interlocução e pesquisa: atores envolvidos no processo.....	61
3	ASPECTOS HISTÓRICOS, CARACTERÍSTICAS GERAIS E REFERÊNCIAS SIMBÓLICAS DO BAIRRO BENFICA.....	65
3.1	Narrativas históricas – da <i>Belle Époque</i> aos dias atuais.....	69
3.2	Referências simbólicas do bairro.....	72
3.3	“Eu nunca tinha escutado falar sobre favela no Benfica”.....	79
4	CRIME COMUM, CRIME FACCIONADO E DISPUTAS TERRITORIAIS.....	88
4.1	“O tempo fechou na favela, é fera engolindo fera, quem não tem proceder já era”.....	93
4.2	“Quando eu cheguei no corre não tinha guerra”.....	104
5	CONCLUSÃO.....	111
	REFERÊNCIAS.....	115
	APÊNDICE A.....	122

## 1 INTRODUÇÃO

Os discursos das violências e dos conflitos ganham cada vez maiores proporções com os riscos latentes presentes na vida cotidiana das grandes cidades no mundo contemporâneo. São caminhos alterados, vivências entrecortadas e uma avalanche de doenças psicossomáticas advindas dessa realidade que afetam as trajetórias dos usuários das grandes metrópoles. Soma-se a esse contexto o avanço da *violência urbana* (MISSE, 2011) com seu caráter difuso e inesperado (BARREIRA, 2013) que transforma em vítima potencial todo e qualquer indivíduo na cidade.

O crescimento de episódios de violência e seu desborde para áreas antes razoavelmente protegidas, que vêm se acumulando há décadas, transformou-o em um dos principais problemas da agenda pública, construído a partir da identificação de ameaças reiteradas à integridade pessoal e patrimonial que passou a dominar as preocupações de amplas camadas da população [...]. (MACHADO DA SILVA, 2010, p. 284).

Dessa forma, a violência urbana provoca uma profunda mudança na experiência de vida das grandes cidades e metrópoles, problematizando uma ordem social específica pautada na *sociabilidade violenta* (MACHADO DA SILVA, 2010). Em conjunto com essa sociabilidade específica, junta-se o acúmulo histórico de desigualdades sociais e econômicas, gerando processos de exclusão estrutural, advindas de um passado ainda não superado do escravismo brasileiro que reverbera nos números relacionados ao crime, isto é, no perfil das pessoas que estão cometendo esses crimes e no perfil dos encarcerados no Brasil. Segundo dados do Infopen (2014) e do Censo Penitenciário do Ceará (2014) o perfil dos encarcerados são de jovens, entre 18 e 29 anos, negros, vindos das áreas periféricas das cidades, com baixa escolaridade (nível fundamental incompleto) e cujos os crimes se relacionam, majoritariamente, ao comércio da droga (tráfico e associação para o tráfico) e contra o patrimônio (roubos e furtos qualificados).

Ao longo da história brasileira, e especificamente após a ditadura civil-militar (1964-85), houve um processo de complexificação dos crimes. A concepção da categoria crime aqui adotada é pensar “[...] não mais apenas uma infração penal,

mas como substancialização do contexto em que se inscrevem uma série de práticas ilegais e trajetórias pessoais. [...]” (GRILLO, 2013, p. 1-2). Ao falar de crime me refiro, portanto, ao movimento, ao fluxo e ao *corre* que, por onde passa, faz e desfaz conjuntos de “aliados” e “inimigos”. (MARQUES, 2014) (Grifo meu); e uma conseqüente maior atenção aos problemas sociais ressaltados com/e na violência urbana, tornando-se, dessa forma, a segurança pública um ponto de debate dos Governos que se seguiram. Adorno (2002) busca explicar os elementos que compõe esse novo panorama social a partir de quatro tendências:

1ª O crescimento da delinquência urbana, em especial dos crimes contra o patrimônio (roubo, extorsão mediante sequestro), e de homicídios dolosos;

2ª a emergência da criminalidade organizada, particularmente em torno do tráfico nacional de drogas, que modifica os modelos e os perfis convencionais da delinquência urbana e propõe problemas novos para o Direito Penal e para o funcionamento da justiça criminal;

3ª graves violações de direitos humanos, que comprometem a consolidação da ordem política e democrática;

4ª explosão de conflitos nas relações intersubjetivas, mais propriamente conflitos de vizinhança que tendem a convergir para desfechos fatais. (p. 19).

Esse processo de *acumulação social da violência*, colabora para percepção do crime não apenas do ponto de vista da criminalização codificada pelo sistema penal, mas, a partir de formas concretas através das quais as representações e práticas sociais se combinam em elementos de criminalização e descriminação, isto é, a reprodução de estereótipos, preconceitos, julgamentos, resolução de conflitos a partir das “próprias mãos”. Configura-se todo um conjunto de elementos que em articulação se contrapõem ao ordenamento jurídico, ou seja, ao Estado como o intermediador do conflito e coloca a sociedade em permanente tensão com ele (MISSE, 2008).

As pesquisas nacionais, tais como o Anuário Brasileiro de Segurança Pública<sup>1</sup>, o Mapa da Violência<sup>2</sup> e as do Instituto Igarapé<sup>3</sup> colocam o Brasil em um

---

<sup>1</sup> Atualmente em sua 10ª edição, o Anuário é “concebido com o objetivo de suprir a falta de conhecimento consolidado, sistematizada e confiável no campo, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública compila e analisa dados de registros policiais sobre criminalidade, informações sobre o

cenário com altos índices relativos à violência contra a pessoa, em especial o homicídio, recorrentemente levando os meios de comunicação a relacionar esses índices ao de países em guerra<sup>4</sup> devido à alta taxa de letalidade nas disputas territoriais pelo controle e venda das drogas em determinados territórios e o expansivo uso de armas de fogo nos conflitos.

A complexificação das disputas em torno dos territórios e dos mercados ilícitos<sup>5</sup> de drogas nos últimos anos tem aumentado a letalidade do conflito e o consequente encarceramento. Para fins de esclarecimento, convém definir os seguintes itens: *mercados de drogas* como um elemento com ampla variedade e especificidade que são construídos “[...] por “empresas” de tráfico, as quais tendem a adotar estruturas, estratégias e práticas que refletem a posição de mercado em que se encontram” (LESSING, 2008); *mercado consumidor* como um dos elementos-chaves desta engrenagem, isto é, peça fundamental porque sem ele não existe

sistema prisional e gastos com segurança pública, entre outros recortes introduzidos a cada edição.”  
Fonte: <http://www.forumseguranca.org.br/atividades/anuario/>. Acessado em 28 de junho de 2018.

<sup>2</sup> “Trata-se de pesquisas com dados secundários realizadas periodicamente com foco na problemática da juventude e a violência. O primeiro mapa foi realizado em 1998 e já foram divulgados até o dia de hoje 27 estudos. Inicialmente cada dois anos, posteriormente anual e, desde 2011, mais de um a cada ano. O foco global é sempre violência letal relacionada com a juventude, mas com abordagens temáticas diferenciadas: mulher, América Latina, acidentes de trânsito, infância e adolescência, armas de fogo, novas tendências etc. Desde 2012, início da articulação dos Mapas com a Flacso, já foram divulgados sete Mapas com temáticas diferenciadas.” Fonte: <http://flacso.org.br/?project=mapa-da-violencia>. Acessado em 28 de junho de 2018.

<sup>3</sup> “O Instituto Igarapé é um *think tank* independente, dedicado à integração das agendas da segurança, justiça e do desenvolvimento. Seu objetivo é propor soluções inovadoras a desafios sociais complexos, por meio de pesquisas, novas tecnologias, influência em políticas públicas e articulação. O Instituto atualmente trabalha com cinco macrotemas: (i) política sobre drogas nacional e global; (ii) segurança cidadã; (iii) consolidação da paz; (iv) cidades seguras; e (v) segurança cibernética.” Fonte: <https://igarape.org.br/sobre/sobre-o-igarape/>. Acessado em 28 de junho de 2018.

<sup>4</sup> Uma reportagem de dezembro de 2017 do Jornal El País traz a seguinte afirmação: “[...] Desde que começou o conflito sírio, em março de 2011, morreram 330.000 pessoas. A guerra de Iraque soma 268.000 mortes desde 2003. Brasil, com 210 milhões de habitantes, é o país que mais mata no século XXI. [...] Entre 2001 e 2015 houve 786.870 homicídios, a enorme maioria (70%) causados por arma de fogo e contra jovens negros.” Fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1513002815\\_459310.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1513002815_459310.html). Acessado em 23 de maio de 2018.

<sup>5</sup> Para as relações entre mercado informal, ilegal e ilícito ver TELLES, Vera da Silva. Nas dobras do legal e do ilegal: Ilegalismos e jogos de poder nas tramas da cidade. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, [S.l.], v. 2, n. 5-6, p. 97-126, jul. 2009. ISSN 2178-2792. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7192/5771>>. Acesso em: 23 de março de 2018.

demanda e sem a demanda não existe oferta (OLIVEIRA, 2007); e *disputas territoriais* onde “[...] os espaços das cidades se configuram enquanto *locus* [sic] de disputas, confronto e delimitação de [mercados].” (DIÓGENES, 1998).

Somam-se ainda a esses elementos o contexto de surgimento, expansão e suposta consolidação das ações das chamadas “facções criminais”. Durante a pesquisa foram encontrados quatro coletivos<sup>6</sup>, quais sejam, Comando Vermelho (CV), Primeiro Comando da Capital (PCC), Família do Norte (FDN) e Guardiões do Estado (GDE); que passam a disputar esses mercados entre si normatizando-os a partir dos seus próprios valores, isto é, organizando hierarquicamente, definindo papéis nessa engrenagem, ampliando o acesso a arma de fogo, anexando territórios, expulsando famílias e criando elementos próprios de governança local.

Todos esses contextos colaboram tanto para o aumento dos números relacionados a violência, aqui compreendida “[...] simplesmente como o uso da força, ou a ameaça de usá-la.” (FELTRAN, 2011, p. 15), no Brasil como um todo e no Estado do Ceará especificamente, conforme nos mostram as pesquisas, como para a produção de uma sensação de insegurança latente e pulsante nessa sociedade.

Mas porque o aumento tão vertiginoso da violência no Estado do Ceará? Alguns dados socioeconômicos podem nos ajudar a compreender esse fenômeno. A primeira coisa que interfere diretamente na engrenagem da violência e dos crimes é a desigualdade socioeconômica do Estado, onde o rendimento domiciliar per capita médio mensal gira em torno de R\$ 622,00, valor bem inferior ao salário mínimo, que no ano de 2018 é de R\$ 954,00; onde também 21,3% da população vive na linha da pobreza, isto é, sobrevive com até R\$ 198,00; e 8,7% vivem na linha da extrema pobreza sobrevivendo com até R\$ 99,00 mensais. Esses dados e outros apresentados pelo IPECE (2017) nos mostra uma enorme diferenciação social e econômica da população do Estado, onde os 10% mais ricos se apropriam de 37,8% da renda total da economia enquanto os 50% mais pobres detêm apenas 18%.

---

<sup>6</sup> Para maior definição referente a estas, ver as notas de rodapé 51, 52, 53 e 54.

Esses números somados a outros, como a taxa de mortalidade infantil, domicílios com acesso a saneamento básico ou água encanada, fazem do Estado um celeiro para o processo de adesão que o crime faz. Quero dizer com isso, que a falta de acesso a um conjunto de políticas públicas buscando uma melhor inserção social e qualidade de vida, objetivando diminuir as desigualdades, acaba tornando o crime e suas possibilidades de lucro, uma das únicas saídas possíveis de uma vida que pode ser miserável tanto do ponto de vista social quanto econômico.

Além das questões socioeconômicas, há que se levar em consideração a complexidade do nosso sistema penitenciário faccionado, perpassado por disputas e conflitos diversos; e um sistema de justiça que não consegue dar vazão ao volume de prisões e casos a serem julgados; esses dois elementos, em conjunto e articulados, geram impactos no dia-a-dia no mundo do crime no Estado. Por mundo do crime, compreendo “[...] como um conjunto de “elementos” dispersos que se chocam intermitentemente nas margens da sociedade [...] que tem o seu movimento e seus abalos, mas também o seu peso [...].” (BARBOSA, 2001, p. 167).

Dito de outra maneira, nosso sistema é composto por 66% de presos provisórios, isto é, aqueles que não foram julgados e seguem presos preventivamente sem um tempo específico para o cumprimento da pena<sup>7</sup>. Há um volume muito alto de presos preventivos que acaba gerando uma desconfiança no sistema punitivo. Acho importante ainda chamar a atenção para outros dois dados que ajudam a definir o perfil desse cárcere: 89,6% dos que estão cumprindo pena de privação de liberdade, condenados e provisórios, não estudam; 52,6% têm o ensino fundamental incompleto; e 61,8% sobrevive com até 2 salários mínimos. Esses dados, em conjunto, nos levam a pensar que a parcela da população que está sendo encarcerada no Estado é a mesma que tem pouco ou nenhum acesso ao conjunto de políticas públicas. Não busco afirmar no texto a relação entre violência e pobreza. Ao contrário, busco mostrar que a desigualdade estrutural gera a criminalização de um determinado segmento da sociedade que já é injustiçado de muitas maneiras.

---

<sup>7</sup> Prisão temporária são medidas cautelares que privam o cidadão de sua liberdade, antes ou durante a instalação do processo. Além da prisão em flagrante, são provisórias as prisões: preventiva, resultante de pronúncia, temporária e decorrente de sentença condenatória recorrível. Fonte: [http://ittc.org.br/wp-content/uploads/2015/09/manual\\_direitos\\_dos\\_presos.pdf](http://ittc.org.br/wp-content/uploads/2015/09/manual_direitos_dos_presos.pdf). Acessado em 18 de agosto de 2018.

Portanto, em um Estado tão desigual, onde as oportunidades são meritocráticas e segmentares, o crime, e a prisão por efeito, gera um “[...] mundo de imponderáveis [isto é], uma atmosfera de imprevistos que impõe, “ocasiões”, situações que precisam ser enfrentadas, refletivas e aproveitadas. ”. (MARQUES, 2014, p. 170).

As pesquisas situam Fortaleza entre as cidades mais violentas do país: na pesquisa do ano de 2012 do Instituto Igarapé, Fortaleza aparece na terceira posição entre as cinco cidades com mais de 1,5 milhão de habitantes nas Américas e Caribe com as maiores taxas de homicídios, 76,8 por 100 mil/habitantes; já no Anuário Brasileiro de Segurança Pública do ano de 2014, Fortaleza aparece com a maior taxa de crimes de morte no país: 77 homicídios por 100 mil habitantes, mais do que o dobro da média das demais capitais, que era de 33 por 100 mil.

O Diagnóstico dos Homicídios no Brasil<sup>8</sup> elaborado pela Senasp aponta um cenário preocupante quando trata de outro item que compõe a engrenagem da violência no Estado do Ceará. Nesse diagnóstico, o Estado do Ceará desponta como maior Estado do Nordeste em taxas de roubos, com 106,6 roubos por 100 mil/habitantes e a Cidade de Fortaleza aparece em terceiro na região, com uma taxa de 245,9 mil roubos para 100 mil habitantes, ficando atrás apenas das Cidades de Maracanaú (246,4 mil roubos/100 mil/habitantes) e Mossoró (295,0 mil roubos/100 mil/habitantes).

Em relação a sensação de insegurança, o Estado do Ceará apresenta uma alta taxa de vitimização, sendo 38,8% por 100 mil/habitantes, ficando atrás apenas do Estado do Rio Grande do Norte, com uma taxa de 44,2% por 100 mil/habitantes. A pesquisa aponta ainda índices referentes ao efetivo policial e apresenta um problema estrutural da segurança pública no Estado do Ceará: 527,17 habitantes por policial; na Cidade de Fortaleza essa média melhora um pouco, sendo 299,16 habitantes para um policial. “A relação entre a população de um local e o efetivo de profissionais de segurança pública é uma forma de medir a rede de

---

<sup>8</sup> Elaborado em 2015, “trata-se [...] de um documento técnico, formulado por uma equipe de servidores que possuem significativa experiência com pesquisas aplicadas para análise de políticas públicas, e que visa subsidiar os primeiros processos de formulação do pacto [nacional pela redução de homicídios].” Fonte: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2015/10/RELATORIO-HOMICIDIOS-210x297mm-MJ-1.pdf>. Acessado em 28 de junho de 2018.

segurança, ou seja, a quantidade suficiente ou não de efetivo policial. ”, destaca o relatório na página 85.

No que tange aos fatores de riscos transversais, isto é, fatores que podem determinar a ocorrência, com maior ou menor grau de probabilidade, de conflitos diversos, o Estado do Ceará, especificamente a Cidade de Fortaleza, apresenta riscos ainda maiores quando associados à: circulação de armas de fogo e desigualdade de renda; gangues e drogas; casos de violência patrimonial, que incluem latrocínio, violência interpessoal e violência doméstica. (RELATÓRIO DE HOMICÍDIOS, 2015).

O Ceará tem a maior taxa de roubos e está entre os casos mais preocupantes de violência interpessoal e vulnerabilidade de jovens. “Tanto os indicadores transversais como os de gangues e drogas e violência patrimonial são ruins. Podemos inferir que existe alta circulação de armas, presença de drogas e tráfico, vulnerabilidade de jovens. Ademais, conflitos interpessoais e domésticos são considerados de gravidade média”, detalha o relatório. (CADA VIDA IMPORTA<sup>9</sup>, 2016, p. 55).

Esse cenário de violência e insegurança na Cidade de Fortaleza atinge tanto bairros considerados “seguros e de classe média”, como aqueles considerados “periféricos e violentos”. O caráter difuso dessa violência relaciona-se, como aponta Barreira (2013), “[...] com a possibilidade de que todos, independentemente de sexo, idade ou classe social possam ser vítimas de práticas classificadas como violentas, presentes em diversificadas situações sociais. ” (p. 224). Juntamente com a violência difusa há o aumento da sensação de insegurança difusa, isto é, uma sensação que não reverbera nas estatísticas locais e que se aprofunda a partir de elementos outros como o boato e a mídia.

[Que] aproxima a violência do nosso cotidiano, mesmo para aqueles que nunca foram vítimas, mas se sentem inseguros. [...] A violência e o medo aparecem como constitutivos do poder, seja por parte de grupos legalmente

---

<sup>9</sup> Cada vida importa é o relatório final da pesquisa realizada pelo Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência no ano de 2016. O material é um importante documento de análise e conhecimento do fenômeno dos homicídios na adolescência em nosso Estado. Ele traz narrativas, dados oficiais, ponto de vista de especialistas e famílias. Fonte: [https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio\\_final.pdf](https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_final.pdf).. Acessado em 28 de junho de 2018.

aceitos ou os ilegais. Medo surge aqui não como uma categoria e sim como a verbalização de um sentimento de insegurança. (MORAES, 2015, p. 37).

O *lócus* dessa pesquisa é o Bairro Benfica (Fortaleza-Ceará), espaço múltiplo com identidades e características diversas: histórico, residencial, caracterizado por um *ethos* intelectual universitário (VELHO, 2013) e de classe média, local que outrora era o espaço da aristocracia de Fortaleza. No contraponto a essa realidade, o local também se mostra como uma periferia não periférica, isto é, por um lado, o bairro, localizado na região central de Fortaleza, há apenas 3km do centro da Cidade e ocupando uma área de 143,1 hectares, é alimentado por uma ampla rede de infraestrutura urbana com transporte público (ônibus e metrô), Universidades, Escolas, rede de energia elétrica, rede de distribuição de água e tratamento de esgoto e alguns órgãos públicos como o IBGE. Por outro lado, no entanto, estão cinco comunidades do bairro –Povo Guerreiro, Sumaré, Maresia, Realeza e Estrela – com pouca ou nenhuma infraestrutura urbana. Fiz a opção metodológica de não fazer o uso real dos nomes das comunidades. Essa escolha se deu em virtude da complexidade das disputas em torno dos mercados de drogas e, ademais, por questões éticas uma vez que o texto, após a defesa, torna-se público e eu não tenho como objetivo prejudicar ou causar conflitos posteriores as comunidades estudadas, ao bairro e aos interlocutores. Em relação a comunidade Estrela, ela não se localiza na faixa territorial do bairro Benfica, estando situada duas ruas após a delimitação territorial do bairro. Contudo, essa comunidade tem impacto direto na disputa pelo comércio da droga em espaços do bairro como a praça da Gentilândia, a praça João Gentil e o Centro de Humanidades III, além de fazer frente ao domínio da venda de crack por parte da comunidade do Realeza.

Contrastando com bairro descrito acima, nessas comunidades encontramos esgoto a céu aberto, “gatos” de energia e internet e falta tratamento de esgoto, coleta de lixo, iluminação pública e segurança, a relação com a polícia é sempre narrada como conflituosa, ademais, há a presença do crime faccionalizado em quatro dessas comunidades. As comunidades do bairro, bem como os espaços

sociais em disputa, foram “anexados”<sup>10</sup> e definidos como território de alguma das facções criminais. Há a presença de quatro grupos, CV, GDE, PCC e FDN, sendo os dois primeiros responsáveis pelo maior volume de conflitos na disputa local. Esse cenário só foi alterado após a chacina do Benfica, evento que deixou 7 mortos e mais de 20 feridos; e também colaborou para o avanço de uma dessas facções, o CV.

A ausência de assistência pública é uma fala muito recorrente na narrativa dos moradores das comunidades do bairro: a falta de infraestrutura pública, como escolas, creches, posto de saúde, dentre outros problemas relacionados. É importante ressaltar que o bairro divide a infraestrutura com outro bairro: a Gentilândia. Quando da criação desse bairro, o Benfica já era institucionalizado. Contudo, a criação oficial de outro bairro não fez com que houvesse aumento na infraestrutura urbana, ao contrário, os dois bairros passaram a dividir a infraestrutura pública já existente. Não houve, nos últimos 10 anos, qualquer intervenção do poder público no sentido de garantir saneamento básico, construção de creches, escolas de ensino fundamental ou posto de saúde em nenhum dos dois bairros.

Segundo a pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência de Fortaleza (UFC/UECE, 2010<sup>11</sup>), o bairro Benfica não desponta como um local violento, isto é, com números relevantes relacionados a homicídios e lesão corporal. Contudo, quando observamos os números referente a furtos e roubos, o Benfica aparece em 4º lugar, posição dentro da Secretaria Executiva Regional (SER) que o bairro faz parte, com um total de 576 furtos e 411 roubos. Esses dados são oficiais, isto é, estatísticas a partir do número de registro de boletins de ocorrência junto à Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS/CE). Ressalto que trabalho aqui apenas com dados oficiais do ano de 2010 pois são os únicos disponíveis publicamente, pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social, estratificados por bairro. Atualmente os dados são divididos por Áreas Integradas de Segurança (AIS). Para a pesquisadora Jânia Perla (em entrevista ao Jornal O Povo,

---

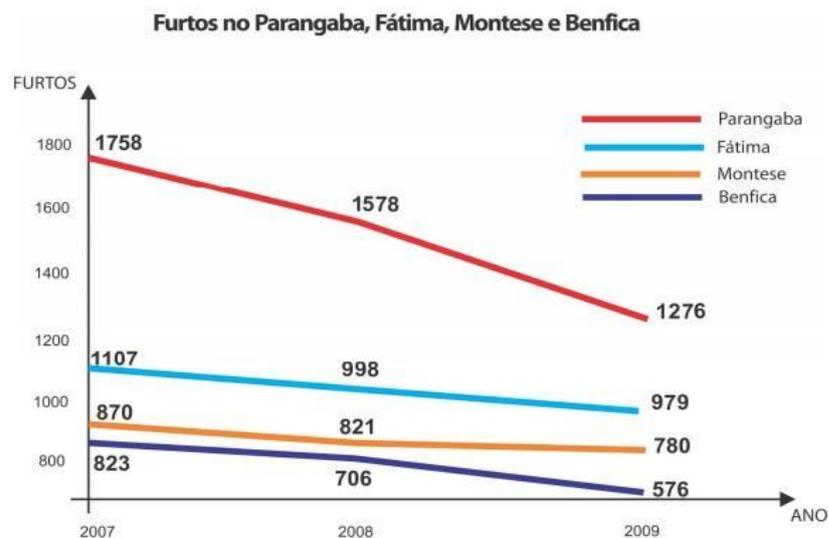
<sup>10</sup> A anexação de territórios é um processo que ocorre, em geral, das prisões para a rua. Consiste em uma espécie de “distribuição” dos espaços territoriais para determinados agrupamentos criminosos.

<sup>11</sup> Solicitei a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará dados atualizados referentes aos números da violência no bairro, contudo, até o presente momento ainda não obtive resposta.

2014) “a falta de transparência colabora com a sensação de insegurança da população. Sem os dados acredita-se que a situação é pior que a realidade.” (p. 3). Dito de outro modo, “há fortes suspeitas, embasadas em estatísticas, de que apenas uma pequena parcela dos crimes cometidos seja conhecida, problema para o qual concorrem muitos aspectos [...].” (ADORNO, 1998, p. 23).

As estatísticas subnotificadas, aquelas com índices abaixo da realidade, é um dos grandes desafios da segurança pública, pois, de um lado, gera o agravamento da sensação de impunidade, que faz com que as pessoas que cometem crimes pensem que isso é um bom negócio e que não há punição; por outro lado, a falta de informações sobre as ocorrências de violências dificulta a realização de diagnósticos e planos mais consistentes de enfrentamento e prevenção dos problemas, pois, é a notificação que subsidia as estratégias de ação da segurança pública nos pontos que apresentam os mais altos índices. No bairro Benfica, a mais alta subnotificação é de crimes contra o patrimônio, o que acaba gerando um mascaramento da quantidade de roubos e furtos que ocorrem no local, no gráfico abaixo, inclusive, esse delito aparece em queda quando comparado os anos anteriores; e o aumento do sentimento de medo e insegurança.

**GRÁFICO 01**



**FONTE: CARTOGRAFIA DA VIOLÊNCIA E DA CRIMINALIDADE (2010).**

Os dados acima estão estratificados por bairros e analisados, na Cartografia da Violência e da Criminalidade (2010), a partir do conjunto da Regional. Atualmente, como já citado, o Estado do Ceará é subdividido entre Áreas Integradas de Segurança (AIS), sendo 22 no total e 10 em Fortaleza. O Benfica compõe a AIS 5, juntamente com os seguintes bairros: Parangaba, Vila Pery, Itaoca, Itaperi, Dendê, Pan Americano, Jardim América, Demócrito Rocha, Couto Fernandes, Montese, Damas, Bom Futuro, Vila União, José Bonifácio, Parreão, Fátima, Serrinha e Aeroporto. A partir dessa nova subdivisão das áreas, os dados passaram a ser divulgados por área e não mais estratificados e georreferenciados por bairro. Outro elemento que chama atenção nessa subdivisão é o aumento da quantidade de bairros por área o que faz com que os dados referentes aos índices de violência do local sejam diluídos no conjunto da AIS.

Ao olhar os dados gerais da AIS 5 é possível verificar o aumento no número de notificações referentes aos crimes violentos contra o patrimônio, furtos e apreensão de entorpecentes. Nos quatro primeiros meses do ano de 2018, segundo dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social<sup>12</sup>, a área que compreende o bairro Benfica ficou em 4ª, dentro de Fortaleza, no número de apreensão de cocaína e crack, atrás apenas das AIS 9, 3 e 8<sup>13</sup>, respectivamente, que são áreas em conflito e nas quais a governança do crime dita regras abertamente. Em alguns desses bairros é comum inscrições nas paredes com o nome da facção que domina aquela área, números referentes a elas (no bairro Benfica também é possível ver essas marcas), avisos como “se roubar morre” ou “abaixe o vidro ou tire o capacete ao entrar”. Em algumas delas, chegou-se inclusive a ocorrer a expulsão de moradores da área por parte do crime. Em resumo, são bairros cuja presença do Estado é mais frágil e onde o crime consegue ditar leis e

---

<sup>12</sup> Principais indicadores criminais divulgados oficialmente pela SSPDS. Dados analisados: indicadores criminais 2018, CVLI – registros diários, áreas integradas de segurança (AIS) e o relatório diário de ocorrências 2018. Fonte: SIP/AAESC/SSPDS.

<sup>13</sup> Nessas respectivas AIS's se localizam os seguintes bairros: Conjunto Esperança, Canindezinho, Vila Manoel Sátiro, Pres Vargas, Parque São José, Maraponga, Jardim Cearense, Parque Santa Rosa, Mondubim, Planalto Ayrton Senna, Conjunto José Walter, Messejana, Ancuri, Pedras, Barroso, Jangurussu, Conjunto Palmeiras, Curió, Lagoa Redonda, Guajeru, São Bento, Paupina, Parque Santa Maria, Coaçu, Barra do Ceará, Vila Velha, Jardim Guanabara, Cristo Redentor, Pirambu, Floresta e Jardim Iracema.

normas. No caso do bairro Benfica, apesar das críticas, há uma maior presença do Estado com um conjunto de serviços ofertados e uma consequente menor percepção de governança do crime.

Outro elemento interessante que esse dado mostra é a convergência com os dados empíricos encontrados por mim em campo no bairro, isto é, um mercado cujo conflito principal ao longo do tempo se dá em torno da venda do crack e da cocaína prioritariamente.

Ainda de acordo com esses dados, é possível perceber, como já citado acima, uma ampliação no volume de crimes contra o patrimônio (CVP) notificados. Estes englobam os chamados CVP2, roubo a residência, roubo com restrição de liberdade da vítima, roubo de carga e roubo de veículos, exceto latrocínio. A AIS 5 foi a área com maior quantidade de ocorrências desses tipos de crimes, para fins de comparação, no mesmo período do ano passado, a área era a 4ª em Fortaleza no número de notificações. Esse aumento pode ser sentido durante a pesquisa de campo com a amplificação, cada vez mais crescente, da sensação de que você poderá ser a próxima vítima da violência e da criminalidade, uma sensação difusa do medo (MORAES, 2015). Há ainda um outro dado que corrobora com isso: é na área em questão que há a maior quantidade de ocorrências, dentre as 22 AIS's, relacionadas ao furto<sup>14</sup>, com 1383 notificações.

No *site ondefuirobado.com*<sup>15</sup> a cidade de Fortaleza, por sua vez, aparece como a 5ª cidade com mais registros e em 9ª no ranking do período (junho/2017) (em comparação às outras capitais brasileiras). O bairro Benfica aparece em 3ª lugar em números absoluto de registros e em 8ª no ranking do período (junho/2017) (em comparação com os demais bairros). Esse *site* leva em consideração dados não oficiais, isto é, o indivíduo, vítima de algum tipo de violência (dentre as ocorrências

---

<sup>14</sup> Nos dados divulgados há a seguinte divisão: crimes violentos letais intencionais (CVLI), apreensão de entorpecentes, crimes sexuais, CVP1 (crimes violentos contra o patrimônio), CVP2, apreensão de armas e furto.

<sup>15</sup> Ondefuirobado.com é um *website* de notificação de crimes no Brasil. Ele tem por objetivo gerar uma base de dados sobre os crimes ocorridos nos espaços urbanos contemplados na plataforma, georreferenciando eles e apresentando de maneira simples para o usuário geral do site. A base de dados usada no site não é produzida de maneira oficial, isto é, não é um dado registrado através de boletins de ocorrência.

estão: assaltos, furtos, latrocínio, roubo a carro, roubo a residência, assédio e tentativas diversas de violência), acessa e registra no mapa do *site*, a ocorrência e o local. Estima-se que cerca de 49,2% das vítimas registrem boletins de ocorrência. Uma olhada mais detalhada no *site*, me permite quantificar melhor essas ações: ocorreram, no bairro, 303 crimes, sendo apenas 44% registrados oficialmente; 57% das vítimas são homens e 43% mulheres; 53% das ações ocorrem durante o dia; o portal estipula que houve um prejuízo aproximado de R\$ 397.633,50 reais com esses crimes.

O *site*, citado acima, faz um trabalho de georreferenciamento dos dados em um mapa onde é possível observar essa dinâmica do aumento de crimes diversos no bairro (ver imagem 01): os locais em destaque verde são os que têm uma ocorrência registrada; um verde mais escuro sugere mais ocorrências naquele local; as manchas amareladas (como podem ser vistas nas Av. 13 de Maio e da Universidade) indicam locais com grande volume de ocorrências; e as manchas alaranjadas (na rua Juvenal Galeno) marcam locais de ocorrências frequentes e cotidianas. Nele é possível observar que as ocorrências são difusas, isto é, se espalham ao longo do território do bairro com alguns pontos de maior incidência.

Outro elemento interessante é quando, para efeitos de comparação, observei certos cruzamentos na localização dos pontos coloridos no mapa com as narrativas encontradas em campo durante a pesquisa. Apesar de parte das ocorrências estarem concentradas na porção do bairro que se localiza acima da Avenida 13 de Maio, é na porção abaixo, isto é, no que oficialmente é denominado de Gentilândia, onde se concentraram as narrativas referentes aos assaltos violentos e à mão armada. O objetivo dessa pesquisa não se concentrou nos roubos ao longo do bairro e sim em compreender as dinâmicas referente ao comércio das drogas. Contudo, no capítulo IV, trago alguns elementos referentes aos assaltos e roubos uma vez que houve esse encontro de narrativas em campo.

## MAPA 01



**FONTE: ONDEFUIROUBADO.COM (2017).**

Como vem sendo dito, ao longo desta introdução, o bairro não apresenta altos índices oficiais relacionados a crimes diversos, como homicídios, assaltos, roubos e furtos; e acredita-se que isso se deva há uma grande subnotificação de ocorrências. Contudo, as narrativas desses crimes se espalham ao longo do bairro, com ocorrências que vão desde o furto e o roubo, isto é, crimes relacionados ao patrimônio, que, em geral é uma bolsa, um celular ou o carro (há um grande volume de narrativas desse tipo), costuma ocorrer com a presença da arma de fogo; como crimes de intolerância sexual e racial; violência de gênero e relacionados ao comércio da droga.

Na mídia, o bairro é retratado de maneira diversa, com matérias que focam, principalmente dois aspectos: a insegurança e as execuções ligadas ao crime. É interessante notar que o Benfica não figura entre os que estão em “disputas oficiais” pelo comércio da droga, contudo, a mídia trata de apresentar o bairro como “[...] enfrentando uma onda de violência que está assustando moradores e frequentadores [...]”, conforme matéria do Jornal Diário do Nordeste (2013). Uso o termo “disputas oficiais” para me referir aos bairros que estão sitiados pela disputa que é sentida em todas os âmbitos da vida cotidiana. No caso do bairro Benfica a disputa ocorre de maneira mais discreta no sentido de ser sentida mais diretamente pelos chamados “envolvidos” e pelos moradores das comunidades disputadas, e não pelo conjunto dos moradores do bairro. Contudo, mesmo essa disputa não se

dando no grau e na intensidade vista em bairros como o Conjunto Palmeiras, ela desemboca na territorialização, conflitos armados, execuções sumárias e na regulamentação do mercado das drogas.

No mesmo ano o bairro era retratado em uma outra matéria, dessa vez no portal de notícias G1 com o mesmo recorte: a insegurança no bairro. A matéria apresenta a entrevista com uma moradora que afirma: “Eu moro há muito tempo nesse bairro e percebo que a violência cresce a cada dia. Antes não existiam grades os muros eram baixos e hoje não”.

Outras duas matérias, uma no ano de 2015 veiculada no jornal O Povo e outra no ano de 2016 no Jornal Tribuna do Ceará, retratam manifestações “por um Benfica mais seguro” e a “Campanha FEAAC<sup>16</sup> + Segura”, respectivamente. A primeira manifestação ocorreu no dia 1<sup>a</sup> de agosto daquele ano na porção do bairro próxima as praças e reuniu cerca de 100 pessoas pedindo melhorias no policiamento e uma maior atenção por parte do poder público, “[...] de acordo com o professor Thiago Roque, 28 anos, morador da rua João Gentil, Benfica, as ações criminosas começaram há cerca de dois anos e, atualmente, são constantes”, finaliza. Na matéria seguinte outra manifestação pede mais segurança no bairro, dessa vez próximo ao cruzamento entre a Av. da Universidade e a rua Instituto do Ceará. Segundo os organizadores “[...] a ideia era incentivar estudantes a registrarem queixas. Nós escutamos várias reclamações e reclamações. Quando a gente procura os órgãos competentes, eles dizem que como não tem registro de boletim de ocorrência, o bairro é identificado como uma região segura, fato que não é.”, afirma um estudante que cursa ciências contábeis no local.

No ano de 2017, contudo, o bairro aparece mais vezes na mídia com matérias associadas a criminalidade crescente e ao sentimento de insegurança presente, como é o caso da matéria do jornal Tribuna do Ceará que retrata a multiplicação de aparatos de segurança pública privada como câmeras de segurança e cercas elétricas na arquitetura do bairro, imprimindo as marcas da indústria do medo nos muros e nas ruas (MORAES, 2015). As demais matérias (uma

---

<sup>16</sup> Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará.

no Portal de notícias CNwes<sup>17</sup> e duas no jornal Diário do Nordeste) retratam 04 execuções sumárias ocorridas no bairro.

A primeira das execuções retratadas ocorreu no dia 06/03, na rua Silva Jardim, próximo à rua Senador Pompeu, ambas as ruas no bairro Benfica, quando um motorista de ônibus que trafegava em uma motocicleta foi abordado por dois indivíduos que se encontravam em outra motocicleta, um dos suspeitos disparou pelo menos 04 tiros contra a vítima à queima roupa; a segunda execução, no dia 19/03, foi dupla e ocorreu em uma das comunidades do bairro, com as mesmas características da anterior, execução à queima roupa: o local foi cercado por suspeitos em motocicletas que atiraram contra Souza e Djavan que estavam dentro de uma das casas fazendo uso de entorpecentes, as vítimas do crime morreram na hora; por último, a mídia retrata a execução do Wagner, um flanelinha que cuidava de carros no local, na praça da Gentilândia. Além das execuções apontadas pela mídia, houve também execução do Pablo na comunidade Sumaré e as tentativas de execução do Mário na comunidade Povo Guerreiro.

Não foi o objetivo da pesquisa abordar as execuções que ocorreram no bairro, contudo, a dimensão da disputa ao longo da história no tocante a violência gerou execuções sumárias que culminaram na chacina do Benfica (2018). Talvez por conta disso, eu tenha encontrado nas narrativas sobre o bairro falas referentes as execuções ao longo do tempo e uma dominação em permanente disputa nas comunidades. Volto a esse assunto no capítulo IV. Por hora, é importante perceber que as execuções por armas de fogo são um elemento constante na disputa ao longo do território do bairro nos últimos 10 anos.

Apresentei até o momento dados secundários variados com o objetivo de situar o leitor nos meandros da violência e da criminalidade do bairro Benfica. Sobressai de todos esses dados algumas questões interessantes que norteiam o pensar reflexivo acerca da pesquisa: o primeiro deles é que a violência no bairro é sempre tratada, para um determinado grupo que frequenta e mora no local, como algo externo, como se o fluxo de pessoas fosse a causa da criminalidade; desse primeiro pensamento segue-se outro norteado a entender um bairro segregado,

---

<sup>17</sup> Cnwes é um portal de notícias do grupo Cidade de comunicação.

onde de um lado há um discurso da classe média revoltada pelos crimes patrimoniais, e de outro comunidades periféricas disputadas pelo crime e que reivindicam maior assistência por parte do poder público.

O bairro Benfica tem se transformado ao longo dos anos, desde o seu processo de ocupação, com fases e marcos temporais distintos. Essa pesquisa busca mostrar um pouco desse processo de transformação e tenta compreender isso conectado ao avanço da violência e da criminalidade no bairro. Apresenta e problematiza, dessa forma, as características duais que permeiam o local: aristocrático e periférico; seguro e inseguro; violento e não violento; disputado e não disputado; universitário e não universitário.

As disputas territoriais são algo presente na memória das pessoas mais antigas do bairro. Esses conflitos outrora eram relacionados a delimitação de fronteiras<sup>18</sup> de atuação e de pontos de comércio da droga. Pelo menos, desde as décadas de 70 e 80 já ocorriam disputas pelos pontos fixos de comércio da droga no varejo, contudo, apesar de nessa disputa já aparecer o uso da arma de fogo, esse uso era algo incipiente, o acesso a arma de fogo era bem mais difícil e a arma bem mais cara. Significa dizer que antes da “chegada efetiva”, no ano de 2015, das facções no Estado do Ceará<sup>19</sup>, as armas de fogo eram um dos itens mais valiosos no mercado criminoso sendo utilizada, muitas vezes, como um elemento de poder e moeda de troca de mercadorias. Volto a esse tema mais adiante. Para esse momento importa perceber como a arma de fogo e as facções criminais impactam no avanço da violência urbana no bairro e elevam a disputa a outro nível, onde ameaçar, ditar leis e normas, executar e imprimir um suplício ao corpo do outro tornam-se rotina.

---

<sup>18</sup> Fronteira é uma “[...]divisão, demarcação e, [...] sobretudo, uma norma de regulação dos fluxos que atravessam e conectam aquilo que se divide. [...]. Onde há fronteira, há conflito. [...]. Se a fronteira pode ser disputada é comum que a latência ceda lugar a violência.” (FELTRAN, 2011, p. 15). As fronteiras em disputa no bairro são do tipo físicas (de um lugar delimitado geograficamente) e imaginárias (demarcações subjetivas).

<sup>19</sup> Faço uso do termo “chegada efetiva” aspeado por compreender que já havia a presença do Comando Vermelho (CV) e do Primeiro Comando da Capital (PCC) no Estado. Contudo, eu não encontrei referências bibliográficas que abordem esse processo. Parto desse pressuposto por ter sido um dado compartilhado por colegas pesquisadores da área da violência. Aqui nesse texto, utilizo dessa forma para demarcar um antes e depois de um processo mais orgânico de organização vertical.

No bairro, o avanço da violência urbana é algo que remete, principalmente, as ameaças à integridade físico-pessoal e ao patrimônio material representadas pela expansão de ações violentas em todas as áreas gerando um impacto na vida cotidiana dos usuários e moradores. Nesse contexto, as ações violentas ao longo do território compõem as cenas cotidianas da violência difusa no bairro, sobretudo com a efetivação de crimes comuns contra o patrimônio. Aqui chama-se atenção para o fato de que, diferentemente de outras comunidades normatizadas pelo crime nas quais são proibidos os roubos e os furtos, não há isso posto pelo chamado crime do bairro.

O mercado de drogas e armas estava pulverizado. Chegou uma liderança com maior poder de fogo e de grana e está organizando esse negócio. É só uma regulação do mercado”, acredita um dos participantes do grupo focal realizado pelo Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. [...] O medo é o principal mecanismo de ação das organizações, seja contra o Estado, seja contra a sociedade, seja dentro ou fora das áreas de atuação. O controle que as organizações criminosas exercem sobre as comunidades também é baseado no medo, na medida em que envolve produção e regulação da violência. Quem infringir as novas regras que são impostas, jamais negociadas, sofre retaliações à base de agressões físicas já amplamente divulgadas pelas redes sociais ou via aplicativos de telefones celulares. (CADA VIDA IMPORTA, 2016, p. 287-289).

Nos últimos anos, as frágeis relações de força entre facções criminosas nas prisões e nas ruas do Ceará, passaram inscrever novas redes de poder na disputa dos territórios pelo tráfico de drogas nas comunidades, situação marcada pela intensificação da violência e do poder de mando mobilizados pelos mercados ilícitos. Um exemplo emblemático ficou conhecido como “pacificação”<sup>20</sup> das comunidades, desencadeado supostamente por mobilizações feitas a partir das mesmas prisões e “correrias” na rua. Foi um breve momento onde cessaram os conflitos e as mortes geradas pela disputa territorial e se focou na fixação e expansão de pontos de comércio da droga, conseguindo, com isso, afastar o aparato policial e atrair o mercado consumidor. Esse período, contudo, não chegou a

---

<sup>20</sup> Segundo dados de colegas pesquisadores da área da violência, o processo de pacificação se deu após uma negociação encabeçada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) com as gangues, as torcidas organizadas e o Comando Vermelho (CV) que já integravam os territórios. Sobre esse processo ver: LINS, TEIXEIRA, et al., 2017.

ressoar no bairro em virtude das especificidades do crime do/no local. No entanto, no período posterior, quando há a quebra no pacto de pacificação e inicia-se uma disputa ampla e aberta, o bairro passa a ser disputado pelas quatro facções havendo, dessa forma, um impacto no cotidiana das suas comunidades, na vida de quem compõe a rede criminal do bairro e na vida dos demais usuários do espaço.

Perante esse contexto, houve uma complexificação na disputa que colocou em lados opostos antigos amigos e aliados reverberando em três processos distintos e complementares: a execução como a principal forma de resolução das disputas de anexação dos territórios; a arma de fogo e o respaldo do “patrão”, aqueles que controlam os comércios ilícitos em uma ou mais comunidades e são responsáveis por negociar a droga no atacado e distribuir para venda no varejo, para o seu uso como elemento estruturante de poder nessa nova configuração; e o processo de transição de um mercado de drogas fragmentado para um mercado concentrado, pretensamente e temporariamente hegemônico.

Nesse sentido, este trabalho, objetiva compreender e problematizar um bairro diversificado, boêmio e de classe média por um lado, e, por outro, com comunidades pobres do ponto de vista econômico; perpassado por um cotidiano impactado pela reorganização do crime e por uma sociabilidade peculiar a esse universo que se objetiva no aumento da violência urbana e na conseqüente sensação de insegurança. Dessa forma, os sujeitos dessa pesquisa, longe de serem apenas fornecedores de dados, são autores e analistas das suas próprias experiências, sendo essas narrativas o dado mais privilegiado aqui. Diante do exposto, busco empreender um experimento etnográfico (Marques, 2014) e privilegio os termos e as narrativas que compõem os dados empíricos enunciados por meus interlocutores (SÁ, 2010).

O trabalho se estrutura a partir de duas hipóteses de pesquisa: a primeira delas diz respeito a um bairro central e de classe média com comunidades com características periféricas e, exatamente por isso, em um conflito constante, onde há a reivindicação por mais segurança, o aumento do número de crimes patrimoniais e a disputa territorial pelo comércio da droga; a outra hipótese de trabalho diz respeito a um processo de normatização moral do crime, através de elementos de governança, que criam regras próprias, formas de se vestir, de falar, isto é, um conjunto de signos que se inscreve na vida cotidiana dos jovens envolvidos e se

reproduz na fala do crime<sup>21</sup>. Há em curso uma outra lógica de ver e viver o mundo, onde “[...] a ideia de uma vida breve, mas intensa e repleta de gratificações [...] não parece tão má para aqueles que no tráfico rejeitam trajetórias marcadas pela pobreza e pelas dificuldades, que assim passam a ser negadas ou evitadas.” (RODRIGUEZ, 2013, p. 48).

Diante do exposto, a pesquisa foi trilhando os caminhos que foram se abrindo buscando compreender os meandros de um bairro que, por um lado, tem características duais, como, por exemplo, aristocrático e periférico; e por outro está inserido em um processo de disputa pelo controle dos mercados ilícitos da droga, que só é visto e percebido quando alguma ação se torna pública. Os dados aqui apresentados e trabalhados foram colhidos no período entre abril de 2016 a abril de 2018, perfazendo um total de 2 anos de imersão em campo. Contudo, os mesmos se relacionam a um período temporal maior, com narrativas que apresentam processos de ocupação, conflitos sociais e disputas territoriais. Faço uso desses dados sem uma fixação temporal exata, opto por usá-los de forma a compreender os contextos dos conflitos do bairro, buscando a centralidade desses conflitos a partir dos observados e suas interlocuções.

Esse texto se estrutura em quatro partes:

Essa introdução buscou problematizar a violência no bairro Benfica a partir de uma contextualização que insere o Brasil e o Estado do Ceará em uma seara de violência urbana que impacta na vida cotidiana de todos de forma difusa e inesperada, apresentando dados produzidos por instituições de pesquisa diversas, o referencial teórico de partida e uma análise inicial sobre o bairro.

O Capítulo II problematiza os aspectos metodológicos de se fazer pesquisa em um campo perpassado por disputas. Apresenta, como foi “chegar” nas comunidades, ser recebida por elas e como fui vista pelos “correrias” com as quais tive contato ao longo da pesquisa. Discute ainda como se construíram os acessos e

---

<sup>21</sup> A fala do crime ajuda a produzir segregação ao construir visões de mundo que separam, discriminam, possibilitam abusos e contestações dos direitos de cidadania de grupos sociais enquadrados em denominações moralmente depreciativas. [...] Além da imagem do texto, “falar a violência” é uma atividade que permeia o cotidiano e constrói fronteiras em que a vida vai se pautando para estabelecer aproximações e distanciamentos, o que deve ser dito ou não dito, mostrado ou escondido.” (PAIVA, 2016, p. 145-146).

a confiança, problematizando os riscos de trabalhar com pesquisas em contextos criminais e as questões éticas que devem ser pensadas. Finalizo apresentando os principais interlocutores da pesquisa e desenhando como os dados foram obtidos.

No Capítulo III são contextualizados os aspectos sociais e históricos marcantes do bairro, como as fases de ocupação, a chegada da Universidade Federal do Ceará, as mudanças no perfil dos moradores e frequentadores, a dualidade de bairros, a Gentilândia e o Benfica, as comunidades periféricas encontradas, os discursos produzidos sobre os locais. Apresenta ainda os locais simbólicos do bairro que estão em disputa.

E, por fim, no Capítulo IV há uma análise sobre as modalidades de crime mais encontradas durante a pesquisa: o crime comum patrimonial e as disputas pelos mercados ilícitos da droga. Apresenta as execuções e o uso expansivo das armas de fogo como uma forma de resolução dos conflitos; e busca problematizar a transição de um crime disperso para o crime faccionalizado; de um mercado de drogas fragmentado para um mais concentrado com tentativas de homogeneização.

## **2 A TRAJETÓRIA DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: RELAÇÕES COM O BAIRRO, TRABALHO DE CAMPO E A CONSTRUÇÃO DE EMPATIAS.**

Minha relação com o bairro não teve início quando o escolhi como objeto de estudo, já na graduação em Ciências Sociais. Cresci em um bairro vizinho, no Jardim América, distante apenas 2km do Benfica e, aos 6 anos, comecei a estudar em uma escola neste bairro, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, um local que recebia apenas alunas mulheres e cujo ensino era de base religiosa; atualmente o local é a Casa de Repouso Sagrado Coração de Jesus<sup>22</sup>, instituição de longa permanência de idosos, administrado pela congregação Carmelitas. Anos mais tarde, voltei a estudar em outras instituições de ensino do bairro, como o Instituto São Paulo<sup>23</sup>, o Colégio Farias Brito<sup>24</sup>, o Colégio Evolutivo<sup>25</sup> e o Colégio Zênite<sup>26</sup>. E, em 2012, iniciei meus estudos na Universidade Federal do Ceará (UFC), campus Benfica. Além dessa relação de estudo com o bairro, o espaço sempre foi para mim local de lazer e sociabilidade.

Ao longo dessa vivência observei de perto algumas das transformações pelas quais o bairro passou, tanto na estrutura física, como nas ocupações e nos usos dos espaços simbólicos e das dinâmicas relacionadas a violência. Ressalto que minhas observações anteriores as pesquisas relacionadas à violência no bairro eram pautadas principalmente por três elementos: a minha vivência pessoal no local, os boatos sobre as ocorrências e a difusão na mídia. Eram observações do ponto de

---

<sup>22</sup> O outrora Colégio Sagrado Coração de Jesus, atualmente, Casa de Repouso Sagrado Coração de Jesus, existe no bairro desde a década de 50. Já foi um convento, uma escola feminina e é atualmente uma casa de repouso. Fica localizado na Av. da Universidade, esquina com Rua Padre Francisco Pinto.

<sup>23</sup> Atualmente o espaço em que ficava localizado o colégio está disponível para locação. Lá também foi a sede do CEPEP (instituição particular de ensino técnico e profissionalizante na área tecnológica) durante os últimos anos. Fica localizado no início da Av. da Universidade.

<sup>24</sup> Localizado nas ruas Senador Pompeu e Barão do Rio Branco.

<sup>25</sup> Ficava localizado dentro do shopping Benfica. Alguns anos após eu ter estudado lá o colégio fechou todas as suas sedes em Fortaleza. Atualmente, no shopping, tem um curso de idiomas promovido pelo Governo do Estado no local.

<sup>26</sup> Atualmente no local é o Colégio Cristhus. Localiza-se na rua Luís de Miranda próximo ao shopping.

vista do senso comum, sem nenhuma problematização ou cuidado. Esse olhar só começou a ser trabalhado e modificado durante a pesquisa de conclusão de curso, defendida em 2015.

Dessa forma, acompanhei vários blocos de pré-carnaval como o Quem é de bem fica, que surgiu nos anos 1990 e saía aos sábados da pracinha da Gentilândia. O bloco foi pioneiro na construção do pré-carnaval de Fortaleza e durou cerca de 10 anos, chegando ao fim no início dos anos 2000; o Luxo da Aldeia, que surgiu na histórica rua do Bar do Chaguinha, no ano de 2007 e busca homenagear a cultura musical de nossa terra executando canções carnavalescas de compositores e músicos cearenses de nascimento ou de coração. O bloco ainda resiste, no entanto, foi retirado do bairro pelo poder público no ano de 2015 e atualmente se concentra na praça do Ferreira; e o Sanatório Geral; que surgiu também no ano de 2007, mas, na praça João Gentil e buscava homenagear a cultura irreverente do carnaval através de marchinhas engraçadas e da mascote do bloco, a lagarta de fogo. Chegou ao fim no ano de 2017, após inúmeras reclamações da falta de apoio por parte do poder público; e muitas outras manifestações culturais que foram saindo do bairro e ganhando outros espaços ao longo do tempo; também acompanhei aquelas que resistiram no local, como o Maracatu Solar (Associação Cultural Solidariedade e Arte – SOLAR), fundado em meados de 2005, o SOLAR, desenvolve programas e projetos na área da cultura, tendo como missão democratizar e heterogeneizar os meios de produção e o acesso aos bens culturais, oportunizando o exercício pleno da cidadania a todos os envolvidos nestes processos

Com esse novo olhar fui observando uma gradativa diminuição de bares espalhados nas ruas secundárias do bairro, com uma maior concentração nas avenidas principais. Tenho a recordação de vários bares que ficavam localizados nessas ruas, como era o caso do Bar do Feitosa na rua Adolfo Herbster. O público alvo desses bares era, em geral, estudantes que se deslocavam a pé entre as avenidas centrais, a Universidade e a 13 de maio e os bares. Contudo, com o aumento da sensação de insegurança, esse circuito passou a ser centralizado nas avenidas, havendo deslocamento de apenas 1 quarteirão destas. Houve ainda a transformação no uso dos espaços, principalmente das praças, com atores diferentes ocupando os locais ao longo do tempo.

Contudo, só com minha entrada na Universidade consegui perceber um Benfica inserido em um emaranhado de narrativas sobre insegurança, violência e crimes diversos. Passei a me surpreender com as falas recorrentes de insegurança e a perceber como muitos desses aspectos alteravam as rotinas e os caminhos diários de inúmeros colegas que estudavam comigo. Eu inclusive ainda era estudante de letras, mas esse aspecto me chamou tanto atenção, que no ano de 2013, quando efetivamente passei na seleção para o curso de ciências sociais, transformei o Benfica e as tramas de medo e insegurança em objeto da minha pesquisa de conclusão de curso.

A ideia de estudar o bairro e sua latente sensação de insegurança percebida tanto por mim, quanto por parte dos moradores/frequentadores, se solidificou ao longo do primeiro semestre de 2013 e houveram dois elementos que propiciaram condições necessária a construção desse objeto: a minha efetivação como matriculada no curso de graduação em ciências sociais bacharelado da UFC e a seleção e posterior bolsa de iniciação científica (2013 – 2015)<sup>27</sup> que me levou a ter um vínculo com o Laboratório de Estudos da Violência (LEV). O Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC) nasceu há 24 anos e, foi criado, a partir do trabalho desenvolvido por professores e estudantes da Universidade Federal do Ceará ao perceberem a necessidade de construir, no espaço acadêmico, um local que abrangesse estudos aprofundados sobre as temáticas de violência, conflitos sociais, direitos humanos e cidadania. Ao longo do tempo, o LEV tem contribuído para o estímulo da adoção de um enfoque interdisciplinar por meio de troca de experiências mediante leitura e discussão de textos, apresentação de vídeos, seminários, análise de casos concretos, debates com agentes sociais, visando realizar análises teórico-críticas do fenômeno da violência e dos conflitos sociais na sociedade contemporânea.

A partir desse momento, comecei a construir o que viria a ser a minha monografia de conclusão de curso com o tema: Medo, violência e insegurança:

---

<sup>27</sup> Ao longo desse período participei de pesquisas diversas na área de violência e conflitos sociais. O foco principal destas eram os fenômenos relacionados a violência urbana.

tramas que alteram o cotidiano do bairro Benfica, Fortaleza-CE<sup>28</sup>. O texto abordou os aspectos históricos do bairro, o situou em torno dos dados estatísticos oficiais e trabalhava com as narrativas de medo e insegurança, bem como com as estratégias adotadas, por parte dos moradores e frequentadores do bairro, que objetivam evitar ser vítima.

A pesquisa durou dois anos, entre junho de 2013 e março de 2015, e, durante esse período, foquei nas tramas que transformam as práticas e os trajetos no cotidiano dos moradores e frequentadores do bairro, apontando alterações de sociabilidade e a modificação nas construções arquitetônicas. Busquei ainda identificar as diferentes manifestações de medo e suas formas de expressão, como a fragmentação das relações sociais. Essa realidade de proximidade com a violência encontrada não se reverberava nos dados oficiais, tampouco nos dias atuais, e foi trabalhada na pesquisa como algo difuso, relacionada diretamente com a violência difusa, e advinda de uma realidade concreta ou imaginária vivida pelo morador ou frequentador do bairro, isto é, o medo social<sup>29</sup>.

Nesse momento, apesar de o foco da pesquisa ser a vitimização, através da sensação de medo e insegurança, nas narrativas já havia a presença do tráfico de drogas como algo existente no bairro e relacionado, principalmente, a três chaves de conflitos: I. envolvendo as armas de fogo e execuções, nesse momento os conflitos eram relacionados principalmente a dívidas, posteriormente, contudo, as narrativas dos conflitos passaram a se relacionar mais diretamente a disputa territorial. No momento da pesquisa de graduação, eu não encontrei crimes

---

<sup>28</sup> Moraes, Suiany Silva de. **Medo, violência e insegurança**: tramas e trajetos no cotidiano do bairro Benfica Fortaleza - CE. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais, Fortaleza, 2015, 97 p. (MIMEO).

<sup>29</sup> O medo social é um medo construído socialmente, com o fim último de submeter pessoas e coletividades inteiras a interesses próprios e de grupos, e tem sua gênese na própria dinâmica da sociedade. Medo produzido e constituído em determinados contextos sociais e individuais, por determinados grupos ou pessoas, com vistas a atingir determinados objetivos de subjugar, dominar ou controlar o outro, e grupos, através da intimidação e coerção. Esse medo leva determinadas coletividades, territorializadas em determinados espaços, a temer tal ameaça advinda desses grupos. [...] Comunidades, grupos sociais e coletividades abandonadas à sua própria sorte, sem acesso a direitos sociais básicos, sem acesso a direitos de cidadania, vivem um clima de insegurança e fragilidade e, conseqüentemente, de medo, um medo social que tem sua referência no contexto vivido e nas carências realimentadoras do medo. ” (BAIERL, 2004, p. 48-49).

relacionados a disputa territorial. As execuções ocorridas nesse período, segundo meus interlocutores, estavam relacionadas a dívidas dos usuários e “correrias” com o tráfico. Contudo, no período anterior a pesquisa, isto é, entre o início dos anos 2000 até meados de 2012, houveram uma série de execuções que ocorreram em torno das disputas territoriais pelo domínio das comunidades e dos locais de venda das drogas. II. relacionados a homofobia (VIANA, 2009), sendo os “meninos do tráfico”<sup>30</sup>, aqueles jovens que desde muito cedo se envolvem com as engrenagens do comércio da droga, sempre vinculados a esse tipo de crime; III. E as brigas de torcida que sempre tiveram no bairro um palco dos diversos conflitos.

Em resumo, na pesquisa Monográfica, o tráfico apareceu de maneira dispersa, sempre relacionado aos conflitos com certas expectativas de vitimização, ou seja, as pessoas que são classificadas como “envolvidas”, portanto, estigmatizadas como vidas matáveis. Foi observado em determinadas narrativas certo distanciamento sobre os conflitos relacionados ao tráfico de drogas como problemática central no cotidiano do bairro. Agora, com a incursão de campo da presente pesquisa, o tráfico ganha novos contornos e passa a ser visto através dos seus mais diversos fluxos (MARQUES, 2014; BARBOSA, 2001), em conexões que inserem os conflitos locais nas margens das lutas pelo controle do varejo e atacado de mercados ilícitos de drogas.

Defendi a monografia no dia 26 de junho de 2015 e no mesmo ano tentei a seleção no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. Fui aprovada com um projeto de pesquisa intitulado “Sociabilidades e Violência: em um território estigmatizado” que abordava o polo de lazer Luiz Gonzaga, localizado no bairro Conjunto Ceará<sup>31</sup>. Objetivava, dentre outras coisas, refletir como se dão as

---

<sup>30</sup> Meninos do tráfico são jovens que desde muito cedo se envolvem com as engrenagens do tráfico de drogas.

<sup>31</sup> “O Polo de Lazer Luiz Gonzaga fica localizado no “coração” do bairro Conjunto Ceará e caracteriza-se por ter uma extensa dimensão espacial, sendo delimitado por 04 grandes avenidas que cortam o bairro. É na parte da frente, entre as Avenidas Ministro Albuquerque Lima, Av. B e Rua 312, que se localizam os espaços de interesse para esse projeto: o 12º distrito policial, a quadra de skate velha, alguns bares, o ponto de táxi, o Makulelê, o dancing, a sede do Território Criativo, alguns brinquedos infantis, uma quadra de vôlei e uma de futsal e a praça da juventude. O Bairro é um projeto habitacional da Companhia de Habitação do Ceará (COHAB) do início da década de 70 e inaugurado em 1978. Conta com 42.894 habitantes e 12.233 domicílios particulares. Possui 13 escolas (municipais e estaduais), 1 hospital distrital, um Polo de Lazer, bancos, delegacias, um terminal de

dinâmicas de sociabilidades tecidas em um espaço considerado violento e estigmatizado, lugar onde o tráfico de drogas e outras modalidades de crimes tornam-se referenciais nas falas dos atores que por ali circulam ou residem. Nesse momento meu principal diálogo teórico se dava em torno do conceito de violência urbana (MISSE, 2011) compreendido como uma categoria constitutiva de uma forma de vida que se diferencia do crime comum e da violência em geral e que expressa uma forma de sociabilidade que tem o uso da força como princípio organizador das interações, isto é, a sociabilidade violenta (MACHADO DA SILVA, 2004; PORTO, 2010). Passada a aprovação, iniciei o curso e ao longo do primeiro ano do mestrado me vi envolta em uma crise relacionada ao objeto de pesquisa.

Na medida em que eu avançava na compreensão das dinâmicas dos conflitos no polo de lazer do Conjunto Ceará<sup>32</sup>, ao longo do ano de 2016, fui redescobrimo o bairro Benfica, vivenciando locais novos e encontrando emaranhados que até então eu não tinha conhecimento. Dessa forma, conheci as comunidades do bairro, seus moradores, criei laços de amizade, fui convidada a conhecer suas casas, construí empatias (BARREIRA; BARREIRA, I., 2012) e passei a escutar narrativas diversas sobre os assuntos abordados rapidamente por mim na monografia, mas compreendidos e percebidos de maneira isolada. De repente a teia descrita no trabalho de conclusão de curso começou a ser detalhada ali na convivência diária com esses que viriam a formar uma rede de interlocução (MARQUES, 2014) num futuro próximo.

Esse foi o momento, talvez, mais difícil para mim nessa caminhada acadêmica, pois, ao mesmo tempo em que eu me dedicava a estudos relacionados ao objeto de pesquisa com a qual eu havia sido aprovada na seleção, rotinizando a minha presença em campo, realizando entrevistas, fazendo a pesquisa bibliográfica e os recortes teóricos-empíricos, além de exercitar esse objeto nas várias disciplinas cursadas, como Teoria Sociológica I e II, Métodos de Investigação Social, Curso de

---

ônibus, um quartel do Corpo de Bombeiros, um posto do Detran e um quartel da Polícia Militar. ” (MORAES, 2016, p. 2).

<sup>32</sup> Ver: MORAES, Suiany Silva de. Conflitos, Sociabilidades e Violências em um Território Estigmatizado: percepções iniciais acerca do polo de lazer Luiz Gonzaga – Fortaleza CE. *In: Anais do V Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: Criminalização, Controle e Punição.* Fortaleza: 2016.

Leitura I e Ciência Política, ao longo do primeiro ano de mestrado; o meu campo anterior, o bairro Benfica, não parava de aparecer para mim em forma de dados e narrativas diversas. Diante dessa realidade, entrei em crise em relação ao meu objeto de pesquisa e passei a ter dois cadernos de campo: um com os dados da pesquisa em andamento, referente ao Polo de Lazer do Conjunto Ceará e outro com o conjunto de dados e narrativas sobre as comunidades, os conflitos, os crimes e o tráfico, enfim, tudo aquilo que, no processo de interlocução informal, ia surgindo.

A partir disso, empreendi diálogos com meu orientador no sentido de buscar compreender a crise na qual eu me encontrava e, talvez, escutar dele qual caminho eu deveria seguir e qual objeto de pesquisa escolher. Nesse momento escutei o conselho mais precioso que eu poderia receber: “[...] às vezes nós estamos tão focados em um objeto que não conseguimos ver nada mais nele e acabamos sendo arrebatados por um outro objeto.” Longe de ter sido uma ordem, o conselho soou muito mais como um encorajamento para a mudança e o deslocamento, me voltando para uma pesquisa que, como já foi apresentado acima, perpassa a minha própria biografia (MILLS, 2009).

Foi esse arrebatamento que me levou, ao final do primeiro ano do curso de mestrado em Sociologia, a mudar de objeto de pesquisa, deslocando a análise para crimes, conflitos e tráfico de drogas no bairro Benfica, buscando compreender como esses elementos estão emaranhados, como se expressam e se naturalizam e quais as conjunções de fluxos que engendram essas questões. Apesar do grande volume de dados etnográficos obtidos em campo, faço aqui um recorte consciente e privilégio alguns dados e narrativas em detrimento a outras. Essa escolha se deu em virtude dessa quantidade de dados não caber nesse texto. Diante disso, as informações utilizadas são aquelas que achei mais emblemáticas para caracterizar os fluxos das conflitualidades diversas no bairro, as não utilizadas aqui são pano de fundo para pensar hermeneuticamente as minhas reflexões (AQUINO, 2010).

“Eu nunca tinha ouvido falar sobre favela no Benfica”, foi uma frase que escutei em uma conversa informal, durante o período da pesquisa, de um aluno de um curso do Centro de Humanidades da UFC. Esta frase tornou-se emblemática por abrir meus horizontes para novas percepções sobre o bairro, carregadas por experiências que, como comprovei, nem sempre são vistas, ouvidas ou mediatizadas. Nas fronteiras erguidas pelas próprias instituições que ocupam o

bairro, como é o caso da UFC, situam-se as margens urbanas que não deixam de compor também apropriações legítimas do bairro, embora, a condição das comunidades periféricas acaba por demarcar politicamente as desigualdades que marcam as populações em condições periféricas no Brasil. Dessa forma, os acessos que construí em campo e os dados obtidos a partir disso tiveram como horizonte perceber essas dinâmicas “invisíveis” de um bairro em disputa.

A seguir busco problematizar as questões relativas a esse acesso ao campo.

## 2.1 Aspectos metodológicos – construindo caminhos

O acesso ao campo de pesquisa na região do bairro Benfica foi construído aos poucos. Conforme me referi anteriormente, durante a pesquisa de conclusão de curso o acesso era até certo ponto superficial, uma vez que não via nem escutava detalhes sobre os dados que passei a observar. Essa realidade mudou a medida que eu fazia o curso de Mestrado. Passei a ficar mais tempo no bairro por conta da carga horária das disciplinas e acabei criando novos hábitos e, conseqüentemente, conhecendo novas pessoas. Passei a frequentar, nesse período, os bares considerados *undergrounds* do bairro<sup>33</sup>, além de festinhas realizadas em casas de estudantes diversos espalhadas ao longo do território. Neles fui conhecendo moradores e frequentadores do bairro e foi percebendo emaranhado de narrativas de locais e conflitos que pareciam não ser vistos nem narrados.

A princípio a aproximação com esses atores foi livre de qualquer pretensão de pesquisa, eu estava ali apenas conhecendo pessoas novas em espaços de lazer e sociabilidade. Contudo, com o passar do tempo, fui ganhando a confiança dos mesmos, sendo convidada a fazer parte do cotidiano deles, levada a conhecer suas comunidades e perceber os meandros das redes legais e ilegais nas

---

<sup>33</sup> O bairro é formado por muitos bares ao longo do território. O *ethos* boêmio tem grande destaque na história cultural do bairro, sendo ele conhecido justamente pela diversidade de locais que se espalham ao longo do espaço. Em destaque os bares que funcionavam no período da pesquisa: Churas Bar, Gato Preto, The Lighs, Tia Anastácia, Cantinho Acadêmico, Batata's, Biroscas Verde, Toca do Coelho, Bar da Lora, Genézio's, Tony do Orós e Paraíba bar.

quais eles estavam envolvidos. Fui assim conhecendo as demandas e as dificuldades das comunidades; os “envolvidos” no comércio local da droga; percebendo os fluxos que engendram os mercados ilícitos e um *modus operandi* da criminalidade local que envolve agentes corruptos do Estado, com o pagamento de arrego, e tramas envolvendo grandes volumes de drogas e armas de fogo, em especial maconha, cocaína e crack; além de disputas territoriais violentas pelo território local que tem no uso da arma de fogo a força reguladora.

Foi também no processo de relacionamento com estas pessoas, suas vivências, realidades e circuitos, e com as coisas que envolvem tudo isso, que a interlocução foi se desenvolvendo. Como nos trabalhos de Aquino (2010) e Sá (2010), o resultado dessa interação foi um diálogo intenso e constante, produzindo imagens, impressões, sentimentos, relatos e reflexões não só em mim como pesquisadora e talvez maior interessada, como também com os agentes pesquisados ao longo desse processo.

Em resumo, comecei a buscar a aproximação em campo com aqueles que de certa forma me fascinavam. O deslumbramento com cada nova descoberta etnográfica me empolgava de tal forma, que cada vez eu queria conhecer mais detalhadamente o emaranhado do mundo do crime. Diante disso, fui incapaz de esconder o fascínio com minhas descobertas daqueles que estavam no meu entorno, principalmente amigos e família. Por conta disso, passei algumas situações delicadas quando o campo de certa forma interferia na vida pessoal e demandava uma atenção maior. Pude, felizmente, pensar e vivenciar tudo isso em um momento em que existe uma variação de pesquisas etnográficas de práticas criminais que trilham caminhos próprios de inserção, problematizam as relações sociais que o pesquisador vivencia e como isso o afeta utilizando metodologias bem particulares e originais. Destaco, dentre elas, Barbosa (2001), Whyte (2005), Espinosa (2009), Sá (2010), Aquino (2010), Biondi (2010), Feltran (2011), Grillo (2013) e Marques (2014).

Acho importante, ainda, problematizar que antes de eu ser uma pesquisadora da área da violência, sou alguém inserida em uma sociedade cujo os valores buscam, insistentemente, estigmatizar e criminalizar um determinado seguimento da sociedade composto por jovens, negros e periféricos. Dito isto, eu me vi ali, em um esforço crescente de buscar formas de interação e interlocução com aqueles que realizavam atividades em conflito com a lei e que eram, moralmente,

reprováveis pela quase totalidade dos meus amigos na época. Contudo, segui buscando demonstrar interesse pelas habilidades dos interlocutores como uma estratégia de inserção de campo e fui descobrindo, nesse percurso, pessoas humanizadas que desempenhavam diversos outros papéis no universo social na qual eles estavam inseridos. (AQUINO, 2010).

Acompanhei toda a dinâmica que se desenvolvia enquanto tomava cerveja em alguma das várias mesas de bar que passei a frequentar ao longo da pesquisa. Essa estratégia foi a minha principal forma de inserção em campo, indo em dias e a bares específicos e buscando frequentar, principalmente, os que também eram frequentados pelos “meninos do crime”. Às vezes eu convidava algum colega para me acompanhar, outras vezes ia só, mas em ambas as estratégias, aos poucos, foi havendo a aproximação com o grupo objetivado. O desafio da proximidade discutido por Sá (2010) que trata a “[...] proximidade como um desafio primeiro da reflexão sobre o trabalho antropológico em meio urbano [...]” (p. 47), foi um elemento insistentemente buscado por mim como forma de garantir uma rede de aproximação e uma posterior interlocução sem perder de foco as problematizações em torno da minha presença.

Foi através dessa inserção que conheci aqueles que viriam a ser meus principais interlocutores na pesquisa: o Antônio, a Juliane e o João<sup>34</sup>. Conheci o Antônio em uma segunda-feira à noite e, como quase todas as segundas ao longo do ano de 2016, eu estava em um dos bares do bairro quando esse rapaz passou e um amigo em comum me apresentou a ele. Nesse primeiro momento ele se apresentou como um empresário do ramo de confecções e estudante de um curso de graduação em uma Universidade privada<sup>35</sup>. Posteriormente percebi que havia um conjunto de “profissões” que as pessoas envolvidas costumavam dizer que desempenhavam. A principal delas é ser empresário do ramo de confecções, água mineral ou de bares. Atualmente, contudo, com as mudanças no perfil do tráfico local, a “profissão” deu lugar a um “curso” na UFC, isto é, quando questionados

---

<sup>34</sup> Apresento maiores detalhes acerca deles mais à frente no texto.

<sup>35</sup> Opto aqui por dar definições genéricas sobre os interlocutores da pesquisa. Vale ressaltar que ao lidar com histórias de vidas de pessoas em conflito com a lei é preciso ter ainda mais cuidado com a forma de apresentação desses dados.

sobre o que “fazem da vida” eles costumam citar algum curso que se localiza no campus Benfica.

Dias depois, eu estava novamente no mesmo bar e já não haviam mesas para se sentar, então o Antônio me convidou para sentar na mesa em que ele estava com mais algumas pessoas, conheci nesse momento meus outros dois interlocutores principais. A partir desse dia, passei a ter a liberdade de sentar, sempre que eu quisesse, na mesa deles e fui começando a perceber que ali, naquela mesa, se desenrolava uma série de condutas criminais que atravessavam a organização do mercado do tráfico de drogas.

Durante o processo de pesquisa as relações de amizade desenvolvidas desempenharam um papel positivo no desenrolar do trabalho de campo, mesmo não sendo esse o objetivo inicial. Isso significa que me envolvi com meus interlocutores criando laços de amizade não objetivando a obtenção de dados, mas, estas se tornaram um elemento fundamental nesse processo. Passei a fazer parte do cotidiano deles e as relações foram se estreitando à medida que a pesquisa ia avançando. Vivi momentos importantes na vida deles, como aniversários, confraternizações, festas das mães, pais, natal, ano novo e da mesma forma, eles passaram a viver momentos importantes comigo. Aqui pude desenvolver um diálogo muito forte com a Aquino (2010) quando ela pensa a relação de empatia com seus interlocutores no universo de assaltos a bancos e como esse processo modifica o olhar, a compreensão e a experiência de ver e ouvir o outro.

Com o tempo, passei a buscar outras vivências com esses atores e fui fazendo um circuito, até então novo para mim, levada pelos interlocutores do bairro e aguçado pela curiosidade de ver, conhecer e vivenciar, dentro da legalidade, este Benfica que surgia à minha frente. Passei a ir almoçar em uma marmitaria, restaurante que vende comida no estilo prato feito, que ficava localizada quase na entrada de uma das comunidades estudadas e que era frequentada, principalmente, por moradores do bairro e por alguns dos meus interlocutores; consertar roupas em uma das comunidades, e dessa forma, construir o acesso ao local sem que minha presença pudesse ser considerada estranha ou ameaçadora de alguma forma; comer o churrasquinho de um morador local e, enquanto isso, ser atualizada, principalmente, dos conflitos envolvendo o uso e a venda de entorpecentes; ou sentar na calçada a noite para comer o pratinho de comida típica ao lado de outra

comunidade; ou simplesmente ir sentar em alguma calçada do bairro para “jogar conversa fora”.

Conduzimos nossas conversas sempre de maneira espontânea, sem uso de instrumentos clássicos de pesquisa, como roteiro de entrevista e gravador. Nas conversas os temas eram os mais diversos possíveis e eu ficava lá até que em algum momento poderia chegar onde tinha interesse de compreender. Levei um tempo para conseguir perguntar sobre o mundo do crime na qual eles estavam inseridos, priorizei, de início, desenvolver relações de confiabilidade em campo para poder, a partir disso, chegar a perguntas que poderiam ser mais delicadas ou difíceis de responder. Com o tempo, meus interlocutores principais passaram eles mesmos a perguntar aquilo sobre o qual eles sabiam que eu iria me interessar. Pude, durante esse período, me ancorar nas pesquisas já realizadas sobre crime e conflitos que trilharam caminhos parecidos na busca da obtenção dos dados, aqui ressalto Whyte (2005) como um dos principais diálogos teóricos nesse momento de chegada no campo e construção de relação de confiança. Recordo da relação dele com seu interlocutor principal, Doc, e pude traçar um paralelo entre ele e meus três interlocutores principais, que muitas vezes, tal como Doc, me levaram para locais, me inseriram em conversas e fizeram perguntas que só “os do meio” poderiam ter o grau de liberdade para fazer.

As falas utilizadas aqui são reconstruções de falas originais registradas em diário de campo escrito posteriormente; em bloco de notas do celular, quando eu não me aguentava de empolgação com a informação eu pegava o celular e ficava fazendo as anotações, e daquelas que ficaram retidas na memória. A principal técnica utilizada foi a observação etnográfica, além de estar ali era preciso uma sensibilidade especial para capturar suas vidas diárias. Esses registros marcam também toda uma gama de sentimentos que foram sendo produzidos nas observações e nas interações.

O tipo de envolvimento que desenvolvi e experimentei durante o trabalho de campo ultrapassou o que se entende na antropologia clássica por “observação participante”. Em alguma medida, não pude participar, em conjunto com os interlocutores, das suas vivências. Para ir além da empatia, haviam barreiras éticas claras das quais eu não pretendia transpor, uma vez que não haveria como eu participar das “paradas” que eram narradas para mim, nesse caso eu apenas as

escutava. Contudo, pude vivenciar e participar de inúmeros outros momentos. Paradas é um termo nativo que designa a participação em atividades ilegais, sejam relacionadas ao tráfico ou outra modalidade de crime. O mesmo termo é usado tanto para as ações (“tô indo fazer uma parada”) como para mercadorias ilícitas (“tô indo deixar uma parada”).

Fui, aos poucos, me tornando uma figura comum e não estranha no bairro e nas comunidades. Esse processo impactou na minha vida de inúmeras formas. Tal como com outros pesquisadores, Sá (2010) e Grillo (2013), por exemplo, vivenciei um período de liminaridade em relação a minha vida social, uma vez que minhas descobertas, deslumbramentos com o campo e o esforço de inserção levaram inúmeras pessoas do meu ciclo de convivência pessoal a me criticar por eu estar “me envolvendo demais com eles”. Diferente de Grillo (2013, p. 31), o meu campo não trilhou tantas margens. Sofri muito mais com a falta de compreensão dos amigos sempre se referindo a minha pesquisa como eu “vivendo com pessoas da pesada”, mas em casa, no entanto, tive o apoio de todos para seguir. Pouco alterei do meu modo de vestir, gostos pessoais e crenças. Contudo, a linguagem foi algo que precisei sempre observar, pois, muitas vezes, a minha forma coloquial de falar não era compreendida pelos interlocutores. Então eu fui aprendendo a usar gírias e termos que facilitavam o diálogo. O que de fato mudou com a pesquisa foi a minha relação com questões polêmicas e a percepção desses envolvidos desempenhando inúmeros outros papéis complexos para além das vivências no crime.

Também foi um período que mudei alguns hábitos: passei a sair mais vezes (a segunda feira, por exemplo, era um dos dias mais produtivos para o trabalho de campo, cheguei inclusive a amanhecer o dia algumas vezes), beber mais (e isso tem claras consequências de saúde, pois passei a ter um número maior de problemas nesse sentido); e senti o reflexo disso tudo na vida acadêmica, pois até nela, escutei críticas ao grau do meu envolvimento e esforço de inserção. Deixo claro aqui que não busquei me tornar uma nativa, ao contrário, busquei desnaturalizar o olhar sobre o bairro para, a partir disso, ver a diversidade de conflitos e disputas.

Diante do exposto, o esforço de inserção e participação é abordado, na pesquisa, como um dispositivo metodológico (FAVRET-SAADA, 2005). Isso significa dizer, que mais que observar, busquei participar do cotidiano dos meus

interlocutores, compreendendo sempre os limites desse método no caso de pesquisas que envolvem atores em conflito com a lei. Essa participação foi desenvolvida, especialmente, em três direções: a vivência em um circuito próprio dos nativos que moram nas comunidades do bairro, conforme já apontado acima; a construção de laços de confiança em campo; e a observação, e aqui não poderia deixar de ser diferente, do conjunto de dispositivos ilícitos acionados nos mercados ilegais. Em muitos momentos pude presenciar uma série de atividades ilícitas se desenvolvendo, como negociações de compra e venda de grandes volumes de entorpecentes; distribuição de roubos; discussão de estratégias de fachadas, negociações envolvendo armas de fogo e assim por diante. Ressalto que minha participação nesses momentos foi de mera pesquisadora/espectadora, não tendo tido envolvimento direto em nenhuma das ações. Em geral, esses momentos, aconteciam na casa ou nos locais de interlocução. Chamo atenção também para o fato que chegar a isso levou tempo, cerca de 6 meses de rotinização da minha presença nos espaços.

O enfoque no método etnográfico como chave se deu justamente por conta das peculiaridades do objeto de pesquisa. Dessa forma, a observação, a participação e a reflexão foram as chaves do método, juntamente, com a constante postura reflexiva sobre o meu papel como sujeito que observa, participa, relaciona e discute com os atores (ESPINOZA, 2009). Isso significa, que o trabalho de campo é visto aqui como algo mais amplo que não se encerra na interação, mas que se prolonga em experiências sensíveis posteriores, no exercício de problematizar a escrita, desde o diário de campo pessoal até ao que está sendo escrito de forma pública.

O trabalho de campo se estrutura então em uma busca por compreender a textura e a textualidade (DAS, 2012), na construção de figuras metafóricas que me permitiram caracterizar os aspectos físicos e sociais do bairro, traçando a partir disso a hipótese principal deste trabalho, de um bairro aristocrático e de classe média com características periféricas e apresentando as contradições desses aspectos; e as representações e os significados com os quais os conjuntos de ações são dotados de sentido e quais os sentidos dados.

Outro elemento fundamental nesse processo de pesquisa foi a construção de confiança em campo, afinal eu estava buscando algo que não costuma ser falado

e do ponto de vista do bairro Benfica, sequer é visto. Em muitos momentos me senti sendo posta à prova, deixada de lado nas conversas, com a presença questionada ou até mesmo hostilizada por estar ali. Mesmo eu sendo vista como “a patricinha da universidade que gosta da noite”, tive que provar, inúmeras vezes, que eu não estava ali para criminalizar alguém, que não tinha nenhuma ligação com a polícia ou algo do tipo. A identidade universitária foi muito importante em termos de construção de confiança no campo. Mesmo sendo um bairro universitário, o Benfica possui uma variada gama de consumidores de diferentes origens sociais. Porém, destaca-se o consumo entre estudantes, principalmente de cocaína e maconha, gerando lucro e empatia por parte daqueles em conflito com a lei. Da minha parte, eu não utilizei o consumo de drogas como forma de inserção, mas fiz uso da identidade universitária construída, do ponto de vista do senso comum, de “descolada” para trilhar os caminhos.

Tive muitas dificuldades, em um primeiro momento, de mostrar que eu não tinha nenhuma ligação com a polícia. Essa dificuldade residia no fato dos interlocutores saberem que eu cursava o mestrado em Sociologia e era vinculada ao Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC). Esse problema foi superado quando comecei a concordar com as críticas dos interlocutores sobre a atuação da polícia e ao adotar uma postura a favor da descriminalização e da legalização das drogas. Mesmo eles não tendo a compreensão total do que eu estava falando, nesse momento foi demarcada uma postura que se difere, em geral, das pessoas que compõem o aparato de polícia.

Diferentemente de Zaluar (2000), eu nunca fui confundida com papéis assistencialistas, os pedidos de ajuda que recebi foram posteriores a construção da confiança e giravam em torno da visão que os interlocutores tinham de mim, a de alguém que poderia ajudá-los com questões burocráticas com as quais eles não tinham proximidade. Ajudei então a separar papeladas diversas utilizadas para ter acesso aos programas sociais, colaborei com a organização burocrática (contratos, alvarás, autorizações) de empreendimentos locais legais cuja origem era a ilegalidade e atuei, conversando com advogado, orientando juridicamente e como testemunha de defesa de um interlocutor preso durante a pesquisa.

Houve, contudo, um momento que eu considero como um divisor no processo de construção da confiança: a abordagem de dois interlocutores. Foi a

partir da minha postura neste acontecimento que ganhei mais simpatia e confiança em campo, situação que levou meus interlocutores a “falarem mais abertamente” das dinâmicas e das redes de criminalidade nas quais eles estavam envolvidos, resultando em um diálogo, produzindo imagens, impressões, sentimentos, relatos e reflexões para a pesquisa.

Era um dia ensolarado e quente, como são os períodos do verão em Fortaleza, eu estava na UFC e, na hora do almoço, decidi ir almoçar na marmitaria citada anteriormente, nesse período eu havia passado a almoçar lá todos os dias. Ao chegar no local, encontrei alguns interlocutores, os donos do local e sentamos todos na mesma mesa, conversávamos sobre assuntos variados enquanto comíamos. Após o almoço, ainda fiquei um tempo no local conversando com as mesmas pessoas. De repente um rapaz chegou muito afobado, como quem tivesse corrido bastante e, por isso, havia perdido o fôlego e nos contou que, naquele momento, o João e a Juliene estavam sendo coagidos por homens armados e com distintivos dentro de um estabelecimento comercial do bairro. O que seguiu a essa informação foi uma profusão de coisas: uns correram (“vou embora antes que sobre pra mim”), outros começaram a ligar para os parceiros avisando da ação, alguns fizeram contatos, mandaram pessoas ou “mercadorias” se esconderem. O que se seguiu foi uma série de ações visando não serem também vítimas da coação, fosse ela da polícia ou do crime. Em paralelo, havia uma preocupação do que poderia estar acontecendo de fato com eles e começou-se a vislumbrar quem teria condições de passar pelo local sem levantar suspeitas e assim conseguir ver a ação. Acabei sendo percebida naquele momento como a pessoa que melhor se encaixava no perfil de “não levantar suspeitas”. Reuni coragem e forças (não era fácil me deslocar até o local, apesar de toda a minha curiosidade e preocupação com o que estaria ocorrendo, havia um risco claro, sendo polícia ou crime, da minha atitude ser considerada suspeita). Atravessei Avenidas e Ruas tão atordoada que o calor que assolava Fortaleza nem era mais sentido por mim.

Chegando, falei com todos os presentes e disse que havia passado apenas para cumprimentar a Juliene, já que eu estava passando próximo ao local. Nesse momento me fixei em apreender a maior quantidade possível de detalhes do cenário: de um lado estava a Juliane nervosa, chorando muito, algemada, coagida, pedindo calma; o João, que estava ao seu lado, mas sem algemas, também

nervoso, chorando, dizendo que não havia mais nada; do outro lado, quatro Policiais Civis, com distintivos no pescoço, pressionando eles por drogas e dinheiro. Juliane me abraçou forte e, muito nervosa, me pediu para voltar em outra hora, eu falei para ela ter calma e deixei o local. Logo após a minha saída, eu ainda nem havia me distanciado fisicamente, quando vi um carro estilo pick-up deixando o local com os policiais. Voltei novamente e, dessa vez, ouvi deles o que havia ocorrido: eles estavam em casa, na época eram moradores de uma das comunidades do bairro, quando aqueles policiais chegaram, invadiram e, em seguida, passaram a revistar tudo. Não havia mandado de busca e apreensão, eles simplesmente entraram e, enquanto reviravam cada canto da casa, perguntavam onde eles guardavam a cocaína, diziam que já sabiam e queriam apenas achar. Para Juliane a busca durou uma eternidade, para o João eles passaram cerca de meia hora procurando. Na busca eles acharam cerca de 500g de cocaína e, em seguida, passaram a pressionar perguntando pelo restante da droga, ameaçando a Juliane – “[...] vamos levar ela e lá na cadeia, bonita assim, vai virar mulherzinha das sapatão [sic] [...] e a gente ainda pede para as casca grossa moer ela de pisa que é pra criar vergonha e não se envolver com traficante [...]”. Os policiais os levaram então até o estabelecimento comercial onde eles trabalhavam, lá chegando, houve uma revista no local e foi achado mais 1kg de maconha. Se seguiu a isso uma outra rodada de ameaças de prisão e agressão física até chegarem a um acordo: um arrego no valor de R\$ 2 mil reais naquele momento e outros 4 mil previstos para dali a uma semana. E, como os policiais estavam sendo “bondosos<sup>36</sup>”, deixaram também os entorpecentes apreendidos como uma forma de garantir o pagamento em uma semana. A ideia de não prender nem apreender as drogas colabora para a manutenção do mercado e o consequente pagamento.

Após esse momento me tornei confidente desse casal, deixei de ser identificada com polícia ou uma possível delatante. Passei a ser vista como uma amiga, alguém em quem se pode confiar. Fui, a partir daí, aumentando a construção de laços de amizade, onde os mais próximos tornaram-se interlocutores chaves.

---

<sup>36</sup> Segundo Juliane esse foi o termo utilizado pelos policiais. O fato de eu ser mulher e estar ali dando apoio moral foi um fator decisivo para a construção de empatia e uma consequente maior proximidade com a interlocutora.

Durante esse processo, como já dito aqui em outros momentos, me apoiei bastante nas etnografias do mundo criminal, em especial as realizadas por Aquino (2010), que reflete sobre como as relações de amizade contribuíram para a obtenção de dados na pesquisa; Grillo (2013) que também aborda a construção das relações de amizade como forma de obtenção de dados; e Sá (2010) para quem o conteúdo da relação de amizade foi uma condição da produção de conhecimento da pesquisa. Para além de obter dados, construir amizades nessa pesquisa implicou em pensar esses interlocutores de maneira humanizada, como pessoas inseridas na sociedade e desempenhando inúmeros papéis e, muitas vezes, marcados profundamente por uma experiência cotidiana de exclusão social.

Dessa forma, adentrei no emaranhado complexo das relações sociais nas quais esses atores estavam envolvidos, conhecendo não só as atividades relacionadas ao universo criminal, mas a teia que envolve amigos, famílias, mulheres, territórios e capital econômico. Experimentei, mesmo que pouco, a discriminação sofrida por eles, principalmente partindo do meu círculo de amizade que faziam questão de dizer que eu “estava andando com gente que não é do meu tipo”, e isso provocou sensações dolorosas durante o processo. Passei a ser cada mais acolhida pelos interlocutores e já não fazia cerimônia para abrir a geladeira em uma casa ou me esticar na cama que, muitas vezes, funciona como um sofá, com as obrigações de reciprocidade que isso implica. Recebi também alguns deles na minha casa em jantares que eu costumava oferecer. Sempre simpática, sorridente e prestativa, fui conquistando cada vez mais pessoas e criando uma rede que vai muito além da interlocução realizada para essa pesquisa. Essa rede é de partilha de universos distintos que foram se imbricando ao longo desse caminho.

Diante do exposto, a pesquisa está ancorada, fundamentalmente, em incursões etnográficas e tem, na ferramenta do diário de campo, o material empírico prioritário, construindo, dessa forma, uma pesquisa fincada no artesanato intelectual (Mills, 2009). O enfoque etnográfico da pesquisa implica no trabalho de campo como fundamental para a produção de informações em um estudo que se pretende próximo da realidade social das comunidades. Dessa forma, “[...] la permanencia y cercanía que podía establecer con el campo; el acercamiento metodológico y las técnicas de investigación; y por último, la constante reflexión sobre el papel que

como investigador assumiria em esse campo.” (ESPINOSA, 2009, p. 113), foram questões pensadas e problematizadas no processo da pesquisa.

## 2.2 Dilemas éticos e morais de uma pesquisa com o crime.

No início do trabalho de campo a frequência com a qual eu me deslocava ao bairro e aos bares era vista pelo meu ciclo de amizades e até por minha família como aceitável, eu já frequentava muitos locais do bairro antes da pesquisa, então minha presença não era tão estranha assim e nem a minha ida, a princípio, era problemática já que era um espaço que eu já costumava frequentar. Com o tempo, contudo, as idas passaram a ser motivo de preocupação para estas pessoas. Inúmeras vezes fui questionada, às vezes de forma sutil e algumas outras mais agressivas, se eu estava viciada em alguma droga<sup>37</sup>, pois, para eles, só isso justificaria ter amizade com aquelas pessoas. O fato é que eu estava arrebatada com cada nova descoberta e com todo o enredo que ia se revelando. Aos poucos, fui mudando a forma de olhar para eles, observando os papéis que desenvolviam, modificando o meu vocabulário com a inclusão de termos nativos, como “vai dar bom” (dará certo), “vai ser sal” (combinado), “corre de ganso” (algo que não deu certo) e “giriquita” (cheio de tramoias); e a minha perspectiva sobre várias questões polêmicas.

O trabalho de campo ia me transformando, não em uma nativa, não tive, em nenhum momento, essa pretensão, mas, em alguém que busca ver o mundo sem rotulações ou preconceitos. Tornar-se ou não um nativo no processo de pesquisa é uma discussão clássica na Antropologia e na observação participante. De fato, no caso desta pesquisa, era preciso me despir das minhas verdades pré-concebidas para entender o outro. Contudo, em nenhum momento esse processo

---

<sup>37</sup> Durante o período do trabalho de campo eu pude observar o consumo e a venda de vários tipos de entorpecentes diferentes. Muitos foram oferecidas a mim nesse processo, principalmente as sintéticas, êxtase (“bala”), LSD (“doce”) e cocaína (“branco”). Contudo, eu nunca fiz uso delas. Em campo eu costumava tomar cerveja. Mesmo não fazendo uso, muitas vezes, eu estive com os interlocutores no momento do consumo, já tendo presenciado o consumo de êxtase, LSD, cocaína, loló, crack, rivotril (“rocha”), ketamina e lança-perfume.

me torna nativa, mas, colaborou bastante para a compreensão do universo estudado.

Por vezes, fui também acusada, nas rodas de amigos, de estar fazendo apologia ao crime por estar vivenciando tudo aquilo de forma “conivente”. Contudo, a minha dedicação em estudar as práticas *in loco* não poderia ser confundida com apologia, uma vez que, tal como Biondi (2010) em sua tese, eu deixava claro meu papel de pesquisadora e que eu não estava ali para participar da produção do crime, e sim para compreender e problematizar. Meu real interesse só foi exposto para os interlocutores principais com as quais pude estabelecer um vínculo maior: Antônio, João e Juliane. Os demais, contudo, sabiam que eu estudava violência no bairro, mas não sabiam ao certo qual era o interesse. Ao longo da pesquisa eu compreendi que não seria possível informar a todos que conheci e estabeleci interações sobre os meus objetivos, pois, em um campo em disputa, eu poderia correr riscos pessoais se lados opostos viessem me questionar sobre.

Mesmo tendo essa postura em campo, fui confundida em vários momentos por compradores diversos, não raras as vezes eu estava nos locais de interlocução e era abordada com perguntas: “tu tá passando o preto? ”; “tem balinha de 10?”; “branco tá tendo?”; “e a rocha, quem tá passando?”. Em todas elas eu respondia que eu não era vendedora e que eu não sabia quem estava vendendo. É comum o uso de categorias nativas para nomear as drogas consumidas e o movimento no seu entorno. “Preto” é uma referência a maconha do tipo prensada. “Balinha de 10” é uma referência ao valor da maconha ou da cocaína, que pode variar de acordo com o “correria” que esteja “passando”. “Branco” é referência a cocaína e “rocha” ao rivotril. “Passando” significa vender e se relaciona ao comércio da droga no varejo.

A pesquisa foi então trilhando caminhos marginais e foi na observação de “[...] práticas *in loco*, [no estabelecimento de] vínculos duradouros com as pessoas, conquistando a sua confiança, ultrapassando as suas fachadas para entrar em sua intimidade e ver além do que elas gostariam de mostrar” (BIONDI, 2010, p. 33), que a pesquisa foi construindo os seus caminhos. O produto desse tipo de incursão é um material repleto de dados que não poderiam ser acessados através dos instrumentais clássicos de pesquisa. De todas as interlocuções gravo registros diversos, quais sejam: textos produzidos por mim (todas as falas nativas aqui

reproduzidas são textos meus escritos posteriormente as interações), observações das expressões corporais, do contexto da fala, as relativizações, a comparação de narrativas nativas e todos os sentimentos que me marcaram no processo da pesquisa.

Foi vivenciando o cotidiano deles e compreendendo as redes criminais e as relações interpessoais nas quais eles estavam inseridos que pude de fato sentir e entender os fluxos que se engendram no dia-a-dia. A cada nova vivência uma gama de sentimentos era produzida e, muitos deles, compartilhei em comum com os interlocutores. Sendo assim, pude vivenciar o medo da arma de fogo e de uma bala perdida a medida que a tensão e a disputa aumentavam, o medo do conflito com a chegada da polícia, o medo de estar próximo a alguém marcado para morrer e ser vítima de um acaso, sentir revolta ao ouvir narrativas de mulheres vítimas de agressões rotineiras de seus companheiros do crime, sentir o nó na garganta com a brevidade da vida e com as mortes que ocorreram durante a pesquisa, compartilhar com eles a revolta com a falta de infraestrutura urbana nas comunidades locais e, à medida que eu vivenciava mais ainda o cotidiano deles, mais sentimentos eram produzidos nesse processo.

Escutei muitas narrativas de agressões a mulheres em campo, mas sempre referenciando ao outro, “tá vendo fulano, ele batia na mulher”. Depois de meses eu descobri que duas interlocutoras eram agredidas sistematicamente por seus maridos, ambos traficantes e figuras responsáveis por receber a carga de drogas do “patrão” e efetivar a distribuição aos “aviões” ou “correries” menores, que ficam nas bocadas e nos pontos de comércio varejistas da droga. Quando comecei a escutar e presenciar as agressões – sim, cheguei a presenciar algumas agressões públicas e outras na dimensão mais íntima dos casais – me dei conta que ali era um limite decisivo: eu não conseguia vivenciar aquilo sem sentir uma grande revolta. Com o tempo me tornei confiante destas duas mulheres e passei a escutar em detalhes como eram as agressões e minha revolta com isso só crescia. Passei inclusive a dar conselhos feministas pensando na sororidade e no empoderamento delas, até o momento em que me dei conta de suas próprias dificuldades em sair daquelas situações. Percebi que as mulheres, apesar de jovens e lindas (ambas são bem mais jovens do que eu), suportavam opressões de gênero em relações abusivas de tal forma que as agressões poderiam ocorrer rotineiramente, isto

significa dizer que as suas relações anteriores também foram marcadas por práticas agressivas e abusivas e, nesse caso, tamanha rotinização da violência, levou uma inclusive a aprender a lutar para conseguir “revidar a altura a agressão”. Também compreendi que há um outro dispositivo envolvido nessa relação: o vício em alguma droga, que, em geral, é a cocaína. A dependência química aparece como um disparador de agressões, posto que, aparentemente, quanto maior a dependência maior era o grau de agressões verbais, físicas e psicológicas as quais elas estavam submetidas. Outro fato que me chamou atenção é que essas mulheres eram economicamente ativas, realizavam trabalhos dentro da legalidade e recebiam seus salários, contudo, esse valor sempre era revestido no financiamento das mercadorias ilegais que eram vendidas por seus maridos. Em troca, o sustento delas (casa, alimentação, roupas, cosméticos e etc.) era financiado por eles, reforçando a dominação masculina na relação abusiva. Depois de um período, contudo, acabei me afastando delas porque ouvir sobre essas agressões estava me afetando ao ponto de ser impulsionada a tomar alguma atitude imprevista. Sob hipótese nenhuma a pesquisa sociológica e antropológica deve criminalizar seus interlocutores e antes que esse elemento pudesse enviesar as minhas análises eu me afastei, reconhecendo a tênue linha ética em jogo em meu campo.

Da mesma forma que compartilhamos sentimentos de medo, angústia, dor e revolta, compartilhamos sentimentos de amizade e cumplicidade. Posso afirmar que a empatia construída aconteceu de maneira recíproca em quase todas as interlocuções desenvolvidas ao longo da pesquisa. Dois casos vivenciados em campo foram emblemáticos para que eu pudesse chegar a essa afirmação. No primeiro deles, o caso do “escarpam dourado”, eu fui presenteada com uma dádiva<sup>38</sup>: uma sandália de salto alto e bico fino, dourada, do tipo escarpam. Era uma noite qualquer em um dos bares que costumava frequentar, quando os “envolvidos” começaram a chegar e sentar na mesa em que eu estava, aos poucos fui percebendo que eles voltavam de alguma “ação”: tinham bolsas femininas, joias, relógios, roupas, itens que eu nunca tinha visto em posse de nenhum deles. Logo suas respectivas esposas começaram a “dividir” os bens: “eu fico com esse óculos,

---

<sup>38</sup> Dádivas são fatos sociais totais pois envolvem um sistema social de dar, receber e retribuir. Isto é, as obrigações morais que envolvem as trocas. Para mais detalhes ver Mauss (2003).

olha, tem escrito gucci nele, deve ser caro, fiquei chique”; “eu quero esse anel que parece brilhante”. Outras coisas mais valiosas, como objetos eletroeletrônicos começaram a ser oferecidos para as pessoas que estavam sentadas nas outras mesas por valores bem abaixo do preço de mercado.

Alguns dias depois eu vi a cena se repetir mais uma vez e quanto eu questioneei o porquê de eles agora terem aquele tipo de material escutei, em resposta, que eles estavam se especializando em um novo tipo de crime: o roubo em pousadas. As vítimas, em geral, eram mulheres de outros Estados que vinham para Fortaleza comprar mercadorias para vender nas suas cidades de origem. Alguém “dava a fita”, isto é, repassava detalhes sobre os valores que essas pessoas traziam consigo, local de hospedagem e rotina. Em posse das informações eles se hospedavam no local, e, na madrugada, anunciavam a ação efetivando o roubo aos hóspedes, tudo muito bem sincronizado e com cada um desenvolvendo uma função na ação. Os resultados desses roubos eram distribuídos entre as mulheres dos envolvidos e o que sobrava era vendido no mercado ilegal.

Durante esse período eu estava em vias de realizar as minhas fotos para a placa de formatura do curso de ciências sociais, eu me formei em 2015, mas a placa só foi feita em 2017, e, como eu estava muito ansiosa, comentei com os interlocutores mais próximos que eu iria fazer as fotos na reitoria da UFC. Para a minha surpresa, em uma das distribuições dos roubos realizados nas pousadas, um interlocutor, Cláudio, chegou para mim com um presente: “Suiany olha como é chique esse sapato. Dourado, fino, elegante, ele não cabe no pé da minha esposa então tô te dando pra tu usar nas tuas fotos que tu vai fazer. ” Confesso que paralisei no momento sem saber ao certo o que dizer e como reagir. Estaria eu sendo conivente ou cometendo algum crime aceitando o presente? Na hora não tive muito tempo para problematizar aquela atitude, recebi o presente de bom grado, agradei simpaticamente e de fato fiz uso do mesmo no dia do ensaio fotográfico. Posteriormente fiquei pensando: como considerar uma dádiva proveniente de um roubo? Fato é que ali, naquela atitude, a relação de empatia que eu vinha construindo encontrava ressonância nos interlocutores com as quais eu estava dialogando.

A outra história que corrobora com esse sentimento mútuo de empatia ocorreu em um aniversário onde eu fui convidada a assumir a responsabilidade

social e moral de ser madrinha de uma criança de um ano de idade. Era um sábado o dia da comemoração do aniversário do filho de um casal de interlocutores e eu havia sido convidada semanas antes para a festa. Já que era uma festa de criança, resolvi levar meu afilhado e seu irmão comigo, um de oito anos e outro de seis, respectivamente. Quando nós chegamos ao local, a festa já estava cheia de pessoas e crianças correndo para todos os lados, cumprimentei o aniversariante e os pais deles, liberei as crianças para irem brincar e fui sentar em uma mesa que reunia um grande número de interlocutores. Esse aniversário foi um dos eventos sociais que, durante a pesquisa, mais aglutinou pessoas envolvidas com crimes diversos no bairro.

Em determinado momento da festa, tomávamos cerveja e conversávamos sobre como as crianças estavam se divertindo com os brinquedos e com as atrações disponíveis e, em especial, como o aniversariante parecia animado com tantos convidados ao redor, quando os interlocutores começaram a perguntar quem eram as crianças que eu havia levado e a tecer elogios em relação a minha postura com elas. Eu expliquei que um era o meu afilhado e o outro irmão dele, mas que eu fazia questão de tratá-los de maneira igual, sem diferenciar um do outro. Nesse momento, e para a minha surpresa, eu fui convidada pelos pais do aniversariante para ser sua madrinha<sup>39</sup>. A circunstância da situação, mais uma vez, não me permitiu parar para pensar ou até mesmo negar o convite. O status de madrinha<sup>40</sup> que ali me estava sendo oferecido está relacionado com uma ideia pautada em valores sociais e morais, advindos da religião católica, que é reproduzida ao longo da história pela sociedade. Receber esse convite, era sem dúvida, uma honra máxima, além de uma prova, partindo dos meus interlocutores, de que eu era uma pessoa de tamanha confiança que poderia ultrapassar o lugar de estranha, visita, pesquisadora ou

---

<sup>39</sup> A cerimônia de batismo não ocorreu. Alguns contratemplos impediram, contudo, sigo mantendo contato com a família e desempenhando o papel que me foi ofertado.

<sup>40</sup> Madrinha é o nome dado a figura de um indivíduo do sexo feminino que se compromete em cuidar e proteger algo ou alguém, a partir do ritual do apadrinhamento. As relações entre madrinha e afilhado (nome dado para a pessoa que é apadrinhado) são comuns no âmbito religioso. O principal exemplo é a chamada "madrinha de batismo", ou seja, uma mulher que acompanha a criança no ritual de batismo, comprometendo-se a assistir e ajudar na educação de seu afilhado, como se fosse uma "segunda imagem materna" da criança. Fonte: <https://www.significados.com.br/madrinha/>. Acessado em 09 de julho de 2018.

qualquer outro papel e assumir um lugar na rede parental na qual a família que eles estavam construindo.

Esses dois momentos foram emocionantes para mim em campo pois, demonstram, que a relação construída ultrapassou uma mera observação. Desenvolvi relações pessoais durante a pesquisa, o que implica em um cuidado e um respeito muito maior pela vida e a história de cada interlocutor aqui citado. Seguindo o lastro de Mills (2009), a pesquisa nunca se separa da vida do pesquisador, todo o conjunto de problemas envolvidos na pesquisa, de certa forma, envolve toda a vida do pesquisador, passando ele a incluir em sua rotina pessoas interessadas na sua pesquisa e pessoas que tenham ligação com ela. Isso resulta em um trabalho imbricado onde as experiências pessoais, que são a fonte deste trabalho intelectual, e as experiências de pesquisa se confundem.

Diante de toda essa proximidade desenvolvida, surgiram paradoxos e tensões éticas que balizaram diferentes momentos da pesquisa, em especial, por se tratar de um estudo sobre disputas, mercados de drogas e crimes, por ser uma pesquisa que está lidando com interlocutores em conflito com a lei. Essas questões se concentraram, principalmente, em torno de três elementos distintos e complementares que pautaram tanto a minha postura em campo, como a escrita desse texto e as conseqüentes escolhas feitas: a confidencialidade, a discrição e a segurança. Ressalto ainda que o apoio nas pesquisas que versaram sobre as questões éticas foi fundamental, em especial a da Aquino (2010), que empreendeu um enorme esforço ético-metodológico para não criminalizar e nem prejudicar seus interlocutores em sua pesquisa sobre grandes assaltos.

O sigilo da qual trata a confidencialidade foi um debate essencial à medida em que, principalmente durante o processo de escrita dessa dissertação, me preocupei principalmente “[...] que los nombres e sobrenombres de todas las personas y el de algunos lugares [tengan] sido cambiados; [y que] las fechas [no] correspondem a momentos exatos. ” (ESPINOZA, 2009, p; 119). A garantia de anonimato é algo regulado pela legislação brasileira<sup>41</sup>, no código de ética da

---

<sup>41</sup> “[...] sigilo de confessorário que obriga os antropólogos, assim como padres, advogados, psicólogos e psiquiatras a guardarem segredos que lhes são confiados devido à sua profissão. [...] Prevê o art. 154 do Código Penal Brasileiro: “revelar alguém, sem justa causa, segredo, de que tem

Associação Brasileira de Antropologia<sup>42</sup> e no da Sociedade Brasileira de Sociologia<sup>43</sup>, instrumentos elaborados na perspectiva de pensar tanto os direitos dos antropólogos/sociólogos como os direitos das populações que são objeto de pesquisas.

Outras observações pertinentes às questões éticas analisadas dizem respeito a discrição, uma postura em campo de não ser inconveniente e perguntar apenas o que fosse coerente com a conversa em andamento e, a partir disso, aproveitar todas as perguntas feitas pelos próprios interlocutores na roda. Em uma pesquisa em um campo em disputa, perguntar incisivamente pode soar estranho e até perigoso. Fiz aqui um largo uso do método de pesquisa desenvolvido por Whyte (2005) na qual Doc, seu interlocutor chave, torna-se um fio condutor da inserção dele em campo e dos dados apreendidos. É através dele que há uma entrada mais orgânica em campo e que um conjunto de problematizações são respondidas. Eu não tinha necessariamente um Doc, tinha três na verdade que atuaram sempre como produtores de dados diversos, seja através das suas histórias de vida, das interações as quais eles me inseriam ou das perguntas que sempre faziam por saber do meu interesse.

Diante disso, problematizar a discrição leva diretamente a outra preocupação fundamental: a da segurança em campo. Resguardar os entrevistados e proteger seus segredos, além de ser algo colocado legalmente e profissionalmente, torna-se ainda mais pungente quando se trata de uma pesquisa

ciência em razão de função, ministério, ofício ou profissão, e cuja revelação possa produzir dano a alguém”. A pena cominada é detenção, de três meses a um ano, ou multa”. (GRILLO, 2013, p. 36).

<sup>42</sup> O código de ética da ABA foi elaborado no final dos anos 80 destacando: o direito de preservar informações confidenciais, garantia de que a colaboração prestada à investigação não seja utilizada com o intuito de prejudicar o grupo investigado e a busca por realizar o trabalho dentro dos cânones de objetividade e rigor inerentes à prática científica (Aquino, 2010).

<sup>43</sup> O código de ética da SBS baseia-se no Código de Ética da International Sociological Association e tem como destaque os seguintes itens: a obrigatoriedade de proteger o bem-estar de grupos e indivíduos com quem sociólogos (as) trabalham e que tomam parte no processo da pesquisa; manter uma atitude destituída de vieses ou preconceitos; o dever de proteger os direitos dos seus informantes; orienta-se pela ética profissional; busca garantias sobre a confidencialidade das informações; e afirma que a fonte da pesquisa deve ser confidencial. Fonte: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/images/docs/codigoetica.pdf>. Acessado em 09 de julho de 2018.

com pessoas envolvidas em atividades criminosas. Isso significa, que eu tenho uma responsabilidade ética ainda maior de não expor meus interlocutores, garantir o anonimato e proceder, durante a escrita, de forma a evitar a possibilidade de eles sofrerem alguma sanção por conta dos dados da abordados. Foi preciso também estar atenta a ética do local pesquisado, a ética da rua, das comunidades, das famílias e dos grupos criminosos na qual eu estava em contato constante, de modo a não expor a mim mesma e aos demais interlocutores.

Essa foi sem dúvida a preocupação fundamental ao longo da pesquisa: resguardar os indivíduos que tão bem me receberam e apresentar um trabalho escrito que não os exponha tem sido um grande desafio. Os riscos que perpassam a pesquisa, contudo, vão além da escrita de fato e envolvem questões relacionadas ao perigo de ambos os lados, ora, eu estava em contato roteirizado com pessoas envolvidas em formas diversas de criminalidade, além de ser um espaço em disputa entre grupos diversos o que gera uma tensão em se conviver nos espaços.

Muitas vezes passei por situações tensas, em especial as duas que narrarei a seguir. Nunca sofri qualquer tipo de ameaça por parte dos “envolvidos”, a única ameaça que eu sofri na verdade foi por parte de um morador que mora na porção do bairro conhecida como Gentilândia. Era uma ensolarada tarde de sábado e haveria uma feira de economia criativa na praça João Gentil. Fui convidada, pelos organizadores, a colocar uma banca de venda de drinks artesanais e, no dia, cheguei mais cedo para montar tudo. Durante o processo de montagem, notei uma pequena discussão entre os organizadores do evento e um senhor alto, branco, com cerca de 60 anos, vestido de bermuda, chinelo e camisa de botão aberta. Cheguei mais próximo para tentar entender o que acontecia e, nessa aproximação, percebi que a organização estava sendo intimidada por esse senhor que, armado com uma pistola ponto 40 em exibição na cintura, dizia, aos gritos, que ali não era local de “baderna” e que eles se retirassem ou ele os tiraria a força. Tomei a frente da discussão e tentei argumentar que aquele era um espaço público, que a organização estava com todos os alvarás em mãos liberando o evento, mas nenhum argumento foi capaz de barrar as ameaças de desferir tiros se insistíssemos em fazer naquele trecho da praça. Nos sentimos bastante coagidos e, em seguida, retiramos o material desse local e ficamos em outro menor.

Durante toda a discussão, uma frase era emblemática na fala desse morador: “você não são daqui, vão fazer baderna em outro canto. ”. Um dos organizadores chegou a dizer que morava no bairro há 30 anos, ali na rua Princesa Isabel. O senhor prontamente lhe respondeu: “aquilo ali não é Benfica, Benfica é aqui na porta da minha casa onde vocês fazem baderna. ”; e assim seguiu deferindo ameaças contra a organização do evento. Cenas desse tipo são comuns principalmente nessa praça, seja por parte dos moradores, seja por parte dos que lidam com o comércio da droga no local. Contudo, ressalto mais uma vez, que foi a única vez que eu sofri algum tipo de ameaça em campo.

O convívio com pessoas consideradas pela polícia como perigosas ou marcadas para morrer na disputa é arriscado pois existem riscos reais envolvendo a proximidade, algo ricamente trabalhado nas pesquisas da Aquino (2010) e Sá (2010). Senti isso de maneira mais acentuada após o episódio que ficou conhecido como a chacina do Benfica<sup>44</sup>. Nos dias que antecederam o acontecimento, eu havia passado a me aproximar de algumas pessoas que até então eu tinha pouco ou nenhum contato em campo. O grupo que busquei aproximação estava sempre nos bares nas quais eu costumava frequentar, mas o meu contato com eles era bem tímido, com o tempo passei a escutar muitos rumores e histórias sobre eles e resolvi, para finalizar o trabalho de campo, me aproximar.

Como eu era uma figura já conhecida nos espaços, não foi estranho a minha aproximação com esse grupo, passei então a sentar na mesma mesa que eles no bar, puxar conversa, me interessar por suas rotinas, descobri onde moravam, como eram as relações amorosas e familiares, quais as suas profissões, o que estudavam e fui, dessa forma, desenvolvendo uma relação de empatia com eles. No dia anterior a chacina, tive a oportunidade de dividir a mesa com eles e aquela foi a última vez. Lembro que nesse dia conversamos sobre amenidades e eles falavam sobre os meus cabelos, na época eu estava fazendo uma transição

---

<sup>44</sup> Sobre a chacina ver Crônica de Uma Noite de Terror, Moraes, 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/cronica-de-uma-noite-de-terror.html>. Acessado em 09 de julho de 2018.

capilar<sup>45</sup> bastante elogiada por eles, conversamos ainda sobre os homens bonitos no local e continuamos a tomar cerveja. Pouco após a meia noite, me despedi deles e chamei um Uber<sup>46</sup> para ir para casa, combinamos, antes disso, que nós veríamos no dia seguinte no mesmo local, que tomaríamos uma cerveja juntos e continuaríamos a conversa. Fui para casa feliz imaginando ter aberto um novo canal de diálogo.

No dia seguinte acontecia uma calourada na UFC e o bairro estava lotado de pessoas por todos os lados. Por conta disso eu não consegui chegar ao bar onde eu havia marcado com eles e fiquei em um anterior, onde consegui uma mesa. De repente escuto tiros, muitos tiros, acredito que cerca de 50 tiros foram disparados nesta noite. A minha reação na hora foi apenas de correr para longe dos estampidos que soavam como explosivos aos meus ouvidos. Foi tudo muito rápido e cessaram os tiros. Quando voltei ao local encontrei um cenário de guerra: mortos e feridos, mesas e cadeiras no chão, copos e garrafas quebrados e pessoas em pânico. De repente, passei a ver tudo em câmera lenta, como se um filme de terror passasse ali na minha frente. Quando me dei conta, percebi que o alvo havia sido justamente a mesa de pessoas que eu havia me aproximado nos dias anteriores. Ali estavam os corpos marcados, alguns estirados no chão, outros sentados denotando a não reação com a ação, com volumosas poças de sangue ao redor. Eu fiquei em choque com tudo e só conseguia chorar as percas de vidas humanas em função de uma guerra injusta e desleal.

### **2.3 Interlocução e pesquisa: atores envolvidos no processo.**

A pesquisa foi construída em momentos de convívio e interação no cotidiano dos interlocutores. Mantive conversas formais e informais, nas calçadas, nas casas e nos comércios do bairro; tomei café nas suas casas e em algumas

---

<sup>45</sup> Transição capilar se refere ao período de adaptação à textura natural do cabelo conforme ele cresce sem alisamento.

<sup>46</sup> É uma empresa multinacional americana, prestadora de serviços eletrônicos na área do transporte privado urbano, através de um aplicativo de transporte que permite a busca por motoristas baseada na localização oferecendo um serviço semelhante ao tradicional táxi.

delas eu conquistei o status de “de casa” e, por conta disso, uma liberdade maior de interação e de perguntas; participei de festas de famílias e privadas, aniversários infantis, almoços de confraternização e churrascos; travei longas e incontáveis conversas em mesas de bar; frequentei comércios formais e informais (do churrasquinho de rua a bares, restaurantes e casa de show); fui a festas fora do bairro e até cheguei a viajar com interlocutores com as quais eu construí uma maior proximidade.

Criminosos, não-envolvidos, familiares, usuários, moradores e frequentadores do bairro foram os grupos nas quais eu tive acesso e pude, a partir das relações desenvolvidas, construir essa rede de interlocução (MARQUES, 2014). Chamo atenção ao fato de eu ter encontrado ótimas condições para as conversas que desenvolvi, mesmo abordando temas e lidando com pessoas que, muitas vezes, estão em conflito com a lei. Não me importei em buscar o que estava acontecendo de fato naquele momento, já que meu objetivo inicial era fazer uma reconstrução que me levasse a compreender e problematizar a transição na qual o mercado fragmentado da droga no local estava passando, contudo, a rede construída me dava acesso a planos que estavam em vias de acontecer. Eu apenas me guardava no papel de ouvinte e pesquisadora, não me envolvendo além disso.

Por isso, procurei evitar a relação de investigação com meus interlocutores, buscando sempre construir uma relação de confiança e curiosidade em torno deles, das suas vidas e suas histórias. O meu papel enquanto pesquisadora não é culpabilizar ou fazer qualquer juízo de valor em relação ao que escutei e presenciei. Isso não significa dizer que eu aprovo as ações, ao contrário, reprovo muitas delas, mas só expressei essa reprovação para aqueles com as quais eu construí esse nível de intimidade e, ainda assim, na medida em que a minha postura não causasse nenhum mal-estar.

A pesquisa interagiu com mais de 30 pessoas<sup>47</sup> ao longo de dois anos (de maio de 2016 a maio de 2018). Alguns interlocutores foram presos e outros

---

<sup>47</sup> Algumas dessas pessoas e suas histórias de vida eu cito diretamente no texto, outras utilizo como um aparato hermenêutico para as minhas reflexões. Boa parte dos dados, contudo, não chegaram a ser trabalhados nesse texto em virtude do volume, pretendo analisá-los em outro momento.

executados ao longo desse processo (cinco pessoas no total e destas eu recorro cada história de vida e lembro, com emoção, das últimas conversas. Com algumas delas, inclusive, eu estive momentos antes do acontecimento que culminou com suas mortes). As execuções, por exemplo, me marcaram de tal forma que tive a necessidade de abordar isso ao escrever a dissertação, como pode ser visto no capítulo IV. Tive uma imensa dificuldade em finalizar a obtenção dos dados e me afastar do campo pesquisado, mesmo eu já tendo um grande volume de informações. Quando ensaiei essa retirada, aconteceu uma chacina no bairro, o que me levou a ficar mais alguns meses buscando compreender as consequências na dinâmica da disputa.

A seguir eu apresento alguns dos interlocutores que compuseram essa rede e me ajudaram na construção dessa pesquisa:

Antônio é um interlocutor chave para mim, talvez seja o meu Doc (Whyte, 2005). É com ele que eu adentro as comunidades e é através dele que eu conheço boa parte dos dados empíricos que está sendo apresentado nesse texto. Antônio é morador do bairro há 33 anos (e seu pai morador há mais de 60 anos), está inserido no comércio da droga no varejo, vendendo maconha, contudo, não é ligado a nenhuma facção criminal e a nenhuma comunidade, sendo caracterizado aqui como um microtraficante. Juliane tem 25 anos e é moradora do bairro. Tem uma origem social mais humilde e reside em uma de suas comunidades. Sua família cresceu no local. Atualmente é dona, juntamente com seu marido, de um estabelecimento comercial legal no bairro. Seu marido, João, também interlocutor dessa pesquisa, está cumprindo pena de privação de liberdade em um dos presídios administrados pelo governo do Estado do Ceará. Esses três, juntos, formam os interlocutores principais dessa pesquisa.

Cláudio é natural de um município do interior do Estado e, pelo que conta, veio morar no bairro quando umas “paradas” que ele fazia não deram certo. É bastante envolvido com a engrenagem do tráfico de drogas, sendo responsável pelo recebimento de grandes volumes de maconha prensada e cocaína para venda no varejo e no atacado. Realiza também assaltos do tipo sequestro relâmpago. Atualmente cumpre pena em uma das casas de privação de liberdade do Governo do Estado. Pedro também é alguém cuja atuação no bairro data do momento anterior ao processo de faccionalização, trabalhando na venda da droga no varejo,

principalmente maconha e cocaína. Minha proximidade com ele foi muito pouco, quando eu de fato ganhei sua confiança, ele foi executado no episódio que ficou conhecido como chacina do Benfica. Cleiton era um rapaz muito simpático e gentil, menor de idade, com cerca de 16 anos, ele era liderança do tráfico em uma das comunidades juntamente com o seu irmão, Diogo. Meu contato era com Cleiton. Antes de sua execução, tivemos várias oportunidades de conversas nas quais ele me contou como entrou nessa “vida” e narrava as negociações de pequeno e médio porte que ele estava envolvido. Por fim, Miranda, o playboy do tráfico, de origem social abastada, ele tem envolvimento há pelo menos 10 anos, sendo ligado aos “patrões” presos do bairro. Com a faccionalização do crime ele passou a ser ligado a um desses grupos e continuou a agir, tanto no tráfico de varejo, como em “paradas” determinadas pelo grupo. Nas nossas últimas conversas, soube que ele havia virado matador para a facção. Os demais citados ao longo da pesquisa, Pablo, Michel, Mário, Souza e Adriano eu tive pouco ou nenhum contato. Contudo, suas histórias sempre apareceram como um dado de campo.

O trabalho que está sendo apresentado aqui foi realizado principalmente através de conversações. Não fiz uso de gravador ou roteiro de entrevista em nenhuma conversa. Evitei o uso desses dois elementos por questões específicas ao campo: existem coisas que não podem ser gravadas, pois comprometem. Fiz uma pesquisa que exige determinada prudência.

### **3 ASPECTOS HISTÓRICOS, CARACTERÍSTICAS GERAIS E REFERÊNCIAS SIMBÓLICAS DO BAIRRO BENFICA<sup>48</sup>.**

Analisar um bairro é pensar em suas expressões, vivências heterogêneas e o espaço urbano como um conjunto complexo de redes de interações sociais diversas, onde os espaços são praticados, vividos e dotados de sentido (BARREIRA, I. 2016). A partir dessa compreensão, este capítulo objetiva situar o leitor nos aspectos gerais do bairro, tal como definição geográfica, dados estatísticos oficiais; aspectos históricos e culturais, como seu processo de ocupação e formação; lugares de importância física e simbólica, onde o conflito e as dinâmicas do crime comum e tráfico de drogas dividem espaço com sociabilidades e circuitos diversos; e, as comunidades periféricas, locais de moradias de baixa renda, aonde coexistem diversas modalidades de ilegalismos e que compõem esse bairro tão complexo e plural.

O contexto de ocupação histórica da cidade de Fortaleza iniciou-se em meados de 1600, no entanto, somente com a crise do abastecimento internacional, originada a partir da guerra civil americana, a cidade torna-se de primeira ordem e importância dentro do Estado no século XIX. A abertura de Fortaleza para o mar, nesse período, potencializou a cultura algodoeira, reforçando o fluxo de barcos e de transportes diversos, permitindo a afirmação da capital no quadro urbano do Estado. (PEQUENO, 2009). O bairro Benfica surge nesse contexto de urbanização da cidade e tem relação direta com a história econômica, cultural e educacional de Fortaleza.

Com a recuperação da economia do estado, afetada pela estiagem no final do século XIX, houve o deslocamento das classes sociais mais abastadas em direção à periferia do centro da cidade, a fim de afastarem-se do comércio. Esse movimento foi favorecido pelo conforto e pela rapidez proporcionados pelo sistema de transportes com as linhas de bondes elétricos e automóveis particulares movidos à gasolina. A expansão dos espaços de moradia se deu a partir do deslocamento das classes mais abastadas para o lado oeste da cidade, com o bairro Jacarecanga, e para o sul, na direção da estrada de Arronches, atual Parangaba, constituindo uma área destinada ao descanso no Benfica. (PEREIRA, 2009, p. 51).

---

<sup>48</sup> Um esboço desse texto pode ser encontrado no primeiro capítulo de “Medo, Violência e Insegurança: tramas e trajetos no cotidiano do bairro Benfica Fortaleza – CE.”. Fortaleza: UFC, 2015 (mimeo). Trabalho monográfico realizado por mim para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais sob a orientação do Prof. Dr. César Barreira.

O Benfica é visto como um bairro histórico, tradicional, universitário e residencial, perpassado por uma noção periférica desde a sua ocupação, como nos mostra a citação acima. O processo de povoamento da cidade de Fortaleza teve início na praia, passando pelo Centro, Jacarecanga e foi se expandindo até chegar no Benfica. Nesse período, o bairro era considerado periférico desse espaço povoado entre 1600 e 1850. Essa característica vai mudando com o passar do tempo e a ocupação de outros espaços ao longo do território da cidade, marcando o Benfica como um bairro agora central e de classe média. Contudo, para essa pesquisa, o bairro continua sendo considerado periférico. Não mais no sentido de estar as margens, mas por ser perpassado por comunidades com características periféricas.

“[...] Periferias se constituem como lugares híbridos e heterogêneos de um cotidiano compartilhado por sujeitos que vivem na adversidade e na busca por justiça social e por direitos sociais e direitos sobre a cidade, como o acesso à moradia, à saúde, ao transporte, à educação e ao consumo cultural, que interagem e se mesclam com a cidade normatizada, racional, “legitimada”, ultrapassando velhas noções morais de culpabilidade da pobreza ou de territórios de riscos, que podem sugerir sentidos estigmatizados de criminalização da pobreza.” (IVO, 2010, p. 10).

Caracterizado por uma particular multiplicidade de pessoas em comparação com os outros bairros de Fortaleza, apresenta um fluxo de atores sociais (estudantes, moradores, *hippies*, estrangeiros, dentre outros) que movimentam, dentro de uma gama de elementos, os espaços da Universidade Federal do Ceará – UFC; um circuito de lazer próprio (bares, *shopping*, praças, estádio e etc.); e um comércio de drogas no varejo. Costuma ser bastante lembrado por quatro aspectos: importância histórica para a cidade, por abrigar estágio e ginásio, fazendo do elemento esporte algo presente no seu cotidiano, por ser reduto cultural e pela crescente sensação de insegurança, associado, principalmente, as execuções decorrentes das disputas do tráfico faccionalizado.

Análises sobre metrópoles de grande porte, como São Paulo, associam o tema da diversidade urbana com o da segregação, implicando a existência de forte estratificação espacial revelada na existência de periferias [...]. (BARREIRA, I. 2016, p. 27).

Essa estratificação espacial da qual Barreira fala pode ser vista claramente no bairro. Localizado a 3km do centro de Fortaleza, tem início na Faculdade de Direito e seu fim na Avenida Eduardo Girão. Engloba ainda parte da

Avenida dos Expedicionários, Avenida do Imperador que tem como continuação a Avenida Carapinima, chegando até a Avenida José Bastos em seu cruzamento com a Avenida Padre Cícero. É cortado por duas Avenidas de grande circulação da cidade: Av 13 de Maio e Av. da Universidade. Apesar de composto por ruas com boa infraestrutura e de acesso central, o bairro é segregado internamente: de um lado moradores de classe média, concentrados, em sua maioria, na parte denominada Gentilândia; do outro, moradores de baixa renda das comunidades, concentradas na porção denominada Benfica. Há uma segregação espacial não vista à primeira vista, com infraestrutura urbana e serviços diversos de um lado, e com pouca ou nenhuma infraestrutura no outro; e assim, por polarizações, um Benfica em conflito vai se aprofundando.

**MAPA 02**



**MAPA DO BAIRRO BENFICA. FONTE: PEREIRA (2008)**

Guarda ainda a peculiaridade de ter um bairro dentro de um bairro. O bairro Gentilândia, criado oficialmente em 24 de julho de 2000, segundo o Diário Oficial do Município de Fortaleza, é considerado um dos menores bairros da Cidade e ocupa uma parte do espaço do Benfica (conforme pode ser visto no mapa 01), correspondendo ao quadrilátero entre as Avenidas da Universidade, Treze de Maio,

Expedicionários e Eduardo Girão. Contudo, não há uma separação efetiva, visto que ambos utilizam a mesma rede de serviços públicos e privados que a divisão geográfica do bairro Benfica engloba. A parte chamada de Gentilândia, em destaque mais claro no mapa acima, é considerada a “mais nobre do bairro”, juízo de valor apontado nas narrativas dos próprios moradores; enquanto o local em destaque verde no mapa compreende a porção do bairro com moradias de perfil mais simples. O trecho alaranjado do mapa compreende a parte mais comercial, com escolas, shoppings, clínicas, etc.; além de casas históricas. É nos trechos em verde e laranja que se localizam as comunidades mais pobres.

O Benfica é considerado um bairro histórico em Fortaleza, dada a sua ocupação e compõe a SER IV<sup>49</sup>. Segundo dados disponíveis no *site* da Prefeitura de Fortaleza, possui um IDH-M<sup>50</sup> médio de 0,664 e tem uma área total de 1,431km<sup>2</sup>. Sua população é composta, majoritariamente, por jovens e idosos (IBGE, 2010) na faixa etária de 15 a 29 e 50 a 64 anos, atingindo um percentual de 76,7% do total de habitantes. Em relação à população residente, é maior a presença de mulheres, são 5.142 de um total de 8.970 habitantes.

Uma das principais características do local está na abundância de mangueiras e frondosas árvores centenárias que podem ser observadas espalhadas ao longo da sua faixa territorial, seja nas propriedades particulares, nas praças ou no meio da rua. Segundo o Mapeamento das Áreas Verdes de Fortaleza, 0,2 km<sup>2</sup> do bairro é composto por vegetação, o que representa 14% do território. Além de verde, o bairro é local de encontro de vários grupos sociais distintos. Esses e outros elementos fazem do Benfica um espaço de diversidade e encontro de gerações. Contudo, esse local é marcado por conflitos diversos, muitos deles gerados a partir das tensões entre o passado e o presente, o Benfica de ontem e de hoje. Nas narrativas por parte dos moradores de lugares com maior infraestrutura, a fala é

---

<sup>49</sup> Fortaleza possui 114 bairros e conta com uma população de cerca de 2,5 milhões de habitantes. É dividido em seis Secretarias Executivas Regionais, SER, que tem como papel a execução das políticas públicas definidas pelos gestores. A Secretaria Executiva Regional (SER) IV foi inaugurada em 25 de abril de 1997. Com área territorial de 34.272 km<sup>2</sup>, a SER IV abrange 19 bairros. Fonte: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais/regional-IV>>. Acessado em 29 de maio de 2018.

<sup>50</sup> O índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) contempla três indicadores: média de anos de estudo do chefe da família, taxa de alfabetização e renda média do chefe de família (em salários mínimos). Quanto mais próximo da nota 1,0 mais desenvolvido é o bairro. Fonte: Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da violência na Cidade de Fortaleza, 2010, p.121.

muito pautada em um bairro histórico que vem se degradando e tornando-se violento ao longo do tempo. No entanto, na fala dos moradores antigos das comunidades mais pobres do bairro, a degradação já aparece como algo presente no cotidiano e vindo de longas datas.

### 3.1 Narrativas históricas – da Belle Époque aos dias atuais

O bairro Benfica começou a se constituir no final século XIX e recebeu esse nome em referência ao sítio Bem-fica, ocupado por José Paulino Hoonholtz, encarregado pelo Governo Provincial de projetar e construir o primeiro sistema de encanamento de água potável de Fortaleza, a ideia da Província era fazer uso das fontes de água do bairro. Já em 1892, os documentos oficiais dão conta do local pelo nome de Benfica, marcando um novo momento com a chegada de novos moradores e a construção do *boulevard* Visconde do Cahuype. O local era considerado espaço de “bem viver” e “bem morar” (NOGUEIRA, 2009), sua população era aristocrática e o bairro considerado nobre.

Nogueira (2009) aponta três fases distintas na ocupação do bairro: a fase das chácaras, ocupações do século XIX, ainda no período do Governo Provincial, que marcavam o que se poderia caracterizar como uma área rural em Fortaleza, ou uma área periférica, com extensos pomares e casas recuadas; o segundo momento, até 1930, surgem os ares aristocráticos, com o loteamento das áreas ocupadas pelas famílias Gentil, Manços Valente e Sabóia, com grandes mansões e extensas áreas de jardins. Essa fase caracteriza-se ainda pela abertura de ruas e construção de vilas, tais como Vila Antônio de Souza, Vila Demétrio, Vila Apertada Hora, Vila Campelo, Vila Alegre, Vila Arteiro e Vila Gentil, é também nesse momento que surgem as comunidades de baixa renda do bairro; e, posteriormente, a chegada da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1956, que reconfigura o lugar inserindo novos sujeitos no cotidiano dos moradores, complexificando as dinâmicas de sociabilidade no local e gerando uma cisão entre o Benfica de ontem e de hoje.

O Benfica era um dos bairros mais aristocráticos de Fortaleza, juntamente com o Jacarecanga, no período compreendido entre o final do séc. XIX até o final da década de 40. Isso aconteceu quando as famílias de alto poder aquisitivo começaram a sair do centro da cidade e se instalaram no bairro. Assim, logo

surgiram casas mais refinadas, com bangalôs, sobrados, piscinas, jardins e quintais, que serviam de residência a moradores ilustres e da alta sociedade.

A chegada da família Gentil imprime uma nova marca. A antiga chácara Garcia passava a ser chamada de chácara Gentil. O rico morador, dono do Banco Frota e Gentil, construiu uma cidade dentro do nascente bairro Benfica: desmembrou a chácara para compor os quarteirões, as ruas e as praças do bairro. Do espaço construído uma parte foi separada para a moradia da sua própria família e a outra foi alugada para famílias de classe média, imprimindo dessa forma um novo aspecto cultural, histórico e arquitetônico no bairro. Parte dessa estrutura foi desapropriada posteriormente pelo poder público dando origem às praças e algumas das principais ruas de acesso do bairro.

O campus da Universidade Federal do Ceará foi instalado no Benfica em 26 de junho de 1956 e motivou uma série de modificações, a começar pela estrutura física. A Universidade adquiriu imóveis por toda a extensão do bairro, muitos deles palacetes antigos datados da época da primeira fase de ocupação, utilizando eles para a criação dos seus centros de aulas. Prédios onde hoje funcionam as Casas de Cultura francesa, britânica e alemã eram residências de famílias como os Bráulio Lima, Tomaz Pompeu Magalhães e Francisco Queiroz Pessoa (PEREIRA, 2008); em frente, o Centro de Humanidades II, era a residência de um dos irmãos Gentil, Antônio, e deu lugar ao Centro de Esportes Universitários (CEU) e a residência de João Thomé Sabóia, da qual ainda resta o observatório, que é hoje o Centro Acadêmico de Psicologia; a Reitoria era o palacete do patriarca José Gentil; e, onde hoje fica o curso de Ciências Sociais, outrora era a residência do seu filho João Gentil.

A chegada da UFC imprimiu uma nova marca no bairro, além de valorizá-lo. Antes reconhecido como espaço residencial e tranquilo, passou a ser visto como bairro universitário, trazendo novos atores sociais, estudantes, jovens, empreendedores e etc., que se integraram ao espaço e passaram a construir um cenário diferenciado. Surge ainda uma série de novas atividades econômicas em torno da Universidade, este comércio era voltado para atender a demanda dos estudantes que passaram a fazer uso desse local. Destacam-se os variados bares, mercadinhos e a modificação dos tipos de residências, com a construção de quitinetes para atender a demanda estudantil. Dessa forma,

[...] as transformações de significados que o bairro adquiriu a partir da UFC [...] é interpretada aqui como o evento que marca não apenas a inserção de novos sujeitos capazes de significar o lugar a partir de suas experiências, mas, também, como o momento em que os próprios residentes reavaliam os sentidos atribuídos ao Benfica. (PEREIRA, 2008, p. 77).

A cultura do bairro passa a se entrelaçar com a Universidade, chegando está a debater em seus espaços de gestão, a criação de um corredor cultural, tendo a UFC como um “[...] lócus de produção de cultura que se irradia para o restante de Fortaleza, diferenciando o Benfica de outros bairros da capital cearense. ” (PEREIRA, 2008, p. 82). Em um primeiro momento, consta no Plano Diretor do Campus Universitário, datado de 1982, esse projeto de corredor cultural, onde no bairro se dariam apenas as atividades da Universidade relacionadas à cultura e extensão; em um segundo momento, em 1992, a UFC refaz a proposta com o objetivo de transformar a Avenida da Universidade em corredor cultural, concretizada somente no ano de 2017. Assim sendo,

A instalação da universidade pode ser interpretada como acontecimento culminante para modificar a definição do bairro residencial para tradicional. Ressalta-se que a modificação apontada não se dá de uma vez ela ocorre à medida que o Benfica vai sendo reconhecido como universitário pelos novos sujeitos e pelos moradores antigos, sem excluir o antigo reconhecimento. Há um passado no presente [...]. (IDEM, p. 78)

Atualmente, ao andar pelo bairro, é possível observar suas diversas fases marcadas nas fachadas das casas. Muitos moradores anteriores a chegada da UFC, permanecem no local em casas de arquitetura antiga, com frondosas árvores na entrada, muros baixos e cadeiras nas calçadas, costume muito visto em bairros tradicionais e em municípios no interior do Estado do Ceará. Em algumas ruas, é possível observar árvores no meio do logradouro, onde outrora, sem dúvida, deveria ter sido uma chácara. Essas características de um Benfica tradicional misturam-se com a construção, cada vez mais constante, de moradias de pequeno porte (chamados kitnets), casas coletivas (estilo repúblicas) e a agregação de jovens vindos dos mais diversos locais, em especial da África, buscando aqui uma especialização. No entanto, apesar do avanço desse tipo de moradia, o Benfica é ainda um bairro formado predominantemente por casas.

### 3.2 Referências simbólicas do bairro

[...] o bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua, é efetuar de tudo um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares etc.) (CERTEAU, 1999, p. 43).

O bairro se configura como um espaço vivido de múltiplas formas por indivíduos que moram e/ou frequentam e se sentem reconhecidos no local. Imprimem suas marcas, entrelaçando suas vivências e histórias de vida com a do próprio bairro, gerando contradições em alguns casos e sintonias em outros. O Benfica, em especial, tem apropriações diversas, com um circuito de lazer próprio, uma identidade estudantil, celeiro de produção cultural, social e política, mercados legais e ilegais, oriundos da multiplicidade de espaços públicos e privados que compõe a dinâmica local.

Abriga o Instituto Federal Tecnológico do Ceará (IFCE), que conta com cursos técnicos, bacharelado, licenciatura e mestrado; e o Centro de Línguas Estrangeiras do Ceará (CLEC), com cursos de inglês, francês e espanhol. Além disso, há a presença de algumas escolas de ensino fundamental, médio e técnico, públicas e privadas, como Instituto Mascote, Colégio Adventista de Fortaleza, Cepep Escola Técnica, Escola de Ensino Fundamental Centro dos Retalhistas e o Colégio Christus. A identidade estudantil é uma marca muito presente no bairro, sendo este configurado como um *ethos* intelectual universitário, e sempre lembrado por esse aspecto (VELHO, 2013). Ademais, há um circuito de lazer (MAGNANI, 2007) próprio e grupos sociais específicos que não podem ser vistos de maneira independente, mas sim, a partir de uma gama de conexões e contatos que estabelecem entre si e entre os espaços urbanos ocupados.

Em relação à espiritualidade, há instituições religiosas ligadas a Igreja Católica, como a Igreja dos Remédios, Instituto das Filhas de São José e o Dispensário dos Pobres, que faz parte da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paula; as Igrejas Evangélicas Sara Nossa Terra e Verbo da Vida; o Centro Espírita Francisco de Assis e Irmão Leite; e a organização *Seicho No Ie* “[...] instituição que se identifica como uma filosofia que transcende ao sectarismo

religioso, pois acredita, de acordo com o site do grupo, que todas as religiões são luzes de salvação que emanam de um único Deus.” (VIANA, 2009, p. 23)

A Universidade Federal do Ceará ocupa 13 hectares do bairro, sendo compostas por órgãos internos acadêmicos e administrativos, como a Reitoria, as Pró-Reitorias de Planejamento, Extensão, Administração e Assuntos Estudantis; Superintendência de Recursos Humanos; os Centros de Humanidades I (onde se localiza as Casas de Cultura Estrangeira, o Departamento de Letras, a Biblioteca), II (quadra do CEU, Departamento de Psicologia e História) e III (Departamento de Ciências Sociais); o Departamento de Arquitetura e Urbanismo; a FEAAC (Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade); a Faculdade de Direito e a Faculdade de Educação.

Além dos espaços acadêmicos e administrativos, outros órgãos de comunicação, assistência estudantil e cultural da Universidade se espalham pelo bairro: Residências Universitárias, Restaurante Universitário, Procuradoria Geral, Auditoria Interna, Ouvidoria, Museu de Arte, Rádio Universitária, Editora, Imprensa e a Concha Acústica, que costuma ser palco dos Festivais de bandas da UFC e da colação de grau dos concludentes. O bairro abriga ainda sindicatos ligados aos docentes e servidores da Universidade, como o sindicato de trabalhadores da UFC – SINTUF e o sindicato dos professores da UFC – ADUFC.

Os espaços da Universidade são ocupados por um público diverso que de certa forma reflete a diversidade presente no local. Indivíduos dos mais variados bairros de Fortaleza, bem como oriundos de outros municípios, se deslocam cotidianamente para este espaço com o intuito de estudar, trabalhar ou simplesmente “ficar de bobeira” e consumir ou comprar entorpecentes. Há também uma mobilização em torno das atividades culturais promovidas pela Universidade, como o Festival de Cultura, Festival de Bandas e o Corredor Cultural.

É nesse espaço de produção de conhecimento que ficam localizados os locais de maior disputa do bairro: o Centro de Humanidades I, II e III (CH1, CH2 e CH3). Ao lado da reitoria, defronte a histórica Igreja dos Remédios, o CH3 abriga o curso de Ciências Sociais e alguns órgãos administrativos da Universidade. O local é pouco propício às sociabilidades diversas por conta do formato de prédio: corredores estreitos, poucos espaços disponíveis e a ausência de áreas comuns são alguns aspectos que inibem as interações. O único espaço destinado a esse fim é uma praça, localizada na parte central do prédio, na divisa entre a parte

administrativa e a parte estudantil, denominada de Geraldo Markan, em homenagem a um Antropólogo que foi professor naquele departamento. É nessa praça onde ocorreram grandes disputas pelo controle do comércio da droga no bairro.

Nas narrativas dos jovens usuários e vendedores de drogas, os espaços da UFC sempre foram vistos como possibilidade de negócios: seja através do assalto, seja através do comércio da droga. Anteriormente, o local era a Faced, no CH1, migrou para o CH2 e, posteriormente, para o CH3. Essa dinâmica de migração está muito associada a mudança no uso dos espaços ao longo do tempo. Contudo, é uma dinâmica que está sempre em movimento migratório entre os três centros, em um processo constante de deslocamento dos pontos de venda e consumo da droga dentro da Universidade.

O uso dos espaços da Universidade se justifica, para eles, de muitas formas: “[...] lá a gente tem cliente [...]”, conta um vendedor de maconha. “[...] tem um monte de playboy que vem pra cá e a gente tem que ganhar alguma coisa [...]”. Ressalta um jovem assaltante. Há também uma fixação do espaço como um local de venda da droga, gerando um fluxo outro. Além dos que já estão presentes nesse cotidiano por estudarem, trabalharem ou frequentarem o local, há aqueles que se dirigem em busca dos pontos de venda e consumo da droga, gerando uma nova forma de sociabilidade, que outrora se restringia as comunidades e praças do bairro. Esse elemento faz com que os conflitos advindos da disputa pelos locais da droga passem a ocorrer nos espaços da Universidade. Especialmente entre os anos de 2015 e 2017 houveram grandes disputas para a venda da droga nesses espaços, chegando inclusive a haver conflito armado dentro da Universidade. Esse período culmina com a efetivação das facções criminais de forma mais orgânica na Cidade de Fortaleza. O bairro chegou a abrigar os quatro grupos nesse período: CV (Comando Vermelho), PCC (Primeiro Comando da Capital), GDE (Guardiões do Estado) e FDN (Família do Norte). No corrente ano, contudo, a disputa está em *stand by*, suspensa temporariamente. Após a chacina ocorrida, houve um processo de “limpeza” de pessoas ligadas a outros grupos criminosos ficando apenas um com um poder maior no local.

Fato é que na pesquisa os Centros de Humanidades aparecem inúmeras vezes nas narrativas dos interlocutores por motivos diversos e por isso trato eles aqui como espaços de referência simbólica do bairro. Neles, cotidianamente, vários jovens oriundos de diversos locais, fazem uso do espaço para sociabilidades

diversas e o consumo de drogas. Muitas vezes, as relações travadas são conflituosas e a natureza destes diversas: vão desde o incômodo com uma briga de casal, passando por agressões por dívidas com o tráfico, até a disputa pelo comércio no varejo da droga.

O bairro Benfica se configura como um conjunto de atração de muitas pessoas provenientes de diversas localidades e em um espaço cujos usos são “livres”. É justamente esse poder de atração que faz do bairro tão peculiar e diverso. Localizado bem próximo ao centro da cidade, é no bairro que se dão os encontros de várias “tribos”, sejam elas vindas das áreas nobres ou periféricas. É essa multiplicidade que faz do local um centro em disputa pelos grupos criminosos e pelos pontos de venda da droga.

Há ainda um variado comércio legal, com mercadinhos, lojas, shopping, supermercados, farmácias, padarias e etc, que surgiram após a chegada da UFC e imprimem uma marca comercial forte espalhada ao longo do território. Muitos desses empreendimentos são de famílias oriundas do próprio bairro ou de cidades do interior do Estado. O que é mais marcante na paisagem do local é a variedade de bares, dos mais undergrounds, passando pelos “cults” e os chamados “pé de chinelo”, que estão sempre com suas mesas lotadas, principalmente no fim da tarde e início da noite, por estudantes e trabalhadores que fazem daqueles espaços lugares de lazer e sociabilidade. Vale ressaltar que essa vivência boêmia no bairro ocorre, geralmente, de segunda a sexta, de acordo com o calendário oficial de aulas das escolas e Universidades.



físicos. Os conflitos na praça são, em geral, de três ordens: por um lado os moradores do entorno da praça costumam agir coagindo os frequentadores do local; por outro o tráfico do local também atua coagindo os frequentadores, principalmente com preconceitos sexual e de gênero; e os moradores de rua e hippies que moram na praça e que agem tanto realizando a manutenção do local, como coagindo frequentadores. Lá também é bastante comum abordagens policiais<sup>51</sup>, às vezes até várias ao dia. “[...] tô aqui estressado mulher, me abordaram 4 vezes hoje lá na praça, levei 4 baculejos, fui chamado de vagabundo 4 vezes [...] bixa tô revoltada.”, me contou um interlocutor em uma sexta-feira do mês de maio, dia em que ele foi abordado pela polícia 04 vezes no mesmo local.

A outra, Praça da Gentilândia, se localiza entre a Rua Santo Antônio, a Rua Marechal Deodoro e é paralela à Rua Paulino Nogueira, em frente fica um posto de gasolina (que fica defronte a Avenida 13 de Maio). Nela ocorre, uma vez por semana, uma feira de rua, com barracas e venda de frutas, verduras, legumes, cereais e carnes. Ademais, há uma permanente feira gastronômica, com tendas montadas que vendem desde hambúrgueres a pratinhos de comidas típicas. Aqui também o público é diverso. Contudo, após a chacina, houve um esvaziamento dos usos do local. O seu redor é formado por casas, na Rua Santo Antônio; bares e restaurantes, na Rua Paulino Nogueira; e, na Rua Marechal Deodoro, o Instituto Federal Tecnológico do Ceará<sup>52</sup>.

As praças são, nos últimos 10 anos, palco de conflitos objetivados através das execuções. No período anterior as disputas territoriais ocasionadas pela faccionalização do crime, as execuções ocorriam, principalmente, por acertos relacionados ao comércio da droga e a dívidas de agiotagem. A faccionalização do

---

<sup>51</sup> “Abordagem policial é a aproximação do policial a uma pessoa, independente de fundada suspeita, pois seu intuito maior é a prevenção criminal pela presença, pela ostensividade policial. A busca pessoal, por sua vez, é espécie da abordagem policial por ser uma ação ou atividade na qual a Polícia buscará em pessoa, veículo, casa, ou outras classes afins, objetos de delitos, como armas, drogas e outros semelhantes. ” Fonte: <http://egov.ufsc.br/portal/conteudo/abordagem-policial>. Acessado em 15 de julho de 2018.

<sup>52</sup> “O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) é um Instituto Federal de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, com atuação no Ceará. Especializado na oferta de educação profissional e tecnológica, nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com a prática pedagógica. ” Fonte: <https://ifce.edu.br/acesso-a-informacao/Institucional>. Acessado em 15 de julho de 2018.

crime foi um processo que aconteceu em Fortaleza, a princípio, com a efetivação das chamadas facções criminais. Antes o crime era ligado aos bairros e as gangues, com esse novo rearranjo, esse crime é arregimentado por um destes coletivos (CV, PCC, FDN e GDE) e passa a seguir uma série de regras morais impostas. No caso do bairro Benfica, esse processo levou a uma fragmentação ainda maior da disputa, colocando em lados opostos familiares e amigos que, em outros momentos, participavam das ações criminosas em conjunto.

O perfil da execução era comum e “simples”: a pessoa era abordada e morta com um ou dois tiros, certeiros. Na pesquisa desenvolvida na monografia, já citada anteriormente, essas mortes não causavam sensação de insegurança uma vez que havia no imaginário da população a relação direta entre morte e dívida. Esse cenário se modifica quando as execuções no local passam a se relacionar a disputa territorial, quando dois ou mais grupos criminosos entram em conflito por pontos de vendas da droga no varejo. Essa complexificação torna qualquer pessoa vítima em potencial em virtude da forma de abordagem: várias vezes, ao longo dos dois anos da pesquisa, houveram tiros aleatórios no local, dessa forma, a execução deixa de se relacionar apenas com a dívida e marca as duas praças como espaços em disputa, onde qualquer um passa a ser vítima em potencial.

Esses diversos espaços que formam o cenário do Bairro Benfica são utilizados e apropriados pelos atores que os compõe, mesmo diante da sensação de risco e insegurança e do aumento das disputas com o uso de arma de fogo, as pessoas seguem fazendo uso dos locais simbólicos do bairro. Estes são diversos e refletem, de certa forma, uma “mistura” entre o passado e o presente, o Benfica de ontem e o Benfica de hoje. Essa dualidade faz do local um espaço com atores sociais e conflitos diversos que tem se aprofundado com o tempo e com a ideia de que o bairro está em deterioração, e que agora é “assolado pela violência urbana”.

### 3.3 “Eu nunca tinha escutado falar sobre favela no Benfica<sup>53</sup>[...]”.

Conforme visto nos itens anteriores do capítulo, o Benfica é um bairro plural com uma diversidade de atores que fazem a apropriação dos seus espaços de forma variada e a partir de usos diversos. Em geral, esses espaços são vistos e problematizados tanto pelos frequentadores como pela população local. O objetivo desse item é apresentar o que é pouco ou quase nada visto no bairro: suas comunidades periféricas, isto é, suas favelas.

Gostaria de iniciar chamando atenção para um aspecto do bairro que para mim é fundamental nessa análise: a dualidade de suas características. Segundo o censo de 2010, o bairro é caracterizado como central, de classe média e com um IDH de 0,574, ficando em 19º lugar no ranking de Fortaleza (IBGE, 2010). Contudo, ao analisar suas comunidades e escutar diversas narrativas, pude traçar uma hipótese de trabalho de um bairro não periférico com características periféricas. Apesar de características que situam o bairro como de classe média, nas cinco comunidades encontradas e analisadas neste trabalho – Povo Guerreiro, Sumaré, Maresia, Realeza e Estrela-, as características são de comunidades periféricas, sem infraestrutura e assistência pública: falta iluminação, saneamento básico, segurança precária e baixíssimo IDH são alguns dos aspectos que caracterizam periféricamente essas áreas. Nelas, também há o domínio da criminalidade ordinária normatizando e moralizando o uso dos espaços. Nos demais lugares do bairro, no entanto, é possível observar esse bairro de classe média apresentado no censo de 2010.

Outra característica interessante dessas comunidades é o aparente não exercício histórico: as narrativas que escutei não falam do nascimento desses locais. Ressalto esse aspecto da não narrativa histórica por ser algo que me pergunto constantemente como pesquisadora: como se deu o processo de formação dessas comunidades? O bairro Benfica tem um processo de formação contado, com etapas

---

<sup>53</sup> Frase retirada do diário de campo. Carlos tem 20 anos, estuda há dois anos em um Centro de Humanidades da UFC e é morador de um bairro de periferia da cidade. Na sua narrativa sobre o Benfica se sobressai à surpresa de um “bairro universitário” inseguro e com favelas: “[...] nunca pensei que tivesse isso aqui. ”, finaliza.

de ocupação e formas de apropriação ao longo do tempo. Encontrei livros, teses e dissertações que abordam esse aspecto histórico de formação. Mas, e as comunidades? Quais aspectos dessa formação? Talvez essa história não contada queira dizer algo que eu ainda não tive acesso em campo. Fato é que nenhuma narrativa que escutei dava conta de como se deu processo de formação desses lugares, contudo, há uma memória viva dos conflitos e das disputas relacionadas nesses locais, algumas inclusive com narrativas de acontecimentos de 30 anos atrás ou de disputas pelo comércio da droga ainda na década de 70. A única pista que eu encontrei da origem histórica desses locais foi o período de aberturas das vilas.

Uma das comunidades a me chamar mais atenção, foi também a primeira na qual eu fui levada para conhecer, é a Povo Guerreiro. Chegar lá é relativamente fácil, basta entrar por uma das ruas de acesso, que são bem movimentadas, principalmente no horário de pico. A comunidade não é “fechada”, ressalto esse aspecto em comparação com outras comunidades que têm os acessos controlados, seja por parte da população local ou do crime, sendo seu acesso permitido a qualquer pessoa. Contudo, sua identificação não é tão fácil assim. Uma das entradas do local é escura, sem iluminação pública, com um amontoado de lixo no que parece ser um lixão improvisado e paredes sujas que conotam certo abandono por parte do poder público com o local. Nessa entrada também é possível ver, em dias de lavagem de roupas, diversas roupas penduradas em um “varal”<sup>54</sup> improvisado: talvez essa seja a única denúncia de que ali, naquele mini-beco reside uma das comunidades mais antigas do bairro. Já a outra entrada é mais visível, com um pequeno comércio vizinho, iluminação adequada e a entrada do beco um pouco mais larga. Nesse lado há também uma extensão da comunidade: a calçada em frente, com um “banco” e outro volume acumulado de lixo. É nesse banco o ponto de encontro do fim de tarde da comunidade: mulheres sentadas, crianças correndo na calçada e jovens escutando músicas do estilo *funk*.

A rua como reprodução da vida cotidiana alimenta laços de amizade e parentesco, conferindo ao cotidiano das comunidades um aspecto singular

---

<sup>54</sup> O “varal” utilizado pela comunidade são as fiações de eletricidade e telefonia que passam de um poste a outro, cruzando o corredor.

no contexto da cidade. Meninos e meninas, jovens e adultos transformam ruas, becos e vielas em verdadeiras salas de estar, territórios de convivência, lazer, estudo, disputas e namoro. Tais vivências diferem bastante do isolamento, da impessoalidade e da desconfiança que permeiam as relações na cidade, em que vizinhos de porta a porta não se cumprimentam e muito menos conversam. (RODRIGUEZ, 2013, p. 54-55).

Esse espaço extensão da comunidade chama atenção por ter sido o único observado até o momento com essas características apontadas por Rodriguez (2013): parece ser a praça que não existe, o espaço de sociabilidade e interação, uma sala de estar. É nele que ocorrem as comemorações nos fins de semana e onde mulheres, jovens, crianças, idosos e os cachorros, tão característicos da comunidade, se reúnem todos os dias, em uma interação muito parecida com a abordada por DaMatta (1987), onde a rua é a extensão da casa, onde o público e o privado se misturam e onde a dualidade do indivíduo-pessoa se objetiva.

Ao adentrar ao local à primeira coisa que me chamou a atenção foram os aspectos físicos: o cheiro é horrível, uma mistura de esgoto com lixo, mesmo não havendo volumes de lixo<sup>55</sup> espalhados pelo local, o cheiro me acompanhou de uma ponta a outra da comunidade; as casas são muito simples, algumas sem janelas e com apenas uma porta, todas gradeadas; a cor predominante é escura com paredes sujas e desgastadas pela ação do sol e da chuva; e, muitos cachorros espalhados ao longo do caminho (em alguns momentos é preciso “pular” por cima de algum que ocupa o corredor impedindo o deslocamento). Passar pela comunidade de dia ou de noite é um desafio vencido, quase que exclusivamente, pelos seus moradores, por alguns moradores do bairro que usam a comunidade de atalho e pelos usuários de drogas, principalmente crack e cocaína.

Durante o dia é possível ver muitas crianças correndo pelos becos e os idosos sentados nas “calçadas” conversando, jogando cartas ou dominó, ou escutando música (o som alto é outra característica muito marcante, Zeca Pagodinho, Raça Negra e Mc Guilherme são alguns dos artistas que consegui distinguir. Esses sons se misturam e às vezes casas vizinhas estão com sons

---

<sup>55</sup> A coleta de lixo é irregular. Tem momentos em que as duas entradas estão tomadas por “rampas de lixo”, contudo, quando há coleta, o local fica sem esse amontoado, restando apenas o cheiro do chorume nos locais em que costuma se amontoar o lixo.

potentes ligados). No período da noite a rua dá espaço para os comerciantes e os usuários de droga. A escolha de utilizar o termo calçadas entre aspas se deu pelo fato de o local não constar com uma separação do que seria a calçada e do que seria a rua. Em seus 1,80 metros de largura, rua, calçada e quintal se misturam, formando uma extensão da casa, tanto em relações sociais (DAMATTA, 1987) como em utilização do espaço físico.

Eram 21h de um sábado quando eu entrei na comunidade. O interlocutor que me acompanhava pediu para eu baixar a cabeça e não olhar direto para ninguém, ele me dizia que a noite ali era dos bruxos. E assim entramos. Nessa noite os cachorros que costumam ocupar o beco impedindo a passagem não estavam lá e esse espaço era ocupado por pessoas usuárias de crack. Um deles me chama atenção: um senhor muito magro, aparentando ter cerca de 50 anos, sentado no chão, pernas esticadas ocupando toda a largura do corredor. Em suas mãos um cachimbo prateado (ou coberto com papel alumínio, não pude distinguir), utilizado para o consumo de crack, preparado para a pancada; no chão, ao lado dele uma caixinha de som portátil toca um *funk* estridente. Mas a frente está Mário, por trás de sua janela gradeada, aguardando os clientes. Ele é o vendedor de crack mais antigo em atuação no local. [...] (TRECHO RETIRADO DO DIÁRIO DE CAMPO).

O termo bruxo ou bruxaria é uma palavra nativa que se refere ao consumo de drogas exacerbado que leva o usuário a uma fuga da realidade. É muito utilizado em referência ao consumo das seguintes drogas ilícitas: crack, cocaína, LSD, êxtase e loló; e do álcool, droga lícita. Já a “pancada” se refere ao ato do consumo de crack. “É uma pancada que dá sabe, fica tudo em ritmo lento [...]” (Diego, 40 anos, morador do Benfica, antigo traficante de maconha no varejo, atualmente usuário de crack e flanelinha pelas ruas do bairro). Ao longo das narrativas fui percebendo que o consumo de cada droga recebe um nome diferente: “dar um tiro” se refere ao uso da cocaína; “f1” e “dá um tapa” são termos que se referem ao uso da maconha; “dropar” se refere ao uso do êxtase e LSD; “dá um pau” se refere ao uso do loló; “tomar um mel” se refere ao consumo de álcool.

Visualmente as comunidades do bairro pouco se diferem das demais comunidades periféricas da Cidade: sem acesso a saúde, saneamento básico, iluminação pública adequada, são lugares onde a reprodução da vida ocorre na adversidade. De fato, é nítido que ao adentrá-las que parecemos ter saído do bairro Benfica tamanha é a diferenciação da infraestrutura entre o bairro e as comunidades. Essas características comuns a todas as elas acarretam, como

aponta Maricato (2003), na segregação urbana como um dos elementos mais brutais da desigualdade social.

A segregação urbana ou ambiental é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. A dificuldade de acesso aos serviços de infra-estrutura urbanos (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamento etc.) somam-se menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável. (p. 152).

Outras duas comunidades do bairro se aproximam dessa descrição feita por Maricato: a Realeza e a Estrela. A comunidade da Realeza passa despercebida aos olhos mais atentos pois suas entradas são estreitas e sem nenhum indicativo de que ali, no que parece ser um terreno abandonado, haja uma comunidade. O local é formado por várias dessas entradas, e, em apenas uma delas, é possível ver casas que formam uma vila. Ao adentrar um mundo se abre: entradas estreitas dão lugar a um terreno amplo ocupado por casas de alvenaria e outras no estilo “barraco”, pequenas habitações de madeira ou material de demolição, coberta de palha, telha ou zinco, geralmente construído em morros e favelas. São casas muito simples, rústicas e com instalações precárias; esgoto a céu aberto – há uma espécie de córrego de esgoto que cruza a comunidade de ponta a outra - sem iluminação e calçamento adequadas; muitos cachorros e gatos, crianças correndo brincando e moradores sentados nas calçadas. Em uma das entradas também é possível ver o lixo acumulado e o cheiro de chorume invadindo o local.

A comunidade já foi uma das maiores no comércio da droga no varejo e no atacado no bairro, sendo composta por várias bocas de fumo<sup>56</sup> com a venda, em especial de crack, maconha e cocaína, e a distribuição da droga para outras locais. O destaque do comércio da droga nesse espaço foi tanto, em um determinado momento, que era comum a polícia promover abordagens violentas no local, sendo mais frequente a presença do grupamento do Raio. Atualmente, contudo, não

---

<sup>56</sup> Boca ou bocada é um termo nativo usado para designar o local da venda da droga no varejo.

existem mais atividades do comércio da droga no varejo, passando está a ser conhecida por outro aspecto: a efetivação de roubos a pessoa, com roubos e furtos contra bens patrimoniais, sendo conhecidos, por parte dos interlocutores, como os “pirangueiros do crime”.

“Pirangueiros” é um adjetivo estigmatizante utilizado para denominar, no crime ou na rua, pessoas que não seguem uma conduta de ações pautadas em certas moralidades. Esse termo costuma ser utilizado pelos interlocutores desta pesquisa para definir dois tipos de pessoas: as que realizam assalto e furto contra os próprios moradores das comunidades e/ou os usuários que se dirigem ao local para comprar entorpecentes; e os aviões do tráfico que pegam a droga para a venda, a consomem e ficam em dívida. Em todas as comunidades estudadas os interlocutores me apontaram os que seriam os “pirangueiros” e deram suas justificativas para a definição.

Algumas dessas comunidades foram destaques nos bailes funks da década de 90, quando a criminalidade em Fortaleza se organizava em torno de gangues e galeras, e, a partir dessa organização, marcava territorialmente a Cidade em disputas que tinham os bailes como arenas dos enfrentamentos, conforme foi retratado por Diógenes (1998). Uma das comunidades destaque desse momento foi a Maresia por ter sido o local de surgimento de uma das maiores gangues que já existiu no bairro<sup>57</sup>. Por conta disso, a narrativa sobre a história desse local é sempre permeada por muitos detalhes e conflitos que mostram a grandiosidade do local outrora.

Nos aspectos físicos, esta é a comunidade que menos tem um perfil de abandono por parte do poder público: tem iluminação pública, saneamento básico e não costuma ter conflitos com a polícia. A única coisa que visualmente a poderia marcar e identificar como uma comunidade periférica é a presença, sempre constante, de lixo acumulado que causa uma sensação de abandono e mal cheiro. É ainda a comunidade mais aberta, pois é a única que não é composta por becos

---

<sup>57</sup> Na tese de Diógenes (1998) ela aponta três gangues de maior expressão no bairro: Canibais da Nova Geração, Rua Larga e Buraco da Gia. Opto aqui por não identificar qual gangue se relaciona a qual comunidade para minimizar os riscos de identificação dos locais estudados.

estreitos e sim por ruas largas e urbanizadas. Em sua paisagem é possível observar casas com grandes terrenos, antigas e muitas árvores.

Em relação ao crime, a comunidade, como dito anteriormente, esteve sempre relacionada às disputas de gangues e galeras, além de ter tido, durante a década de 90 e início dos anos 00, forte atuação no tráfico de maconha no varejo. Muitas narrativas dão conta inclusive de como ocorria esse comércio em uma comunidade que não é fechada e é urbanizada, uma delas me chamou muito atenção por ter sido utilizado uma banca de frutas e verduras como fachada para o comércio ilegal. Aliás, o legal e o ilegal são elementos que se cruzam bastante na dinâmica do crime nas comunidades, pois, em muitas delas, é, ou foi, através de mecanismos da legalidade que houve o fortalecimento do comércio ilegal e vice e versa (TELLES & HIRATA, 2007).

Outro elemento que chama atenção na comunidade Maresia é a não disputa territorial no momento. Apesar do histórico da comercialização de drogas no varejo, o local, atualmente, não conta com mais nenhuma “boca” e não está inserida na disputa territorial que perpassa o bairro. Pude compreender que essa ausência de disputa se deu, em partes, a partir da chegada do crack nas comunidades, o que levou os “patrões” do local ao vício e ao conseqüente abandono do tráfico no varejo, passando a realizar outras modalidades de crime, como o roubo e o furto. O que se tornou característico no local foram os conflitos advindos do consumo de álcool. O aumento do volume de consumo de crack nos anos 90 e 00 levou a uma mudança de poder em quase todas as comunidades do bairro. Escutei inúmeras narrativas sobre traficantes que perderam seus locais de comércio e tiveram os seus “proceder” questionados por conta do vício em crack. Aqui, mais uma vez, o adjetivo de “piranguero” é utilizado para definir pejorativamente essas pessoas, independentemente de suas histórias no crime.

A comunidade Sumaré é um complexo de pequenas ruas com duas entradas distintas. Lá também, como nas demais comunidades, há a predominância de famílias morando, com larga presença de crianças e idosos. Ao chegar no local, nos deparamos com uma comunidade pacífica, harmônica e com relativa infraestrutura, que, nas narrativas, sempre esteve relacionada a roubos e furtos. As casas são variadas, havendo a presença tanto de barracos como de casas de alto padrão. Me chama atenção no local a quantidade de pequenos comércios: enquanto

nas outras comunidades eu encontrei um ou dois empreendimentos locais, aqui vi vários tipos de empreendimentos como salões de beleza, mercadinhos e lava jato.

O que a diferencia das demais comunidades do bairro é sua história: relacionado também diretamente as gangues e galeras, o local era conhecido como reduto de ladrões e estelionatários responsáveis pelas ações no seu entorno. Essa realidade, contudo, muda quando um jovem nativo migrou do mundo das gangues para o universo do tráfico, passando a dominar o comércio da droga no local. Esse domínio durou 20 anos, sendo, dessa forma, a única comunidade a não vivenciar as disputas territoriais, até então.

Pablo era um traficante com vínculos sociais (ZALUAR, 2000), nascido e criado na comunidade, sua atuação era pautada na defesa da mesma. Era um traficante a moda antiga, velha guarda, cordial, desaprovava tudo que a moralidade dele considerava errada e se “metia”, se preciso fosse, até em briga de casal para defender a harmonia no local. Além disso, costumava ser protetor no sentido de buscar garantir condições mínimas de sobrevivência das famílias mais necessitadas, dessa forma se alguém precisava pagar uma conta de luz ou comprar leite para as crianças, se dirigia a ele e era prontamente atendido. Todas as suas posturas costumavam deixar claro que ele era o “dono do pedaço”. A outra forma de deixar claro esse seu papel, era através da ostentação de bens de luxo, como colares – lembro bastante de um com um cifrão de ouro cravejado de diamantes – pulseiras, relógios, roupas e óculos.

O reinado de Pablo durou até o ano de 2017, quando ele foi executado dentro do seu território com quatro tiros. A ação que culminou com sua morte, envolveu carros e motos, indivíduos encapuzados e armados de pistola ponto 40. A comunidade foi cercada, invadida e o “seu dono” executado. O que se seguiu a isso foi uma comoção generalizada com sua morte, tanto por parte daqueles que compõe o universo social do crime, como por parte da comunidade. Ali ficava claro que um ciclo se encerrava e um novo momento de disputa permeado pela morte com armas de fogo e execuções sumárias e públicas se vislumbrava no bairro.

Por fim, a comunidade Estrela é considerada pelos interlocutores como a mais perigosa do bairro. Esse receio por parte deles é tanto que foi o único local que, ao longo da pesquisa, não consegui adentrar. Apesar das minhas inúmeras

tentativas de ser levada até o local – fui severamente desencorajada a ir sozinha – eu sempre escutava como justificativa que lá ninguém poderia garantir minha segurança. Toda essa insegurança em seu entorno me deixava ainda mais curiosa e sempre me apresentavam a alguém de lá eu pedia que me fizessem uma descrição física. Eu tentava entender o que faria ela tão perigosa assim.

Essa comunidade é a menor de todas, composta apenas por um longo beco, sem ruas e saídas e fechada na entrada com um portão de ferro. Essas características fazem dela a mais envolvida em mistérios e a mais normatizada pelo crime. Nas narrativas que escutei sobre as disputas do bairro no período anterior a faccionalização, sempre retratam a comunidade Estrela como a mais violenta e agressiva na disputa territorial, tendo como seu maior opositor a comunidade Realeza. Ambas se destacavam no comércio do crack no varejo e faziam as disputas pelos pontos de venda.

As comunidades que se espalham ao longo do bairro têm características comuns entre si: compostas, em sua maioria, por famílias que moram no local a bastante tempo e que convivem cotidianamente com a ausência de direitos sociais como o acesso à saúde, à educação e ao consumo cultural; mantém uma relação tensa seja com o crime, seja com a polícia. Contudo, mesmo diante dessa realidade, é importante ressaltar que elas integram um bairro de classe média que é muito bem atendido por uma rede de infraestrutura.

As segregações espaciais no bairro, em especial nas comunidades e as suas condições precárias, afetam não apenas a forma em que se vive na cidade, mas também, o sistema de relações sociais que se entremeia no e sobre o espaço urbano, incide sobre a fragmentação sócio espacial da interação social e na conformação de espaços diferenciados de sociabilidade. Esta é a condição segregada que marca um bairro cortado por periferias e problemas sociais.

#### 4 CRIME COMUM, CRIME FACCIONALIZADO E DISPUTAS TERRITORIAIS.

*Aos poucos sumir sua família*  
*Na guerra fria seus amigos perdendo a vida*  
*Sua irmã de 13 anos engravida, de um verme de 40 pedofilia*  
*Polícia política quem investiga*  
*Os personagens principais da chacina*  
*Falta psicologia pra tanto louco*  
*E a cada dia mais alguém vira bicho solto*  
*O cobrador está na rua e quer vingança*  
*Da violência que sofre desde a infância*  
*Viver sem vestígio de esperança*  
*Sentir na pele o efeito da ganância cansa*  
*Rico que quer pobre a distância então*  
*Agora dança a nova dança como herança*  
*Eu sinto o cheiro de conflito*  
*Que com ferro fere com ferro será ferido*  
 (Dexter – Síndrome do Pânico)

As comunidades do bairro costumam ser referenciadas nas narrativas como reduto de assaltantes e estelionatários. Os assaltos aconteciam no entorno das próprias comunidades “[...] antes era ali perto do Mercado São Sebastião que eles assaltavam, isso os mais velhos, os de antigamente, os de hoje assaltam ali na UFC mesmo [...]”, me explicou Antônio. Falas como essa se multiplicam nas narrativas de moradores e frequentadores do espaço imprimindo um estigma social (GOFFMAN, 2012) muito forte e tão marcante que parece que morar em uma das comunidades locais é suficiente para ser rotulado. Certa vez eu fui em uma rua, próxima a uma das comunidades, encontrar a Juliene e ela atrasou cerca de meia hora, nesse período passaram vários jovens do local por mim. Quando ela chegou, sua reação foi muito sintomática desse estigma marcado pelo local de moradia:

Juliane: “Desculpa o atraso, eu tava resolvendo umas coisas. Fiquei preocupada com você, com medo de tu ser assaltada [...]”

Eu: “Tudo bem, esperei encostada no carro, só passaram os meninos do Povo Guerreiro por aqui.”

Juliane: “Ufa então, os que poderiam te assaltar passaram direto [risos ao final da frase]”. (TRECHO RETIRADO DO DIÁRIO DE CAMPO).

Roubos e furtos se multiplicam no entorno das comunidades onde modalidades de crime comum contra a pessoa são tão presentes e convergentes no tempo e no espaço. Aqui o que importa para essa pesquisa, é buscar explicar a evolução dos crimes e suas características não por meio dos atos criminosos, mas das circunstâncias sociais da efetivação do crime e suas conexões. Dito isto, chegamos a três elementos que, articulados, convergem para um tripé do crime comum contra a pessoa e que encontram no bairro o celeiro para as ações: “[...] [o] *ofensor motivado*, que por alguma razão esteja predisposto a cometer um crime; *alvo disponível*, objeto ou pessoa que possa ser atacado; e *ausência de guardiões*, que são capazes de prevenir violações.” (BEATO, PEIXOTO & ANDRADE, 2004, p. 55) (Grifos do autor).

A alta taxa de subnotificação no bairro e o baixo número de inquéritos policiais que se efetivam a partir dos registros das ações criminosas leva a uma impressão de um local tranquilo. Contudo, diversas narrativas dão conta dos assaltos realizados pelos jovens moradores das comunidades e pelos “passantes” – pessoas que não moram no local e nem próximo e que se aproveitam da passagem pelo bairro para praticar o crime de assalto. Em geral esse “passante” o faz em posse de uma arma de fogo. Aqui considero ao falar assalto diversas categorias tanto de tentativa como de efetivação do crime:

[...] furtos (ato de apropriação de bens alheios sem que a vítima perceba apropriação na hora da efetivação do ato); roubos (ato de apropriação de bens alheios em que a vítima percebe a apropriação na hora da efetivação do ato); tentativa de roubo (quando o indivíduo é vítima de roubo mas consegue evitar a consumação do mesmo); roubo em residência (ato de apropriação de bens alheios que estejam dentro da residência da vítima, estando ela presente ou não); tentativa de roubo em residência (quando o indivíduo é vítima de roubo na residência em que, por algum motivo, não consegue ser efetivado) [...]” (BEATO, PEIXOTO e ANDRADE, 2004, p. 55).

Essas modalidades de crime, juntamente com a venda de mercadorias ilícitas, as agressões e os homicídios, são práticas delituosas que se inserem no chamado crime comum, aqueles que não estão classificados e nem tipificados no código penal como hediondos, contravencionais ou de responsabilidade e que são praticados por qualquer pessoa. Destes, os que mais tem destaque ao longo do bairro são os roubos e furtos, o comércio de entorpecentes e o estelionato. Esses delitos, como aponta Lunecke (2016), tem relação direta com o contexto social na qual as pessoas que moram nas comunidades locais estão inseridas.

El delito a menudo opera como un símbolo que expresa otros problemas, conflictos, inseguridades y ansiedades relacionados con la vida comunitaria de las personas, sus vínculos interpersonales, su propio estatus social, su lugar en el mundo y el sentido que les dan a problemas que están fuera de su control. (p. 111).

Tradicionalmente, como aponta Grillo (2013), a prática do assalto – conhecido como a prática do 157 em alusão ao código penal brasileiro – era uma ação que dava prestígio social no mundo do crime, além de render uma série de mercadorias que eram trocadas e vendidas, fazendo com que houvesse uma circularidade de dádivas roubadas. No caso do bairro Benfica, essa realidade se modifica ao longo dos anos 90 e três elementos ajudam a pensar esse processo: a expansão dos mercados consumidores de droga que levou a uma migração de uma modalidade de crime para a outra; a alta exposição ao risco que os assaltantes experienciam; e o surgimento de drogas com maior potencial viciante, como o crack, que levou ao vício muitos dos assaltantes “considerados” na região.

Em geral o *modus operandi* é o mesmo, há a elaboração de um sistema de reconhecimento de uma vítima em potencial que é reproduzido seguindo a mesma lógica de atuação: abordagem de vítimas consideradas “fáceis”, mulheres, jovens e idosos solitários ou em pequenos grupos, entrando ou saindo de carros e residências. “[...] é que tem uns que é fácil demais, às vezes eu nem quero fazer sabe, mas é tão fácil que nego não deixa passar [...]”. Estevão, 20 anos. “As vítimas tornam-se ainda mais atrativas quando oferecem menor possibilidade de resistência ou proporcionam maior retorno esperado do crime” (BEATO, PEIXOTO & ANDRADE, 2004, p. 55); e quando estão em ruas de pouca circulação de pessoas. É corriqueiro o uso de “simulado”, termo nativo referente a uma réplica da arma de

fogo que, em geral, é uma de brinquedo, em assaltos ao longo do território do bairro ou de uma arma branca para impor o medo no “enquadramento” da vítima. Outra tática é o uso do elemento surpresa, com abordagens oportunistas e um *ethos* guerreiro, “[...] [que] se refere à cultura viril [...], vinculada a uma concepção agressiva da masculinidade, com ênfase na força física. [...] são elementos de autoafirmação e garantia de respeito, impondo a violência física [...]” (RODRIGUEZ, 2013, p. 72), adquirido, em geral, através do uso de substâncias ilícitas como o crack, a cocaína e a rocha e através da cultura da virilidade. Essas práticas aparecem inclusive como aspecto de socialização nas comunidades:

[...] eu sempre gostei de andar na favela, mas minha mãe não era pobre, então eu ia pra favela brincar com os meninos. Naquela época eles roubavam o povo que tava na janela do ônibus e depois corria pra dentro da casa do Paulinho. Aí a gente ficava lá um tempão até a poeira baixar e a gente ir de novo. [...] Até hoje eles assaltam e correm pra dentro [da comunidade] e lá ninguém acha. (ANTÔNIO, 33 ANOS) (TRECHO RETIRADO DO DIÁRIO DE CAMPO).

O uso da “rocha”, um termo nativo que se refere ao remédio tarja preta rivotril, é muito comum na efetivação das ações criminosas. Indicado no tratamento de crises epilépticas, espasmos infantis, transtornos de ansiedade e de humor, síndromes psicóticas, síndrome das pernas inquietas e da boca ardente e no tratamento de vertigens e distúrbios do equilíbrio, em adultos e crianças; é utilizado como droga por vários interlocutores dessa pesquisa. Em geral, seu uso é em quantidade (no mínimo 2 unidades), associada ao álcool e é comumente chamada como a “droga do vacilo” em referência a sensação de “super-homem” causada e ao esquecimento posterior ao seu consumo. Muitos dos interlocutores com as quais pude conversar ao longo da pesquisa, preferem fazer suas “paradas” sob efeito de alguma das substâncias ilícitas citadas. A justificativa para o uso é se precaver de sentir qualquer coisa relativa a culpa, medo ou ansiedade na hora da efetivação do crime.

Outro elemento marcante nas comunidades são os comércios da droga no varejo espalhados ao longo dos territórios. Como dito acima, muitos locais do bairro eram conhecidos como reduto de assaltantes e essa fama, datada dos anos 80 e início dos anos 90 e reforçada até os dias atuais, se sobressai nas falas dos moradores mais antigos. Ainda segundo as narrativas, o tráfico surge em alguns

locais já na década de 70, com um comércio de maconha tímido e sem grandes proporções. É nos anos 90 que essa realidade se complexifica e há uma expansão tanto das bocas e bocadas de venda da droga, como dos conflitos entorno da disputa pelo domínio territorial desses espaços.

É inclusive essa disputa uma das principais responsáveis, juntamente como alto consumo de crack e rocha, pelo aumento do número de homicídios e da sensação de insegurança no local. Isto significa dizer que com o aumento do volume da venda de entorpecentes diversos, houve também o aumento das disputas conflituosas entorno do controle dos territórios de venda e de consumo; outra consequência desta, são as novas formas de resolução das dívidas contraídas com as firmas locais do tráfico, passando, principalmente pelas execuções.

Ao longo do território do bairro é possível encontrar formas diferentes de articulação dessas firmas locais do tráfico, ora elas se configurando como um tráfico de morro – hierarquizado, organizado como uma empresa comercial, com a presença da arma de fogo e a fixação de pontos de venda da droga, em geral do crack, cocaína e maconha do tipo prensada; ora como um tráfico de pista – com menores expressões violentas, comércio voltado a drogas mais caras como o skunk<sup>58</sup>, haxixe<sup>59</sup> e drogas importadas, como LSD e êxtase, não hierarquizado, com ampla diversificação dos parceiros, drogas adquiridas, na maioria das vezes, em consignação (GRILLO, 2008; 2013), com uma venda pulverizada e na modalidade *delivery*.

---

<sup>58</sup> Tipo de cannabis de odor e efeito mais forte. Para fins de comparação, a maconha do tipo solta, sem aditivos químicos, tem cerca de 2 a 3% de THC (tetra-hidrocanabinol – substância psicoativa); no tipo prensado, com aditivos químicos, tem cerca de 4 a 6%. Já o Skunk, planta geneticamente modificada, pode chegar até 30% de acordo com sua espécie. É uma droga de alto valor comercial, podendo valer mais de R\$ 100,00 uma grama, a depender de sua origem.

<sup>59</sup> Outro derivado da cannabis, é exsudato resinoso seco, extraído do tricoma, das flores e das inflorescências da planta. Tem também uma ampla variedade que vai depender da planta na qual ele foi extraído. Com alto valor comercial, sua grama pode passar dos R\$ 110,00. O mais conhecido é o marroquino, produzido na região árabe de mesmo nome.

**4.1 “O tempo fechou na favela, é fera engolindo fera, quem não tem proceder já era.”<sup>60</sup>**

*Ai neguinho vou sentir saudades de você  
a malandragem na quebrada nunca vai te esquecer  
que Deus perdoe os humildes de bom coração  
a vida ensina de que vale o crime irmão...*  
(Atitude Feminina – Enterro do Neguinho)

No dia em que eu conheci o Pablo a primeira impressão que tive foi de que ele era rapaz tímido, tranquilo e “boa praça”. Era um dia na semana, como os demais rotinerizados no cotidiano da pesquisa, e eu havia acabado de chegar em um dos bares de costume. No período eu já chegava lá sozinha e contava com a ajuda e interlocução de alguns trabalhadores do local. Nesse dia, eles me convidaram para sentar em uma mesa com pouco movimento, onde haviam dois homens que eu nunca havia visto. Fiquei desconfiada a princípio, mas pensei que poderia se tratar de conhecer alguém que seria interessante para a pesquisa, como de fato foi. Então me juntei a eles na mesa, pedimos mais um copo e ficamos ali tomando cerveja e conversando sobre amenidades. Lembro que ríamos muito das piadas sobre os times Fortaleza e Ceará e assim ficamos por cerca de duas horas. Os rapazes se despediram, foram embora e só naquele momento o Antônio me informou que se tratava de Pablo, o traficante mais antigo do bairro.

Eu já havia escutado inúmeras histórias a respeito dele, todas sempre usando o nome na qual ele era conhecido na rua e no crime, o nome que alçou ele a categoria de “dono” da sua comunidade – “Cabrito” - e já havia chegado, inclusive, a pedir que me apresentassem a ele. No dia que finalmente o conheci, ele buscava construir uma outra história para si mesmo, como eu escutei posteriormente, e havia passado a se apresentar e preferir ser chamado por seu nome de batismo, e esse eu nunca tinha escutado falar. O que mais me intrigava nele era a diversidade de narrativas a seu respeito: algumas davam conta do seu processo de inserção no

---

<sup>60</sup> Trecho retirado da música Hora da Decisão, Criolo.

universo social do crime, da migração de assaltante para traficante e como ele chegou a sua atual posição na hierarquia; outras sobre como ele era gentil, atencioso, disposto e preocupado com o outro e com a sua comunidade; e, algumas, que falavam de como ele era uma pessoa simples e humilde.

Tantas coisas sobre uma mesma pessoa despertou minha curiosidade para o campo, considerando as possibilidades de conversas sobre a sua história de vida, desde as gangues, passando pela atuação como assaltante a mão armada e chegando ao tráfico e ao domínio do seu território em um cenário de tantas disputas e inconstâncias ao longo das demais comunidades do bairro. Não tive tempo de perguntar nada disso, o encontro narrado acima foi a única vez que estive em sua presença. Cerca de 15 dias depois ele foi executado dentro do seu território, local onde ele desfrutava de uma alta sensação de segurança, com cerca de quatro tiros de pistola ponto 40 à queima roupa.

O desfecho trágico da trajetória de Pablo é revelador das adversidades e perigos inseridos nesses contextos perversos de produção da morte de vidas matáveis (MALLART & GODOI, 2017). Nas histórias das disputas no bairro relacionadas aos pontos de comércio da droga no varejo, as execuções sempre aparecem como forma tanto de resolução dos conflitos, como de mudança na engrenagem da firma local do tráfico. Escutei narrativas diversas de execuções ocorridas da década de 90 aos dias atuais e vivenciei a perda de alguns interlocutores durante a pesquisa de campo. Escrever esse subitem é sem dúvida o mais difícil, pois, vivenciar e rememorar a perda de vidas humanas para uma guerra cruel e injusta, como a do crime, foi algo muito marcante na minha vida.

Um fato interessante nas narrativas desses tipos de mortes (assassinatos e/ou execuções relacionados à disputa territorial pelo comércio da droga) é que o ato em si não tem grandes detalhes (como aconteceu, quantos tiros, quantos homens, chegaram de moto ou carro) nas histórias que me foram narradas, contudo, o antes e o depois da ação são sempre carregados de pormenores, principalmente acerca das motivações e dos conflitos que levaram a aquele ato. Esses combates já fizeram muitas vítimas e tem contribuído significativamente para um estigma ainda maior nas comunidades, marcando as relações sociais desenvolvidas nos territórios com uma normatização da violência na vida cotidiana dos moradores e frequentadores dos locais (MACHADO DA SILVA, 2004).

Diferentemente da comunidade na qual Pablo teve o domínio por 20 anos, nos outros territórios do bairro há uma disputa mais forte com muitas mudanças e nomes diferentes ao longo do tempo. Um caso emblemático e muito narrado é o dos irmãos Matheus e Manuel que, no final dos anos 90, vendiam crack na comunidade Povo Guerreiro. O comércio se iniciou com Matheus a frente “[...] ele era matador, tinha fama, “arrepia” no local, mas um dia se envolveu numa briga aí mataram ele”. O trecho citado compõe o que retive na memória da fala de Antônio sobre os irmãos, contudo, essa narrativa, assim como várias outras, não dão conta dos detalhes do fato em si e, nesse caso, nem detalhes da ação que levou a execução. Após sua morte, seu irmão, Manuel, se mudou para outra comunidade do bairro e passou a comandar de lá o tráfico de drogas. Esse domínio também foi curto, menos de um ano: ele acabou morrendo em decorrência de um conflito causado pela batalha em outro território, na Região Metropolitana de Fortaleza.

Domínios territoriais de curta duração são características nas comunidades locais em virtude de elementos como: os assassinatos (decorrentes tanto de milícias como da disputa por áreas de comércio da droga), as prisões e a postura da própria comunidade, que colabora ou não com quem está no comando no momento. Há ainda o processo de faccionalização do crime que chegou no bairro fortemente arregimentando as comunidades, os “correrias” e os “patrões” presos para um dos quatro coletivos criminais, quais sejam: Comando Vermelho<sup>61</sup> (CV), Guardiões do Estado<sup>62</sup> (GDE), Primeiro Comando da Capital<sup>63</sup> (PCC) e Família do Norte<sup>64</sup> (FDN).

---

<sup>61</sup> “As principais organizações criminosas do tráfico a varejo no Rio de Janeiro surgiram dentro do sistema penitenciário durante a ditadura militar. [...] passaram a designar-se primeiramente como “Falange Vermelha” e, depois, pela imprensa, como “Comando Vermelho” (CV), nome que finalmente prevaleceu [em 1979]. [...] Seu lema era: “Paz, Justiça e Liberdade”. [...] Entre 1982 e 1985 consolidou-se um modelo de organização interligando em uma rede as quadrilhas atuantes no varejo, com base na proteção oferecida pelo CV dentro do sistema penitenciário. O modelo desenvolvido de uma organização em rede dentro do sistema penitenciário desde então divide-se em dois setores, um “intramuros” e outro “extramuros”. [...] Seu capital é o exercício, pela violência, do mandonismo na área, e os contatos com fornecedores intermediários (“mulas”) ou mesmo atacadistas. Em cada território dominado pelo tráfico organizou-se uma divisão de trabalho e uma hierarquia de poder [...]” (MISSE, 2011, p. 18). Portanto, o modelo produzido no Estado do Ceará apresenta características próprias, mesclando a sua origem com os elementos que compõem o universo social do crime local.

<sup>62</sup>Criada por volta de 2015, acredita-se que a origem da GDE tenha ocorrido a partir de uma torcida organizada no bairro Conjunto Palmeiras (Fortaleza - CE) e que tem como motivação o contraponto a

O termo nativo “correrias” costuma ser utilizado para referenciar as atividades dos envolvidos na engrenagem do tráfico de drogas. Usualmente, a literatura corrente sobre crime, principalmente no eixo Rio-São Paulo, define como “movimento”. O termo vem de “corre”, que é amplamente utilizado nas periferias da cidade para referenciar as lutas cotidianas pela sobrevivência, logo a “correria” aparece como a efetivação do “movimento”. As ações dos “correrias” podem ser grandes, médias ou pequenas, a depender da sua posição no universo social do crime.

Fui também observando em campo um processo de mutação em torno das armas de fogo. Antes da faccionalização do crime, havia uma espécie de ritual no uso da arma que a fazia circular por diversos crimes distintos, em comunidades diversas. Acompanhei certa vez a história de um revólver calibre 38 que circulou por pelo menos cinco comunidades, distantes geograficamente na cidade de Fortaleza, antes de voltar a ser usada no bairro Benfica. No período pós faccionalização há um uso mais ostensivo da arma de fogo e uma menor circularidade, agora a arma é de uma pessoa, em geral do traficante, e só circula entre “os seus correrias” dentro de um mesmo território.

O processo de faccionalização levou a uma disputa ainda maior no local pelo controle dos territórios de comercialização da droga. A consequência disto foram alianças, amizades e laços de famílias desfeitos quando cada qual escolheu

---

facções vindas de outros estados da federação, em especial o Comando Vermelho. Representado pelos números 745, que são referentes as posições das suas letras no alfabeto, é um coletivo criminal descentralizado, que tem uma liderança em cada bairro e atua fortemente no tráfico de drogas, roubo a banco e na explosão de carros fortes. Autointitulada como o “bonde do cangaço”, caracteriza-se por ações espetaculosas, como a Chacina do Gago, ocorrida em 2018 no bairro Cajazeiras, em Fortaleza; por arrematar menores de idade para a função de “matador”; e, a crueldade das suas ações. Tem como lema a expressão “Tudo nosso, nada deles”.

<sup>63</sup> O Primeiro Comando da Capital surge em agosto de 1993 dentro do sistema penitenciário paulista e logo se espalha pelas ruas da cidade de São Paulo. Tem como ideia base a necessidade de união e paz entre os bandidos e contra o “sistema”. É a mais organizada em termos de estrutura hierárquica, contando com grupos de decisões chamados de sintonia. (MANSO E DIAS, 2017). Para o PCC como “movimento” ver Biondi, 2014.

<sup>64</sup> De origem indefinida, a Família do Norte emerge como alianças entre grupos criminais interessados no monopólio do comércio de atacado e varejo do tráfico de drogas, sobretudo cocaína e maconha, na cidade de Manaus e na hegemonia sobre as rotas comerciais que permitem levar as mercadorias ilícitas dos produtores, na Colômbia e no Peru, ao mercado externo. Disputa ainda o domínio e a hegemonia da população carcerária no estado Amazonas. (SIQUEIRA, 2017).

seu lado na “guerra”; a outra consequência, foi o aumento no número de execuções em decorrência dessa nova configuração de crime, pois, agora, a expulsão se dá através da morte.

Uma das execuções mais emblemáticas desse período, e que dá início a uma disputa territorial sob o signo dessa nova conjuntura de acesso facilitado às armas de fogo, foi a de um interlocutor dessa pesquisa, o Cleiton: um jovem rapaz, de cerca de 16 anos, nascido e criado em uma das comunidades do bairro, e que se envolveu, logo cedo, no comércio da droga, seguindo os passos de alguns membros de sua família. Juntamente com o seu irmão, Diogo, eles passaram a fazer o controle do mercado de maconha e cocaína, no varejo e no atacado, na comunidade em que eles moravam. Diferente do seu irmão, Diogo já era maior de idade e havia sido preso pelo crime de tráfico em um momento anterior. Foi na prisão que ele se envolveu com a facção FDN, passando a atuar a partir das normas morais impostas pela a mesma, reconfigurando sua rede de aliados.

Eles logo cresceram na hierarquia do tráfico<sup>65</sup> e tornaram-se “respeitados” e “considerados” no bairro e na facção que integravam. No auge de suas atividades no mundo do crime, Cleiton passou a namorar uma moça, mais ou menos de sua idade, oriunda de uma outra comunidade do bairro. Esse relacionamento o fez expandir sua área de atuação, dividindo agora, juntamente com seu irmão, o controle do comércio de cocaína, durante um determinado período de tempo, em duas comunidades distintas do bairro, além de pontos de vendas fixos espalhados pelos territórios simbólicos.

Tive a oportunidade de conversar inúmeras vezes com Cleiton. Era um jovem “trabalhador”, como ele se auto definia, que se dedicava com afinco a engrenagem do tráfico na qual ele estava inserido. Gostava de andar sempre bem vestido, com roupas de marcas, dentre elas a preferida era a Nike. Certo dia ele me

---

<sup>65</sup> Sobre a hierarquia do tráfico e suas definições ver Zaluar, 2000. “[...] o traficante é aquele que tem capital para comprar grandes quantidades da droga, seja diretamente do produtor, seja de seus grandes distribuidores. Andam sempre armados e montam quadrilhas tanto para defender suas áreas de comércio quanto para cobrar dos seus *vapores* e *aviões* a droga entregue em “confiança”. [...] O *vapor* é aquele que recebe a droga no local e espera os fregueses. [...] O *avião* é o que vai até o freguês, ou melhor, o que “aponta o freguês” para o vapor e, ao mesmo tempo, vigia a polícia. [...]” p. 151. (Grifos do autor).

contou sobre as motivações que o mantinham no tráfico “[...] tô na pista é pra comer bem, me vestir bem, gosto da Nike, chego e compro logo, e gosto de tudo, como tô agora: o chinelo, a bermuda e a camiseta, tudo Nike. As gatinhas gostam de ver a gente nos panos [...]”. No universo simbólico do consumo de pessoas envolvidas com o mundo do crime sempre reverberam marcas que socialmente denotam algum tipo de status, há um processo mercadológico que fetichiza as mercadorias (MARX, 2011) transformando elas em objeto de desejo e aceitação social por parte daqueles que vivenciam processos de exclusão e invisibilidade nos seus locais periféricos de origem.

[...] os efeitos dessa lógica de consumo desenfreada produzem formas de exercer cidadania associadas somente à capacidade de apropriação de bens, e, desse modo, os processos de construção de identidades passam a ser pautados por aquilo que se possui ou no que se pode chegar a possuir. [...] Ao vestir determinadas marcas, se sentem um pouco mais distante da invisibilidade social que experimentam em determinados contextos. O consumo serve para compensar os efeitos desse processo ao qual se sentem expostos muitos jovens trabalhadores do tráfico. (RODRIGUEZ, 2013, p. 46-47).

Quando foi executado, Cleiton vivia o “auge” da sua caminhada no “corre”: ganhava grandes cifras de dinheiro, era especializado na venda de cocaína considerada de boa qualidade, estava “junto” com sua namorada, cuja família também estava inserida na circularidade do tráfico, e tinha o domínio de quase todas as engrenagens de uma microempresa do tráfico de drogas. Havia inclusive uma grande sensação de segurança da sua parte, pois, para ele, no seu território nada lhe aconteceria. No entanto, foi em um dos lugares onde era possível vê-lo mais à vontade que aconteceu a execução. Era uma sexta feira e como sempre acontecia nos meses que antecederam a chacina, o bairro Benfica estava lotado de jovens. Cleiton, mesmo tendo seus “correries”, gostava de ficar pessoalmente nos espaços simbólicos de maior concentração de pessoas no bairro realizando a venda da sua mercadoria e exercendo pressão e controle sobre os demais. Eram espaços de grande sensação de segurança, até então.

Por volta de 23h ele tomava cerveja com um grupo de amigos, dentre eles seu irmão e sua namorada, quando um rapaz que não era estranho para eles, já que também havia crescido no bairro, se aproximou, sacou uma pistola ponto 40 e

disparou cerca de 5 tiros contra ele à queima roupa. Enquanto o pânico tomava conta dos presentes naquele espaço lotado, o algoz de Cleiton seguia calmamente, pistola na mão, em direção a moto que estava ligada no ponto para a sua fuga. Nos momentos seguintes, o que se viu foi o desespero de Diogo que não acreditava que seu irmão mais novo estava morto e sua namorada, ao invés de lágrimas, procedeu o esvaziamento dos seus bolsos, retirando a droga e o dinheiro antes da chegada da polícia.

Esse episódio foi definitivo na vida de Diogo, depois disso o que se escuta falar é que ele “[...] virou bicho ruim, mata por qualquer coisa, ele caçou quem fez isso com o irmão [...]”; “[...] eu acho na verdade é que ele ficou sem bater bem depois que o Cleiton foi morto sabe, ele já não era o irmão mais inteligente, agora tá paranoico, só anda armado, tem medo até da sombra, tá cheirando [cocaína] muito também. Mas ele tá arrepiando no corre [...]”. Não só a vida dele foi marcada por esse episódio, o local virou palco para outros conflitos e disputas que se efetivaram através das execuções. O próprio algoz de Cleiton continuou cometendo uma série de assassinatos ao longo do território do bairro e na praça.

A narrativa acima corrobora com as características que Barreira (2016) aponta ao falar do aumento dos números relacionados a violência e aos homicídios, em especial de jovens menores de idade na cidade de Fortaleza:

[...] o aumento da violência e das taxas de homicídio não pode ser explicado apenas pelo tráfico de drogas, pois o fenômeno se insere em um cenário mais amplo. [...] um aspecto importante [...] é a substituição da arma branca pelo armamento de fogo como instrumento do crime. Tal substituição demonstra [...] o aumento [...] [da] mortalidade das ações. [...] a diminuição da faixa etária das vítimas destas agressões [...] a entrada precoce dos jovens no mundo do crime, como agressor e, principalmente, como vítima [...] [e mostra] a vulnerabilidade do jovem neste âmbito da violência difusa. (p. 94-97).

Esse cenário vai se complexificando à medida em que o crime passa a ser ordenado por organizações que buscam a normatização do comércio nos territórios objetivando o lucro. Se antes o bairro era dividido por pessoas que escolhiam fazer parte do comércio da droga, mas sem ligação com a estrutura do crime, não armado e não violento, agora, nesse novo panorama conjuntural toda ação tem um elo, toda mercadoria tem um dono e todo dono tem uma facção

criminal. Esses elementos ora são aliados, ora são inimigos e o que define isso são os acordos costurados dentro dos presídios e não mais a disputa da rua. Nos locais onde predomina o tráfico de pista, as novas e violentas regras, assustam e afastam muitos daqueles que durante anos participaram do micro tráfico; nas comunidades, no entanto, onde ele sempre foi violento, o que muda com a nova configuração é o grau dessa violência.

As duas execuções citadas acima, de Pablo e Cleiton, inauguraram um momento de intenso combate, com baixas de ambos os lados, entre duas das quatro facções em atuação no bairro, o CV e a GDE. Essa disputa tem por objetivo a anexação dos territórios simbólicos do bairro – as comunidades já haviam sido anexadas previamente - como área de controle, comercialização e hegemonização de determinado coletivo criminal. Em decorrência desta, mais de 15 mortes ocorreram nos últimos dois anos e, muitas das vítimas, eram interlocutores com as quais eu tive bastante proximidade e diálogo. A cada morte próxima a mim eu me afetava de tal forma que passava dias longe da pesquisa e do texto em produção vivendo o luto causado por aquela guerra.

Dentro desse contexto, houve uma execução que foi muito marcante para mim, pois eu estive com ele horas antes da ação, a do Michel. Esse rapaz era um “correria” de muitos “patrões” na área mas não chegava a ter um envolvimento direto na engrenagem do crime e já havia morado em várias comunidades, muitas das mudanças ocorriam por dívidas. No período que antecedeu sua morte, eu o encontrava quase todos os dias nos locais onde havia comércio de droga no bairro e sempre que falava com ele percebia que estava ficando mais magro com o passar do tempo. O consumo e o vício em drogas sintéticas, como é o caso da cocaína e do crack, são elementos que transformam a pessoa tanto fisicamente quanto emocionalmente, nos últimos tempos haviam aumentado os rumores que ele estaria viciado e que estaria com dívidas de drogas novamente.

Uma das primeiras lições que me foi ensinada no campo é que não se deve dividir espaços com alguém com dívidas com o tráfico, pois, na hora do “acerto”, algo poderia acontecer comigo. Mesmo diante dos alertas, eu cumprimentava as pessoas que, como falavam, estavam “marcadas para morrer” e fazia questão de tentar saber como elas estavam e, a partir disso, dialogar sobre o que era do interesse para a pesquisa. E assim procedi no dia da morte do Michel.

Era um domingo e eu havia me deslocado para um restaurante próximo a um dos locais de comércio da droga para almoçar. Sozinha, sentei em uma mesa, pedi uma cerveja e o almoço e fiquei aguardando quando chegaram alguns interlocutores e perguntaram se poderiam sentar comigo. Consentii e todos se sentaram, inclusive Michel.

Passei a tarde ali sentada com eles conversando sobre assuntos diversos e por volta de 16h eu precisei me retirar do local, então me despedi de todos e combinamos que mais tarde poderíamos nos encontrar novamente, já que eu pretendia voltar a noite. Um tempo depois, contudo, recebo uma ligação de um interlocutor muito nervoso me perguntando se eu já sabia o que tinha acontecido. Fiquei surpresa, comentei que havia passado a tarde no bairro e nada havia ocorrido. Foi quando percebemos, eu e o interlocutor, que o fato havia ocorrido pouco depois de eu sair do local: Michel havia acabado de ser executado com quatro tiros de pistola ponto 40<sup>66</sup>.

Imediatamente me desloquei para o local da morte e lá chegando encontrei todos que mais cedo haviam dividido a mesa comigo. Ao perguntar como foi a ação, me surpreendi novamente com a questão da familiaridade e a aparente facilidade: o rapaz havia chegado, dado voltas de moto ao redor do local, no termo nativo ele “passou os panos”, desceu, sentou em uma mesa, tomou uma cerveja e ficava falando em tom alto que estava ali para resolver uma pendência, supostamente ele procurava o amante da esposa, e saiu. Voltou outras duas vezes, sempre agindo da mesma forma até que ele chegou na mesa em que o Michel estava. Lá chegando ele sentou e começou a dizer que na verdade estaria ali procurando “alguém do CV”, qualquer um, ele só queria resolver uma “parada”. Passado um tempo ninguém que efetivamente compõe o “corre” apareceu no local. Foi quando ele anunciou “já que não tem ninguém vai ser tu mesmo” e sacou uma pistola ponto 40 cromada – para alguns presentes no local, o brilho da pistola sendo

---

<sup>66</sup> A pistola .40 foi criada nos anos 70 a pedido do FBI. Isso aconteceu depois de uma perseguição em que dois agentes foram mortos por fugitivos. Como um dos criminosos levou 12 tiros antes de parar de atirar, a polícia percebeu que precisava de uma arma com maior poder de parada – e desenvolveu a .40. A bala tem um furo na ponta que se abre no momento em que atinge o alvo, causando um alto impacto. Seu pente é carregado com 16 balas. De produção nacional, ela só pode ser vendida a forças policiais. Fonte: <https://super.abril.com.br/comportamento/pistola-40/>. Acessado em 29 de maio de 2018.

sacada foi o que os salvou de serem vítimas, pois, logo que eles viram saltaram para debaixo da mesa, buscando se proteger dos tiros que estariam por vir – e disparou cerca de quatro tiros em Michel, cuja a única reação foi proteger o rosto. Seu corpo magro foi jogado longe com a proximidade na qual os tiros foram disparados. Após a ação, o executor, tal como no caso do Cleiton, se dirigiu a moto, com arma em punho, aparente tranquilidade e empreendeu fuga.

Nos meses seguintes várias outras pessoas foram executadas no bairro, algumas por dívidas com traficantes, a grande maioria, no entanto, pela disputa do controle dos territórios de comércio da droga. Uma dessas execuções ocorreu em uma parada de ônibus, onde foram disparados mais de 10 tiros que atingiram, além do alvo, que foi executado com cerca de 8 tiros, outras pessoas que passavam pelo local. A arma de fogo é sempre do mesmo tipo, uma pistola de calibre 40. De fácil manuseio e fabricação nacional, é uma arma curta com maior letalidade, 16 tiros e uma bala que se fragmenta dentro da pessoa atingida.

Esses conflitos tornam visíveis territórios antes invisíveis do ponto de vista da disputa. Além disso, as mortes agem reconfigurando simbolicamente os espaços, que passam a ser estigmatizados como o local que “a qualquer momento eu posso levar um tiro”, e as vítimas, que se tornam as “envolvidas”, “vítimas colaterais” ou uma “fatalidade”. Por outro lado, não há, por parte do poder público, uma política de ocupação desses espaços que combata a violência não apenas com a ocupação policial, mas que estimule os usos diversos. O que se viu no Benfica foi um processo de esvaziamento dos locais e uma consequente maior insegurança, pois locais escuros e não ocupados geram medo de ser vítima da violência e da criminalidade, além de impactar na vida cotidiana dos empreendedores locais que tem na diversidade dos usos desses lugares sua fonte de renda. As vítimas também passam por um processo de morte que é também simbólica (SÁ, 2016). Ser executado e ter essa morte relacionada às disputas territoriais, aparece, na maioria das vezes, como uma justificativa para a morte e morto não fala, não se defende, não diz seu ponto de vista, é apenas o envolvido que “recebeu o que merecia”.

É no período da noite que ocorrem a maior quantidade de conflitos no bairro e é nesse período também que se concentram as mortes. São inúmeras narrativas das noites sob o signo do medo de que qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento nas comunidades, enquanto nos demais espaços de lazer e

sociabilidade do bairro a sensação de medo é muito maior em torno das modalidades de crime contra a pessoa. Esse cenário sofre uma alteração com a chacina do Benfica.

Mais uma chacina em Fortaleza, a 4ª do ano e essa com um total de 07 mortos e 07 feridos. O cenário? Um bairro universitário e boêmio, encontro natural de diferentes tribos, local de lazer e sociabilidades diversas. [...] Eram por volta de 23h30min dessa noite quente e abafada e tudo transcorria dentro da normalidade: pessoas bebendo, conversando, comendo, dançando, música tocando, vozes altas, risadas... e um tiro. E depois veio outro, outro, mais outro e uma sequência de cerca de 30 tiros. Depois do primeiro tudo foi muito rápido, rápido como um piscar de olhos em câmera lenta: correria, mesas e cadeiras no chão, copos e garrafas quebrando, pessoas em pânico e nenhum agente de segurança pública no local. [...] Só vimos a primeira viatura chegar cerca de 5min após o fim dos tiros. (MORAES, 2018, p. 1).

O que se seguiu a esse cenário foi um momento de desespero e destruição. Em uma única noite, foram efetuados mais de 50 disparos de arma de fogo com alto poder de letalidade, em três locais diferentes, sequenciais e simbólicos, de forma aleatória, onde 7 foram executados sumariamente e cerca de 15 pessoas ficaram feridas, 2 em estado grave. Em um dos espaços haviam centenas de pessoas. O episódio foi tratado pela mídia local como algo “chocante”, afinal foi a primeira chacina (das 4 que já ocorreram no Estado no ano de 2018) a acontecer em um bairro próximo ao Centro, boêmio e um dos mais tradicionais da Cidade.

Os corpos violentados ficaram lá, caídos, marcados pelos furos produzidos pela intensidade dos tiros, com sangue se avolumando no entorno, choro e um discurso, por parte do poder público, que objetivava justificar o injustificável. As jovens vítimas tinham entre 21 e 33 anos e uma destas era interlocutor desta pesquisa. As mortes marcaram o bairro de tal forma que os usos dos espaços foram redefinidos a partir da lógica da insegurança de ser vítima dessa disputa que “chegou” no local. Utilizo o termo entre parênteses por ser a percepção de uma parte da comunidade que acredita que o crime “chegou” no bairro recentemente. Contudo, os dados, já apresentados, mostram um cenário de disputa há pelo menos 10 anos, após a faccionalização do crime novos arranjos se formam e uma disputa mais acentuada se intensifica.

Há em curso uma nova lógica balizada por uma sociabilidade violenta que normatiza a violência como ferramenta de resolução dos conflitos. No Benfica essa lógica produz, além da violência interpessoal, execuções que são utilizadas como instrumentos de resolução dos conflitos e das disputas territoriais pela venda e o comércio da droga no varejo. O processo de faccionalização do crime complexificou ainda mais esse cenário facilitando o acesso a armas de fogo, arregimentando pessoas que, buscando crescer na hierarquia do crime, estão dispostas a matar e morrer nessa guerra onde os mortos são como corpos descartáveis e matáveis, e, os introduzindo em um universo social com um leque bem mais amplo de conexões.

#### **4.2 “Quando eu cheguei no corre não tinha guerra.”<sup>67</sup>**

A territorialização das disputas não é algo novo na história dos conflitos sociais do bairro, como aponta Diógenes (1998) em sua pesquisa sobre as gangues e galeras da cidade de Fortaleza. Há inclusive algumas similitudes quando comparamos as gangues e as facções. Ambas atribuem uma essência a organização e as ações, sempre com a necessidade de destaque na operacionalização de dispositivos diversos e “[...] [inserindo os atores] dentro de uma rede de “proteção paralela”, onde a “circularidade da violência” condensa a proteção e agressão, onde atacar torna-se a regra básica de segurança.” (p. 176).

A grande diferenciação reside no grau de letalidade adotado em um processo de disputa que criminaliza os territórios e os usuários destes. Enquanto nas gangues a territorialidade era simbólica, com projeções de campos de guerra e refúgio (DIÓGENES, 1998), na era da faccionalização, não é só o território simbólico que está em disputa e sim todo o espaço definido geograficamente como bairro Benfica, há em curso um processo de anexação dos territórios dividindo a cidade, sitiando ela em grupos diversos e com pretensões de hegemonização; ademais, o

---

<sup>67</sup> Essa fala foi dita por um interlocutor que vende drogas ilícitas (maconha e cocaína) no varejo há muitos anos no bairro e vivenciou o período anterior e posterior a faccionalização. Em uma das idas a campo, tive a oportunidade de conversar com ele durante mais de três horas onde ele contou sua trajetória de vida e como foi seu processo de entrada no crime e na facção.

próprio local tornou-se um campo de guerra a céu aberto com conflitos interpessoais, bem como os pautados a partir das normas morais e as brigas causadas pelo controle dos mercados ilícitos de drogas.

O que eu estou chamando de processo de faccionalização do crime são eventos e acontecimentos que indicam uma maior ação de grupos criminais advindos de outros estados, como o CV, o PCC e a FDN, que passaram, após o processo de pacificação no ano de 2016, a arregimentar e “batizar” membros em comunidades de Fortaleza que já eram conhecidas pela atuação no tráfico de varejo. Paralelo a isso, foi gestado um grupo criminal local denominado GDE, cujas ações se caracterizam pela violência, crueldade e a participação de menores de idade no cometimento dos crimes (BARREIRA, 2018). Durante esse processo, houve uma mudança na forma de ser do crime no local, pois, agora entram outros elementos: a ampliação do uso das armas de fogo e, com isso, o aumento da tensão e da possibilidade de conflito “em qualquer local”; a busca por hegemonização do comércio de drogas, com conflitos diversos entre antigos aliados e sucessivas tentativas e execuções; e, os esforços pela imposição de regras de mercado através de variados tipos de microrregulações (TELLES & HIRATA, 2007).

As ampliações das disputas pelos comércios da droga através das armas de fogo, tornaram as incursões em campo difíceis e perigosas. Não raros foram os momentos em que eu presenciei conflitos, como o dia da tentativa de execução do Mário. Era por volta de 19h e eu estava em uma casa próximo a entrada de uma comunidade. De repente muitos gritos romperam o barulho do trânsito pesado que ocorria naquele momento. Os gritos eram, na maioria, de mulheres e crianças e pareciam todos muito assustados. Em seguida se escuta um estampido, seguido de mais outros três em questão de segundos e um silêncio após os estampidos. Passado esse primeiro momento, decidimos, eu juntamente com os interlocutores que estavam comigo naquele momento, adentrar a comunidade e ver o que tinha acontecido. “Chegaram pelas duas entradas aí desceram bala na janela do Mário [...]”. Estevão andava de um lado ao outro nervoso, a sua maior preocupação eram as crianças “E se pega um tiro nelas? [...]”

O clima era de pavor generalizado! Mário havia acabado de sofrer uma tentativa de execução e a população estava apavorada, muita gente do lado de fora de suas casas, ocupando a pequena rua da comunidade. Com Mário nada ocorreu.

Sua casa tem um janelão gradeado e ele, como sempre, estava trancado por trás dela, ao perceber e ouvir o primeiro tiro ele se escondeu e não foi acertado por nenhum. Segundo escutei depois, Mário reconheceu quem foi lá “fazer o serviço” e “resolveu a parada”, deixando assim, ao menos por enquanto, de ser um alvo. Agora ele estuda por mais segurança no local “[...] fiquei sabendo que depois dessa ele quer botar câmeras nas duas entradas, tem que botar mesmo, fazia nem um mês que já tinha ocorrido a execução do Souza e a invasão do Raio<sup>68</sup> [...].” (Antônio).

A execução citada na fala do interlocutor havia ocorrido cerca de um mês antes da tentativa sofrida por Mário. Souza era um rapaz “considerado” na comunidade, vendia e consumia cocaína regularmente, além de participar de roubos e trabalhar como piloto de fuga. Era figura constante nos bares do bairro, sempre muito bem vestido, simpático e prestativo. Segundo as narrativas, ele estava no local errado e na hora errada. Pouco tempo antes da ação, ele havia se dirigido a uma das casas da comunidade para consumir cocaína. Ao chegar lá, ele encontrou um homem que buscava comprar e consumir crack. Gilmar prontamente o ajudou na compra e, em seguida, eles se direcionaram ao local de consumo. Em seguida, a comunidade foi cercada e invadida: por uma entrada foram dois homens em motocicletas, com armas de fogo e *balaclavas*<sup>69</sup>, pela outra entrada um carro com

---

<sup>68</sup> “O Batalhão de Policiamento de Rondas e Ações Intensivas e Ostensivas (BPRaio) da Polícia Militar do Ceará (PMCE) é uma especializada fundada há 14 anos, em 12 de março de 2004. O BPRaio surgiu para inovar o policiamento com motos dentro de Fortaleza, a partir da necessidade de vencer os congestionamentos e transpor com relativa facilidade obstáculos existentes nas vias, além de ter vantagem na abordagem a veículos de duas rodas. O Raio tem atualmente 13 bases fixas no interior do Ceará, nos municípios de Juazeiro do Norte, Sobral, Russas, Quixadá, Iguatu, Tauá, Crateús, Itapipoca, Canindé, Crato, Acaraú, Aracati e Beberibe, além de mais cinco bases fixas na Região Metropolitana de Fortaleza: Eusébio, Maracanaú, Maranguape, Caucaia e Horizonte. As equipes patrulham com três motocicletas e quatro policiais militares, ou com quatro motocicletas e cinco PMs e cada integrante de equipe tem uma função específica. A motocicleta utilizada tem alta cilindrada, o que oferece maior ostensividade na atuação. Há uma padronização de fardamento e equipamentos, armamento e treinamento. Entre os policiais militares que compõem uma equipe, um deles faz a função de garupa, que porta uma arma longa, sendo o responsável pela segurança da equipe e pela primeira intervenção nas abordagens a pessoas em situação suspeita. O efetivo total da especializada é de 1504 policiais militares, sendo 41 oficiais e 1463 praças.” Fortaleza conta com 48 equipes Raio. Fonte: <https://www.sspds.ce.gov.br/2018/03/23/referencia-nacional-bpraio-completa-14-anos-de-atuacao-no-ceara-em-plena-expansao/>. Acessado em 27 de junho de 2018.

<sup>69</sup> A palavra tem origem na língua russa *balaklava* e a touca recebeu esse nome provavelmente em referência à cidade que tem o mesmo nome. A cidade de Balaklava fica localizada entre a Rússia e a Ucrânia, na região da Crimeia. É um gorro confeccionado normalmente com malha de lã (misturada com tecidos elásticos) que se veste de forma ajustada na cabeça até o pescoço. Sua função tradicional é a proteção contra o frio. Algumas polícias permitem seu uso pelos agentes de segurança, mas isso varia conforme a decisão de cada corporação. Em geral o uso da touca por

mais quatro homens da mesma forma, adentraram com armas em punho e em direção a casa em que ambos estavam realizando o consumo das drogas e os executaram.

Narrativas e ações como essas se multiplicam ao longo do território do bairro com as incursões cada vez mais ostensivas das facções criminais pela disputa do comércio da droga, que tencionam os conflitos e elevam os desafios de estar em campo. “O que está em jogo nisso tudo são microrregulações do negócio da droga, a sua face miúda, poderíamos dizer, que se conecta com os fatos e circunstâncias, artefatos e redes sociais que compõem a vida local. ” (TELLES & HIRATA, 2007). Ressalto ainda que a complexificação do cenário só ocorreu após a expansão dos “batizados” vinculados as facções criminais. Antes disso, a disputa local era mais pontual e concentrada, principalmente, nas comunidades. Posteriormente, os conflitos passam a ser espalhados em todos o território do bairro, concentrando-se nos espaços simbólicos.

Diante disso, a organização das atividades relativas ao comércio local das drogas é o que mais sofre alterações com a normatização do crime advindo da faccionalização. Por tráfico de drogas entendo os coletivos que se constituem “[...] enquanto ‘redes horizontais de proteção e ajuda mútua’, voltadas para a articulação da defesa das suas áreas de atuação comercial. ” (GRILLO, 2013, p. 51). E por facção compreendo coletivos criminais que se organizam em torno de domínios locais de longa duração, com maior expressão e conexão, e um rearranjo de lideranças locais do tráfico, que passam a se caracterizar pelo aumento substancial das regulações, demonstrações de força e violência. Esses dois fenômenos sociais, articulados, atuam no território como elemento que causa a exclusão social, o afastamento de grupos antes considerados aliados e uma sensação de se viver em um bairro dividido e com alguns pontos sitiados.

No período anterior a faccionalização a organização dos mercados da droga era mais informal e descentralizada, com territórios menores de domínio e conflitos mais pontuais e era formado por famílias, nativos e pessoas que vivem no

bairro há bastante tempo, sem uma relação direta com a criminalidade violenta ordinária. Exemplo disso é a história do Adriano: nativo do bairro, nasceu e cresceu em uma das comunidades e, juntamente com a mãe e as irmãs, assumiu as funções do tráfico ainda menor de idade, vendendo principalmente crack e cocaína. Nas narrativas dos moradores, Adriano é frequentemente lembrado como um jovem que se perdeu muito cedo, em virtude do envolvimento com o crime e das apreensões dele enquanto menor de idade, além de sua agressividade nas “paradas”. Após a maioridade, o mesmo já foi preso outras três vezes, onde encontra-se até o presente momento. Responde por roubo, porte ilegal de armas e formação de quadrilha.

A história dele é emblemática por marcar o momento anterior a faccionalização do crime, cuja a única “organização criminal” na qual ele tinha envolvimento era com a família e os mercados ilícitos que circulavam no entorno deles. Na prisão, contudo, Adriano parece ter se envolvido com uma facção criminal oposta à que domina atualmente a comunidade na qual ele teve o domínio em outrora. Nesse novo momento, se instala o debate acerca da legitimidade ou não dele voltar ao território quando ao fim do cumprimento de sua pena. Para uns “[...] ele tem que voltar né, ele é daqui [...]”; para outros “[...] não tem mais espaço aqui pra ele [...]”. A família dele continuou no território e seguem realizando o comércio de crack e cocaína associados a facção que domina o local. Vale ressaltar que essas aproximações e distanciamentos são situacionais “[...] proporcionada pela fragmentação dos territórios de favelas e prisões em facções, assim como se fragmentam um estádio de futebol em diferentes torcidas.” (GRILLO, 2013, p. 57).

A estrutura do tráfico de drogas no bairro, atualmente, se assemelha a uma organização empresarial com maior ou menor grau de concentração a depender da frequência e da intensidade dos mercados ilícitos. Há implícito nessa estrutura uma busca por mais controle não só dos pontos de venda das drogas, mas também em saber de onde vem a droga que está sendo vendida e quem são os “correrias” que as estão “repassando”. A família de Adriano é emblemática do momento anterior a essa nova lógica: nativos do local, eles atuavam em atividades que se situam entre o legal e ilegal, no ramo de empréstimos a juros, conhecido popularmente como agiotagem; se organizavam como uma empresa familiar onde cada um desempenhava um papel organizacional na engrenagem do comércio de

drogas - a mãe atua como a “dona do pedaço”, enquanto os filhos e primos fazem, respectivamente, as funções de gerente<sup>70</sup>, endolador<sup>71</sup>, vapor<sup>72</sup> e avião<sup>73</sup>.

As dinâmicas do tráfico são geridas localmente e a organização dessas atividades comerciais é chamada de *firma*, em alusão ao seu aspecto empresarial. [...] o “*business model*”, se caracteriza por uma estrutura hierarquicamente estratificada, pelas relações empregador-empregado, a verticalidade dos fluxos de capital, a distribuição dos territórios para a atuação e a fixidez dos preços para a venda. (GRILLO, 2013, p. 59-60) (grifos meus).

Além da família de Adriano, existem outros grupos que controlam o comércio ilícito no bairro com atuações nas comunidades e nos locais simbólicos. Essas “firmas”, no entanto, vivenciam nos últimos anos um processo de seletividade, pois, com o fenômeno da faccionalização do crime, só se mantêm aquelas que estabelecem alianças com os novos arranjos de domínio local, ou aquelas que sobrevivem a guerra. Ao longo do território do bairro se espriam diversos pontos de venda de droga, as bocadas, algumas geridas por um comando armado e amplo, que são fixadas em um território e com estrutura organizacional, outras conduzidas por uma lógica de domínio que se efetiva através da pressão e do medo exercido sobre os demais; que estão em violentas disputas pela sua gestão, principalmente pelo CV e GDE.

Outra figura presente nessa disputa e ainda muito marcante na dinâmica local é o microtraficante (LESSING, 2008), revendedores individuais, autônomos, não faccionalizados, com baixa margem de lucro, cujo fluxo de vendas é baixo e que funciona, muitas vezes, no modelo *delivery*. Como durante muito tempo os domínios locais se davam nas comunidades, se espalhou ao longo dos espaços simbólicos

---

<sup>70</sup> “Gerente da boca – responsável pelo funcionamento (venda e defesa do território) de um ponto de venda na favela (boca de fumo).” (Rodriguez, 2013, p. 29).

<sup>71</sup> “Endolador – embala e prepara a droga para o consumo. Trabalha em locais e esconderijos específicos, como barracos e casas usadas somente para esta função.” (Rodriguez, 2013, p. 29).

<sup>72</sup> Vendedores diretos da droga no varejo, também conhecidos como correrias. Para mais detalhes ver Zaluar (2000), Barbosa (2001) e Misse (2011).

<sup>73</sup> “[...] trabalham longe da “boca” ou até mesmo fazem a revenda [da droga] em outros lugares. ” (MISSE, 2011, p. 19).

esse outro tipo de articulação das atividades comerciais para dar conta da venda, cada vez mais crescente, de maconha e cocaína. Nesse modelo, chamado de *free-lance model* “[...] os atores cooperam voluntariamente e se associam em transações pontuais, cujos termos do acerto são negociados entre as partes; podendo ou não se estender por relações comerciais mais regulares; havendo uma ampla diversificação de parceiros; e as drogas sendo pagas à vista ou em consignação [...]” (GRILLO, 2013, p. 60).

No Benfica os dois modelos, *business model* e *free-lance model*, coexistem, se misturam e se hibridizam gerando uma realidade própria na dinâmica do crime local. Contudo, há em curso uma disputa que busca uma macrorregulação do comércio da droga, determinando de qual grupo comprar, quem pode ou não vender, qual tipo de droga será comercializada e qual é o preço base que todos devem seguir, abaixo disso é considerado deslealdade na disputa pelo cliente. Os agenciamentos cotidianos (TELLES & HIRATA, 2007) buscam garantir que “só os nossos” possam realizar o comércio e tantas outras práticas ilícitas, onde até roubar é permitido, diferentemente de outras comunidades da cidade de Fortaleza faccionalizadas, desde que o roubo seja efetivado por alguém leal que compõe a o universo social do crime local.

O “corre” no bairro se efetiva através de alianças laterais de seus membros que constituem diagramas de poder que tangenciam uma conjunção de fluxos expressos em um sistema de ação que envolve diversos elementos, tais como: drogas, armas, dinheiro, mulheres, status, poder e pertencimentos (BARBOSA, 2001). Seu capital é exercido através da violência e do mandonismo que busca garantir, além da manutenção dos pontos de venda das drogas, um ambiente com maior grau de controle e coerção, onde a venda e o consumo passam a ser regulados por regras morais próprias criadas pelo crime local.

## 5 CONCLUSÃO

Era o dia de jornada de luta em defesa dos direitos das mulheres e havia um evento realizado pela gestão do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da UFC na concha acústica, que fica localizada dentro do prédio da reitoria. No local iria se apresentar, dentre várias atrações, uma banda bastante conhecida no meio universitário por ser progressista e feminista, a Damas Cortejam. A festa começou cedo, por volta das 18 horas, e muitos estudantes se deslocavam ou faltavam as aulas para ir “curtir”. Aos poucos, o espaço foi sendo tomado por jovens dos mais diversos tipos.

As noites de sexta feira no bairro sempre foram muito movimentadas pelo circuito de bares e espaços de lazer, compondo as diversificadas sociabilidades do território. Nesse dia, contudo, havia um movimento ainda maior. Por todas as partes se viam grupos de jovens rindo e se divertindo juntos. Os bares estavam lotados e em alguns havia até fila por uma mesa. O semestre letivo na UFC havia iniciado a cerca de um mês e, como acontecia a cada novo semestre, muitos jovens passavam a vivenciar o bairro e ter naquele circuito seus locais encontro e diversão.

Após o fim do evento na concha acústica, centenas de jovens saíram dispersando pelas ruas do bairro, muitos em direção à praça da Gentilândia, onde fica localizado o complexo de bares conhecidos como “Bar da Loura”, que costuma oferecer cervejas a baixo custo buscando atrair o público universitário e popular. A praça estava tomada por dezenas de mesas e cadeiras que se amontoavam dividindo espaço com as barracas que já estavam montadas e carregadas de frutas e verduras para a feira do dia seguinte. Muitas destas barracas acabavam virando “mesas” improvisadas quando não havia nenhuma outra disponível.

Quem saiu ao final do evento acabou ficando sem mesa: na praça já haviam centenas de jovens bebendo e socializando, os que foram chegando, após o evento, começaram a ocupar os espaços em pé, disputando as poucas cadeiras que restavam ou sentando nas barracas. O burburinho das muitas vozes se misturava com as músicas tocadas nas variadas caixinhas de som que estavam em cima de boa parte das mesas, enquanto isso alguns jovens improvisavam uma pista de dança onde todos executavam os mesmos passos de um *funk* da moda.

Foi no meio desse cenário que ocorreu a quarta chacina em Fortaleza e região metropolitana<sup>74</sup>, a primeira em uma área considerada central e de classe média. Os mais de 50 tiros chocaram os moradores e frequentadores do local, que mesmo diante das execuções anteriores já ocorridas no bairro, jamais puderam imaginar que algo com tamanha proporção poderia acontecer. O cenário de guerra e terror tomou conta daqueles que instantes antes, se divertiam. As mesas e cadeiras se amontoavam no chão quebradas, muitas garrafas e copos estavam estilhaçados, e os bares tentaram fechar as portas para conter o avanço da multidão que tentava se proteger do ataque. Os tiros aleatórios duraram cerca de cinco minutos, longos e intermináveis para quem estava correndo na loteria da vida. Os outros bares do bairro, como em efeito dominó, se esvaziaram e as pessoas saíram assustadas com a quantidade de tiros disparados ao mesmo tempo.

Quando os tiros cessaram foi o momento de buscar amigos, contabilizar os feridos e torcer para não ter havido nenhuma morte. Não foi o caso. Na praça, três pessoas foram executadas sumariamente, um dos corpos parecia não ter conseguido reagir, estava sentado no chão, meio de lado, como se tivesse caído com o impacto e sem reação; o outro estava sentado em uma das barracas-mesas e também não demonstrava ter tido qualquer tipo de reação, sobre ele sua namorada chorava e gritava pedindo para ele acordar; o terceiro estava mais a frente, de costas e havia levado vários tiros, ele foi o único que, ao se dar conta que alguém caminhava em sua direção com a arma em punho, correu buscando se salvar, ainda assim acabou sendo alvejado com mais de cinco tiros de pistola ponto 40 nas costas. Depois disso, os executores se deslocaram por mais dois pontos simbólicos do bairro, a sede de uma torcida organizada e um cruzamento próximo a uma grande escola, e fizeram mais quatro vítimas, perfazendo sete no total.

Execuções sumárias fazem parte da história dos conflitos territoriais por pontos de comércio ilícito da droga no varejo no bairro. Mesmo no período anterior a

---

<sup>74</sup> As chacinas ocorridas foram as seguintes: a primeira foi registrada em Maranguape, no mês de janeiro, onde morreram quatro pessoas; a segunda, em fevereiro, deixou quatorze mortos e ocorreu no bairro Cajazeiras, em Fortaleza; a terceira foi 72 horas após a última e em decorrência desta, onde foram executados dez internos dentro de uma cadeia pública, em Itapajé. Após a chacina do Benfica, no mês de março, já ocorreram outras três: uma em Quixeramobim, com quatro mortos; outra em Palmácia, com cinco mortos; e, por fim, uma no bairro Vila Manoel Sátiro, com três mortos. No total, mais de 44 pessoas morreram vítimas da guerra pelo domínio dos territórios.

faccionalização do crime, esse tipo de morte já aparecia nas narrativas como forma de resolução de conflitos. Contudo, sempre houve um processo de distanciamento desse tipo de crime quando ocorria no bairro, isto é, as mortes “justificadas” pela mídia ou pelo poder público, não inseriam o bairro no *hall* dos mais violentos, tampouco dos que estariam em disputa e, muito menos, dentre os quais se sente medo de ser vítima de um tiro ou uma bala perdida.

No entanto, a realidade de disputa pelos mercados ilegais colocou o Benfica na rota de ações violentas e de uso das armas de fogo como instrumento de coação, poder e morte. As execuções que ocorreram ao longo dos anos e a chacina no território inscreve o local além do processo difuso de violência, onde a vítima não é qualquer um, mas sim aquele preferencialmente matável, considerado “envolvido” e com “passagem”. O caráter difuso dessas ações reside no fato de que qualquer um, ao estar dividindo o mesmo local com aqueles marcados para morrer, podem ser vítimas.

Nos locais simbólicos do bairro, em especial na praça da Gentilândia, a percepção de estar próximo a alguém marcado para morrer é quase inexistente, uma vez que no imaginário dos frequentadores, a “disputa só atinge quem é envolvido nela”. E os “envolvidos” são jovens, “descolados”, bem vestidos, “boa praça”, exatamente como são os “não-envolvidos”. A linha tênue que faz a separação desses mundos está muito mais pautada na desigualdade de oportunidades na vida de cada um do que no perfil físico que eles exibem.

Dessa forma, a chacina não foi algo isolado, ao contrário, foi um evento crítico inserido na disputa que perpassa a anexação dos espaços e dos pontos de comércio da droga no varejo no bairro, sobretudo representado nas facções criminais. Contudo, essa disputa de fato só foi vista e sentida com mais intensidade pelo conjunto da população que frequenta e mora no bairro, após a chacina. Há, portanto, uma percepção da chacina como um marco de visibilidade para vários atores sociais que fazem uso do espaço. No entanto, é preciso não perder de vista que os moradores das comunidades periféricas do bairro, os “envolvidos” e a rede no em torno deles, já sentiam os solavancos e a brevidade da vida no meio dessa guerra cruel e injusta. Para eles, as execuções como forma de resolução dos conflitos não é algo novo.

Este trabalho foi fruto de uma intensa e constante pesquisa de campo que não finalizou todas as questões. Muito do que foi abordado ao longo do texto fica em

aberto justamente por ser a realidade social algo em processo de mutação. Busquei aqui problematizar um bairro considerado de classe média perpassado por uma disputa territorial e dos comércios das drogas ilícitas no varejo. Não tive a pretensão de esgotar as análises, ao contrário, busquei levantar questões sobre um processo de disputa que perpassa a vida cotidiana de todos aqueles que fazem uso do espaço.

Por fim, a pesquisa também não se esgota nessa dissertação. O campo segue em disputa e eu, como pesquisadora, sigo buscando compreender e problematizar esse processo. O objetivo agora é estudar mais detalhadamente acerca dos contextos que levaram a esses processos.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Conflitualidade e violência: reflexões sobre a anomia na contemporaneidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 19-47, 1998.

\_\_\_\_\_. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 84-135, 2002.

AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. O legal e o ilegal no cotidiano da Praia de Iracema. *In*: BARREIRA, César; BARREIRA, Irllys (Orgs). **Etnografias na Cidade: redes, conflitos e lugares**. Campinas: Pontes Editora, 2016, p. 45-68.

\_\_\_\_\_. **Príncipes e Castelos de Areia: Performance e Liminaridade no universo dos grandes roubos**. Tese. Universidade de São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2010.

BEATO, Cláudio; PEIXOTO, Betânia Totino; ANDRADE, Mônica Viegas. Crime, oportunidade e vitimização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 73-90, 2004.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo social: da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

BARBOSA, Antônio Rafael. As armas do crime: reflexões sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 165-176, 2001.

BARREIRA, César. Violência difusa, medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade. **Revista Brasileira de Sociologia**, São Cristovão, v. 1, n. 1, p. 217-242, 2013.

\_\_\_\_\_. Insegurança, medo e crueldade no cenário urbano de Fortaleza. *In*: \_\_\_\_\_; BARREIRA, Irllys (Orgs). **Etnografias na Cidade: redes, conflitos e lugares**. Campinas: Pontes Editora, 2016, p. 89-111.

\_\_\_\_\_; BARREIRA, Irllys Alencar F. Campos de ajuda e modos de pertencimento: um mapa moral da representação política em campanha eleitoral. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 307-335, 2012.

BARREIRA, Irllys Alencar F. “Vazios” e “misturas”: classificações socioespaciais sobre o centro da cidade. *In*: BARREIRA, César; \_\_\_\_\_ (Orgs). **Etnografias na Cidade: redes, conflitos e lugares**. Campinas: Pontes Editora, 2016, p. 17-43.

BIONDI, Karina. **Junto e Misturado: uma etnografia do PCC**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.

\_\_\_\_\_. **Etnografia no Movimento**: território, hierarquia e lei no PCC. 2014. 336p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, São Carlos, 2014.

BRASIL. Departamento Penitenciário Nacional. Ministério da Justiça. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias** – Infopen 2014. Brasília, 2014.

BRASIL, Glaucíria Mota et al. **Cartografia da Criminalidade e da Violência de Fortaleza**. Relatório de Pesquisa. Fortaleza, 2014. Disponível em: < [uece.br/ppgsociologia/index.php/arquivos/doc\\_download/24](http://uece.br/ppgsociologia/index.php/arquivos/doc_download/24)>. Acesso em: 23 abril 2014.

CEARÁ, Assembleia Legislativa do Estado do. **CADA VIDA IMPORTA**. Relatório final do Comitê Cearense pela prevenção de homicídios na adolescência. Fortaleza, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. Trad. Epharaim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CIDADANIA, Instituto Terra Trabalho e. **Manual dos Direitos dos Presos**. Cartilha. São Paulo, 2015. Disponível em: < [http://ittc.org.br/wp-content/uploads/2015/09/manual\\_direitos\\_dos\\_presos.pdf](http://ittc.org.br/wp-content/uploads/2015/09/manual_direitos_dos_presos.pdf)>. Acesso em: 18 agosto 2018.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DAS, Venna. Entre palavras e vidas: um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos: entrevista com Venna Das. **DILEMAS**: Revista de estudos de conflito e controle social, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 335-356, 2012.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: Gangues, galeras e o movimento hip hop. 1998. 381p. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

ENGEL, Cintia Liara et al. (Coord). **Diagnóstico dos homicídios no Brasil**: subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2015.

ESPINOSA, Nicolás. Etnografia de la violencia en la vida diaria. Aspectos metodológicos de un estudio de caso. **Informe de investigación**. Universitas Humanística, Bogotá, n. 67, p. 105-125, 2009.

GRILLO, Carolina Christoph. **Coisas da Vida no Crime**: tráfico e roubo em favelas cariocas. 2013. 280p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. O “morro” e a “pista”: Um estudo comparado de dinâmicas do comércio ilegal de drogas. **Dilemas**, Rio de Janeiro, 2008, p. 127 a 148.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Les Mots, la mort, les sorts**. Paris: Galimard, 1977.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de Tensão**: política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo. Ed. UNESP. CEM Cebrap. 2011.

IGARAPÉ, Instituto. **Alternativas para a Segurança e o Desenvolvimento**. Relatório de atividades 2012. Rio de Janeiro, 2012.

IVO, Anete B. L. A periferia em debate: questões teóricas e de pesquisa. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 9-15, 2010.

LESSING, Benjamin. As facções cariocas em perspectiva comparativa. Trad. Hélio de Mello Filho. **Novos Estudos CEBRAP – Dossiê Segurança Pública**, São Paulo, v. 80, p. 4-62, 2008.

LIMA, Celina Amália Galvão; SANTOS, Walberto Silva dos; AQUINO, Cássio Adriano Braz de. **Censo Penitenciário do Estado do Ceará**. Fortaleza: 2014.

LIMA, Renato Sérgio de; BUENO, Samira. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014**. São Paulo, ano 8, 2014.

LINS, A.; TEIXEIRA, Yuri et al. “**A guerra por outros meios**”: as transformações sociais do crime em fortaleza. *In*: Encontro de Iniciação Científica, XXXVI, Fortaleza: UFC, 2017, v. 2, p. 686.

LUNECKE, Alejandra. Inseguridad ciudadana y diferenciación social en el nivel microbarrial: el caso del sector Santo Tomás, Santiago de Chile. **EURE**, Santiago de Chile, v. 42, n. 125, p. 109-129, 2016.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.19, n.1, p. 53-84, 2004.

\_\_\_\_\_. “Violência urbana”, segurança pública e favelas - O caso do rio de janeiro atual. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, 2010.

MAGNANI, José Guilherme; SOUZA, Bruna Mantese de (Org). **Jovens na Metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MALLART, Fábio; GODOI, Rafael. Vidas matáveis. *In*: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.). **BR 111**: a rota das prisões brasileiras. 1ed. São Paulo: Veneta, 2017, p. 21 a 33.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. PCC, sistema prisional e gestão do novo mundo do crime no Brasil. **Revista Brasileira Segurança pública**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 10-29, 2017.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislaçÓo e desigualdade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 151–167, 2003.

MARQUES, Adalton. **Crime e proceder**: um experimento antropolÓgico. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2014.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia polÍtica. Livro 1: o processo de produçÓo do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad.: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify. 2003.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MISSE, Michel. Crime organizado e crime comum no Rio de Janeiro: diferençAs e afinidades. **Revista Sociologia PolÍtica**, Curitiba, v. 19, n. 40, p. 13-25, 2011.

\_\_\_\_\_. “Sobre a acumulaçÓo social da violênciA no Rio de Janeiro”. **Civitas**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 371-385, 2008.

MORAES, Suiany Silva de. **Medo, violênciA e insegurançA**: tramas e trajetos no cotidiano do bairro Benfica Fortaleza - CE. Trabalho de ConclusÓo de Curso (graduaçÓo) – Universidade Federal do CearÁ, Departamento de CiênciAs Sociais, Curso de CiênciAs Sociais, Fortaleza, 2015, 97 p. (MIMEO).

\_\_\_\_\_. Conflitos, Sociabilidades e ViolênciAs em um TerritÓrio Estigmatizado: percepçÓes iniciais acerca do polo de lazer Luiz Gonzaga – Fortaleza CE. *In*: **Anais do V SeminÁrio Internacional ViolênciA e Conflitos Sociais**: CriminalizaçÓo, Controle e Punição. Fortaleza: 2016.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. **Patrimônio e memÓria local**: o estado da arte do inventÁrio de referênciAs culturais do bairro Benfica. Revista Trajetos, Fortaleza, v.7, n. 13, p. 1-17, 2009.

OLIVEIRA, Adriano. As peçAs e os mecanismos do Crime Organizado em sua atividade tráfcico de drogas. **DADOS – Revista de CiênciAs Sociais**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 4, p. 699-720, 2007.

PAIVA, Luiz FÁbio Silva. “No centro da periferia”: notas sobre como os moradores do Conjunto CearÁ falam da vida e da violênciA no bairro. *In*: BARREIRA, César; BARREIRA, Irllys. **Etnografias na Cidade**: redes, conflitos e lugares. Campinas: Pontes Editora, 2016, p. 135-171.

\_\_\_\_\_. **ContingênciAs da violênciA em um territÓrio estigmatizado**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2014.

PEQUENO, Luiz Renato Bezerra (Org.). **Como anda Fortaleza**. Rio de Janeiro: Letra Capital: ObservatÓrio das MetrÓpoles, 2009.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. **Lugares no Bairro**: uma etnografia no Benfica. Universidade Federal do Ceará: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008, (Mimeo).

\_\_\_\_\_. Identidade de lugar no Benfica: Distinção, discurso e divisão simbólica no bairro. **GeoTextos**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 49-66, 2009.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Sociologia da Violência**: do conceito às representações sociais. Brasília: Verbaná Editora, 2010.

RODRIGUEZ, Andrea. **Labirintos do tráfico**: vidas práticas e intervenções – em busca de saídas possíveis. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

SÁ, Leonardo. **Guerra, mundo e consideração**: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. 296 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

\_\_\_\_\_. Os bairros populares e a orla marítima da cidade de Fortaleza: a produção social do crime nas favelas à beira-mar. *In*: BARREIRA, César; BARREIRA, Irllys. **Etnografias na Cidade**: redes, conflitos e lugares. Campinas: Pontes Editora, 2016, p. 113-134.

SIQUEIRA, Ítalo B. L. **Rebeliões, fugas, motins e massacres**: crises no sistema penitenciário do Amazonas. *In*: Seminário Internacional de Pesquisa em Prisão, 3º, Recife: Anais – 3º Seminário Internacional de Pesquisa em Prisão, 2017.

TELLES, Vera da Silva. Nas dobras do legal e do ilegal: Ilegalismos e jogos de poder nas tramas da cidade. **Dilemas** - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5-6, p. 97-126, 2009.

\_\_\_\_\_; HIRATA, Daniel Veloso. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 173-191, 2007.

VIANA, Claudia Maria de Pontes et al (Coord). IPECE. **Perfil Municipal 2017 – Fortaleza**. Fortaleza, ano 1, jan. 2018.

VIANA, Waldiane Sampaio. **Manifestações Homofóbicas em Espaços Públicos**: praça da Gentilândia em Fortaleza. Universidade Federal do Ceará: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2009, (Mimeo).

VELHO, Gilberto. **Um Antropólogo na Cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. FLASCO Brasil. **Mapa da Violência 2014**: os jovens do Brasil. Versão Preliminar. Brasília, 2014. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)>. Acesso em: 26 abril 2015.

WHYTE, William F. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

### \*Matérias de Jornal

A VIOLÊNCIA no Brasil mata mais que a guerra da Síria. El País, Rio de Janeiro, 11 dezembro 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1513002815\\_459310.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1513002815_459310.html)>. Acesso em 23 maio 2018.

BEZERRA, Renato; LOPES, Livia. Violência no Benfica assusta frequentadores do Bairro. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 03 abril 2013. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/violencia-no-benfica-assusta-frequentadores-do-bairro-1.249769>>. Acesso em: 8 abril 2018.

CENÁRIO tranquilo do bairro Benfica dá lugar a multiplicação de muros altos e cercas elétricas. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 03 janeiro 2017. Disponível em: <<https://tribunadoceara.com.br/noticias/segurancapublica/cenario-tranquilo-do-bairro-benfica-da-lugar-a-multiplicacao-de-muros-altos-e-cercas-eletricas/>>. Acesso em: 8 abril 2018.

COSTA, Izabel; MALANA, Lazart. Em uma década, taxa de homicídios cresce 136%. **O Povo**, Fortaleza, 28 maio 2014. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/05/28/noticiasjornalcotidiano,3257625/em-uma-decada-taxa-de-homicidios-cresce-136.shtml>>. Acesso em: 8 abril 2018.

FREQUENTADORES do bairro Benfica, em Fortaleza reclamam de assaltos. **Portal G1**, Fortaleza, 04 abril 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/07/frequentadores-do-bairro-benfica-em-fortaleza-reclamam-de-assaltos.html>>. Acessado em: 8 abril 2018.

MORAES, Suiany Silva de. Crônica de uma noite de terror. **O Povo**, Fortaleza, 10 março 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/cronica-de-uma-noite-de-terror.html>>. Acesso em: 8 abril 2018.

MOTA, Lucas. Moradores do Benfica protestam contra a falta e segurança no bairro. **O Povo**, Fortaleza, 07 agosto 2015. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2015/08/07/noticiafortaleza,3482731/moradores-do-benfica-protestam-contr-a-falta-de-seguranca-no-bairro.shtml>>. Acesso em: 8 abril 2018.

MOTORISTA de ônibus é morto a tiros no bairro Benfica. **Portal CNews**, Fortaleza, 06 março 2017. Disponível em:

<[http://cnews.com.br/cnews/noticias/110070/motorista de onibus e morto a tiros no bairro benfica](http://cnews.com.br/cnews/noticias/110070/motorista_de_onibus_e_morto_a_tiros_no_bairro_benfica)>. Acesso em 8 abril 2018.

RIBEIRO, Matheus. Alunos se dizem assustados com onda de violência nos campi da UFC. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 17 julho 2016. Disponível em: <<https://tribunadoceara.com.br/noticias/segurancapublica/alunos-se-dizem-assustados-com-onda-de-violencia-nos-campi-da-ufc/>>. Acesso em: 8 abril 2018.

**\*Sites acessados**

**ABORDAGEM POLICIAL.** E-GOV. UFSC. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/conteudo/abordagem-policial>>. Acesso em: 15 julho 2018.

**BALACLAVA.** Wikipédia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Balacclava>>. Acesso em: 27 junho 2018.

**CENSO 2010.** IBGE. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 8 abril 2018.

**CÓDIGO DE ÉTICA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA.** SBS. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/portal/images/docs/codigoetica.pdf>>. Acesso em: 09 julho 2018.

**INDICADORES CRIMINAIS 2018.** SIP/AAESC/SSPDS. Disponível em: <<https://www.sspds.ce.gov.br/estatisticas-2/>>. Acesso em: 8 abril 2018.

**INSTITUTO FEDERAL TECNOLÓGICO DO CEARÁ.** Disponível em: <<https://ifce.edu.br/aceso-a-informacao/Institucional>>. Acesso em: 15 julho 2018.

**PISTOLA .40.** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/pistola-40/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

**REFERÊNCIA NACIONAL: BPRAIO COMPLETA 14 ANOS DE ATUAÇÃO NO CEARÁ EM PLENA EXPANSÃO.** Governo do Estado do Ceará. Disponível em: <<https://www.sspds.ce.gov.br/2018/03/23/referencia-nacional-bprai-completa-14-anos-de-atuacao-no-ceara-em-plena-expansao/>>. Acesso em: 27 junho 2018.

**REGIONAIS.** Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais/regional-IV>>. Acesso em: 29 maio 2018.

**REGISTROS.** Onde Fui Roubado. Disponível em: <<http://www.ondefuiroubado.com.br/fortaleza/CE/estatisticas>>. Acesso em: 8 abril 2018.

**SIGNIFICADOS.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/madrinha/>>. Acesso em: 09 julho 2018.

## APÊNDICE A

### **Crônica de uma noite de terror**

Mais uma chacina em Fortaleza, a 4ª do ano e essa com um total de 07 mortos e 07 feridos. O cenário? Um bairro universitário e boêmio, encontro natural de diferentes tribos, local de lazer e sociabilidades diversas. Era uma sexta-feira à noite e o diferencial desta era o intenso movimento proveniente de uma calourada em defesa dos direitos das mulheres realizada na concha acústica da Universidade Federal do Ceará.

Depois da calourada, muitos jovens ainda se amontoavam nas duas praças do bairro (Gentilândia e João Gentil), indo e vindo em um circuito de lazer que abarca todo o entorno, composto por diversos bares e restaurantes. Eu, particularmente, acho incrível isso: pessoas resistindo e ocupando as praças e as ruas em um bairro/cidade apavorada pela insegurança e intranquilidade. Mas como ocupar as ruas diante dessa realidade que nos avassala?

Eram por volta de 23h30min dessa noite quente e abafada e tudo transcorria dentro da normalidade: pessoas bebendo, conversando, comendo, dançando, música tocando, vozes altas, risadas... e um tiro. E depois veio outro, outro, mais outro e uma sequência de cerca de 30 tiros. Depois do primeiro tudo foi muito rápido, rápido como um piscar de olhos em câmera lenta: correria, mesas e cadeiras no chão, copos e garrafas quebrando, pessoas em pânico e nenhum agente de segurança pública no local. Fato interessante de se observar: era uma sexta, com festa, bairro lotado, mas nem os dois policiais que costumam fazer a ronda a pé na praça se encontravam no local. Só vimos a primeira viatura chegar cerca de 5min após o fim dos tiros.

Após esse momento de total desespero foi o momento de achar os amigos em meio ao caos instaurado. Enquanto muitas pessoas apenas gritavam nomes aleatórios, como quem pergunta em voz alta se fulano está aí, outros percorriam os corpos (3 no total) buscando não vê ali o rosto do seu amigo/companheiro/colega. Os corpos violentados estavam banhados de sangue e cada um em uma posição diferente, ao redor deles muitos curiosos, mas também

amigos agarrados aos corpos sem conseguir processar tudo aquilo que estava acontecendo.

Em paralelo, pessoas tentavam socorrer os feridos (um rapaz e uma moça) que se desesperavam no chão enquanto muito sangue se avolumava ao redor deles. No entorno o cenário de guerra era visível, triste e assustador. Um dos bares estava com suas portas completamente destruídas devida a intensa correria de pessoas buscando fugir dos tiros.

Quase que simultaneamente, outros dois locais do bairro foram atacados a tiros: a sede da torcida organizada (TUF) e um rua no entorno. Nesses dois ataques houveram outras 03 mortes. Mais de 50 tiros foram disparados em uma só noite no bairro, que, logo em seguida, como se tivesse chorando pelas mortes, foi banhado por uma chuva torrencial.

Nessa chacina mais uma vez a grande protagonista foi a arma de fogo sob o signo da disputa de facções. E nessa leva, vão embora jovens vítimas (dessa vez elas tinham entre 21 e 33 anos) de uma política de segurança pública que não chega na ponta, que não protege nem evita. Até quando seguiremos nessa disputa cruel e injusta nas ruas? Uma das formas de se combater a violência é ocupar os espaços públicos, mas como diante do atual cenário? Nos trancaremos em casa? Viraremos refém dos nossos próprios medos ou da realidade?

O problema atual da violência urbana é algo complexo que vai muito além das drogas sendo comercializadas. Há em curso uma nova lógica balizada por uma sociabilidade violenta que normatiza a violência como ferramenta de resolução de conflitos. É preciso aprofundar o debate de uma cultura de paz, além de ter coragem para encarar de frente as desigualdades sociais e o debate da descriminalização das drogas como elementos chaves para combater esse contexto de medo e insegurança; além da urgente necessidade de uma política de segurança pública inteligente e unificada, capaz de se adiantar aos fatos e efetivamente impedi-los.

MORAES, Suiany Silva de. Crônica de uma noite de terror. **O Povo**, Fortaleza, 10 março 2018. Disponível em:

<<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/cronica-de-uma-noite-de-terror.html>>. Acesso em: 8 abril 2018.